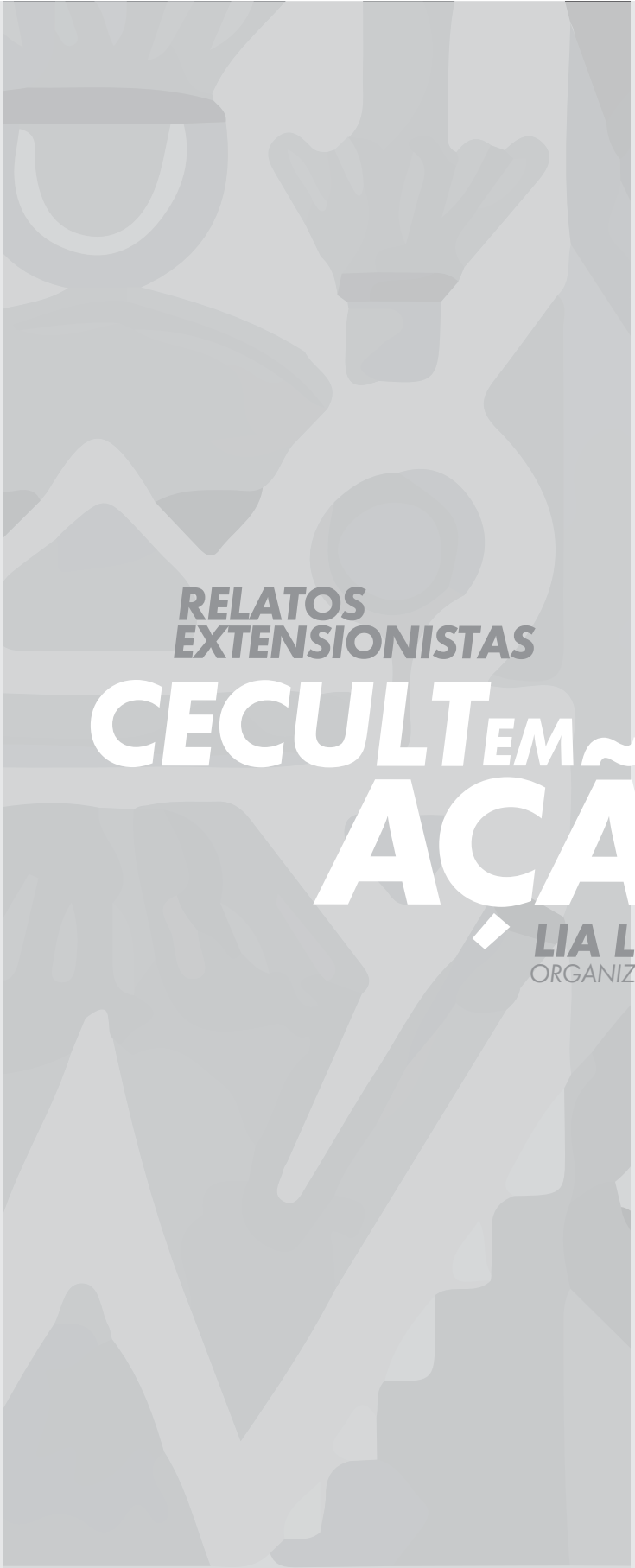
RELATOS EXTENSIONISTAS

CECULT EM AÇÃO

LIA LORDELO
ORGANIZADORA

CECULT UFRB
Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas

UFRB
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia



RELATOS EXTENSIONISTAS

CECULT EM AÇÃO

LIA LORDELO
ORGANIZADORA

1º EDIÇÃO
2018
SANTO AMARO-BA

CECULT UFRB
Centro de Cultura, Linguagens
e Tecnologias Aplicadas

UFRB
Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia

Copyright (c) 2018 dos Autores, cedidos para esta edição ao CECULT/UFRB - Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

ORGANIZAÇÃO
Lia Lordelo

PROJETO GRÁFICO
Daniel Marques

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Daniel Marques

REVISÃO E NORMALIZAÇÃO
Lia Lordelo

R382 Relatos extensionistas: Cecult em ação [recurso eletrônico] / Organizadora: Lia Lordelo. – Santo Amaro, BA: Autor, 2018.

132 p.

1 Livro digital.

Vários autores.
Disponível em: http://www1.ufrb.edu.br/bibliotecacecult/
ISBN: 9788559710571

1. Extensão universitária. 2. Universidades e faculdades.
3. Ensino Superior. I. Título. II. Lordelo, Lia.

Bibliotecário: José Raimundo Paim – CRB5-1481.

SUMÁRIO

06 **Apresentação: um centro em movimento**
LIA DA ROCHA LORDELO

08 **O BICULT e o "Santo Amaro Integração Cultural"...**
ARMANDO CASTRO

12 **Laboratório de dança contemporânea: corpos moventes em processo**
CAROLINA DINIZ

16 **Gestão cultural mundo afora: Compartilhando experiências de gestão cultural através da ação extensionista**
DANIELE CANEDO

22 **III Paisagem Sonora - Mostra Internacional de Arte Eletrônica do Recôncavo da Bahia**
DANILLO BARATA, CLAUDIO MANCEL DUARTE, TATIANA LIMA

28 **As rodas de saberes e formação: extensão da universidade na cidade de Santo Amaro**
EDMILSON XAVIER, JULIANE SANTOS, MURILLO DE JESUS, RITA DE CÁSSIA DIAS PEREIRA ALVES

32 **A extensão no ensino: a relação com comunidades do recôncavo no componente "diversidade, cultura e relações étnico-raciais"**
ELGA LESSA DE ALMEIDA

36 **Leitura de partitura e prática de conjunto: a formação de uma orquestra brasileira no CECULT UFRB**
FABRÍCIO DALLA VECCHIA, MICHÆL IYANAGA

40 **Viver Sem Precisar Crescer: roda de conversa e trocas de saberes com Giacomo D'Alisa e povos de Santo Amaro**
FELIPE MILANEZ, ELDER RIBEIRO, MICHEL ROSA

46 **ProELI- Programa de Extensão em Língua Inglesa CECULT/NUVEM/UFRB: Narrativas do início da trajetória**
FRANCIANE ROCHA, FLAVIUS ALMEIDA

52 **Lugar de memória, identidade e significados: Arquivo de Som e Imagem Dalva Damiana de Freitas (ASID)**
FRANCISCA MARQUES, URIEL SANTANA, CAROLINE MORÆS, DIOGO NADDEO, ARILMA CONCEIÇÃO

58 **Artes do espetáculo e interdisciplinaridade: a contribuição da iluminação cênica para diferentes atividades de extensão**
JOÃO SANCHES

SUMÁRIO

64 **AGBÈ – Laboratório de Práticas Musicais: Construção de uma experiência de ensino e extensão em música**
JORGE VASCONCELOS

70 **Música e a Arte no Abrigo São Domingos**
LAYNO PEDRA, JORGE VASCONCELOS, LORENA P. SILVA

76 **Yanka Rudzka - Semente**
MACIEJ ROZALSKI

80 **Cineclube Guido Araújo: um espaço para formação de novos públicos em Santo Amaro**
MARIA LAURA BEZERRA, GISELLE CASTRO

84 **A extensão implicada na permanência acadêmica: o caso do pet acesso, permânencia e pós permanência**
MURILLO DE JESUS, RITA DE CÁSSIA DIAS PEREIRA ALVES

88 **Cidade em foco: extensão como possibilidade de interpretação da vida urbana**
RONEY GUSMÃO

94 **Curso de extensão de contraponto tonal: novas abordagens pedagógicas unindo ensino, pesquisa e extensão**
SÓLON DE ALBUQUERQUE MENDES

98 **Coletivo Novos Cachoeiranos: relato de experiências**
SÓLON DE ALBUQUERQUE MENDES, FELIPE PASSOS

102 **Interdisciplinaridade e diálogo entre ensino e extensão - relatos de experiência sobre o Experimento Afro-jazz recôncavo**
SÓLON DE ALBUQUERQUE MENDES, MARIANA TERRA MOREIRA

108 **Clube da Radiola: discos de vinil como ponto de partida para pensar a cultura**
TATIANA LIMA

114 **Bordando a cidade**
THAÍS BRITO

120 **Para além dos muros acadêmicos: Programa de Língua Portuguesa, Literatura e Formação Continuada (ProLLi)**
WALESKA MARTINS, ADRIANO OLIVEIRA, RUBENS DA CUNHA

126 **Laboratório de Gambiarras Aplicadas (LabOGAM)**
GUILHERME SOARES

LIA DA ROCHA LORDELO
GESTORA DE EXTENSÃO – CECULT

APRESENTAÇÃO: UM CENTRO EM MOVIMENTO

Ao longo de seus quatro anos de existência, sendo três destes com seu principal bacharelado em funcionamento, o CECULT – Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia tem trabalhado intensamente em todas as três frentes que compõem o que costumamos chamar de tripé universitário – no ensino, concebendo e gestando cursos de graduação e pós-graduação; na pesquisa, articulando núcleos e projetos de investigação interdisciplinares que amparam os projetos da pós-graduação, bem como organizando seminários e encontros em níveis local e internacional; e por fim, na extensão, fundando e multiplicando programas, projetos e atividades (BAHIA, 2017) que vão desde ações pontuais a longos e integrados programas de trabalho e atuação para e com a comunidade de Santo Amaro e imediações.

Costumamos dizer, deste lugar da gestão[1], que o CECULT tem uma vocação extensionista. Uma fúria extensionista, quase. São tantas iniciativas que, daqui, até nós corremos o risco de perder a conta. O CECULT não para. Levando em conta, assim, esta vocação tão bonita e a necessidade que temos de divulgar mais e melhor nossas ações, dentro e fora da universidade, lançamos uma chamada para a criação e publicação de um livro digital, o **CECULT EM AÇÃO**, com relatos de experiências extensionistas em nosso centro[2].

1 Sucedi, na gestão da extensão, as professoras Francisca Helena Marques e Daniele Pereira Canedo, as quais tiveram a enorme responsabilidade de implantação e pleno funcionamento desta área dentro do CECULT.

2 O nosso centro responde à Pró-Reitoria de Extensão, na administração central da UFRB, e conta com o apoio e orientação inestimáveis da atual Pró-Reitora Tatiana Ribeiro Velloso.

São relatos de ações curtas, como visitas a instituições, palestras de divulgação do nosso curso; até narrativas sobre ações mais robustas, que envolvem trabalhos de formação por meio de linguagens artísticas – música, cinema, poesia, dança etc; ações de formação continuada complementares à formação regular no bacharelado, de produção e difusão da cultura dentro do território, bem como de atividades de cultivo, preservação e renovação das tradições culturais que caracterizam o Recôncavo. Em todas elas, por mais diferentes que sejam e por mais que difiram em escopo e profundidade, acredito que é possível enxergar o que estou tentando dar o nome de inteireza – cada ação só pode ser desempenhada por aquela autora ou autor, porque diz de sua formação, de sua prática, de suas preocupações e de seus desejos. Nelas, vejo também a centralidade da experiência, tal como o filósofo Larrosa Bondía já teorizava num pequeno, mas precioso artigo de alguns anos atrás: se costumamos pensar a educação do ponto de vista da relação entre a ciência e a técnica ou, ainda, do ponto de vista da relação entre teoria e prática, talvez o ponto de inflexão esteja em pensá-la a partir do par experiência/sentido (BONDÍA, 2002); a experiência não como algo que se passa, mas como algo que nos passa - que nos acontece, que nos toca. Pessoalmente, acredito que entender e viver a extensão sob esta perspectiva é o modo de praticá-la em toda sua potência – em sua dimensão comunitária, sua ânsia de transformação, de aplicação e de retorno ou contrapartida.

Reunir esses relatos é, por fim, um modo de o CECULT inclinar-se sobre sua produção nestes primeiros anos de existência para melhor entendê-la – olhando com cuidado e carinho para as coisas é que podemos transformá-las. E transformar as coisas é, talvez, uma das mais nobres missões de uma universidade pública nos dias de hoje.

REFERÊNCIAS

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, 19, 20-28, 2002.

BAHIA. Conselho Universitário. Resolução 38/2017. Dispõe sobre a aprovação das normas que disciplinam as ações de Extensão Universitária no âmbito da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas, Bahia, 2017.

01

ARMANDO CASTRO

O BICULT E O "SANTO AMARO INTEGRAÇÃO CULTURAL"...

Este breve texto é um relato, quase "causo", acerca do evento "BICULT na Santo Amaro Integração Cultural", ação de extensão realizada pelo Colegiado deste curso[1], no dia 04 de novembro de 2015. A partir de minipalestras, o objetivo era apresentar e divulgar o Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (BICULT) e os cursos de segundo ciclo do CECULT/UFRB para os estudantes e professores do ensino médio de Santo Amaro, Bahia.

Integrando a programação oficial do "Santo Amaro Integração Cultural"[2], evento maior, de iniciativa da Prefeitura Municipal de Santo Amaro, através de sua Secretaria de Cultura[3] em parceria com o CECULT/UFRB, esta experiência extensionista reservou aos docentes e discentes um conjunto significativo de aprendizagens acerca dos desafios e possibilidades da ação extensionista, enquanto dinâmica interdisciplinar, cultural e científica que procura promover a interação e transformação da Universidade e os demais agentes da socieda-

1 O Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas é o primeiro curso do CECULT/UFRB. Seu primeiro colegiado (Julho/2014 a Julho/2016) teve como integrantes os/as docentes Armando Castro (Coordenação), Nadja Vladi (Vice-Coordenação), Thaís Brito, Roney Gusmão, Rita Dias, Daniele Canedo, Raquel Rennó e representantes estudantis Raíssa Lima e Joanderson Santos.

2 Realizado entre 01 e 30 de novembro de 2015, foi composto por Oficinas de qualificação, Feira das Artes, Som de Barzinho, Exposições, Mapa da Palavra, Contação de Histórias, Literatura, Artesanato, Cultura Popular, Grafitagem, Inclusão Sociocultural e Cidadania.

3 Secretário: Rodrigo Veloso.

de, mas, também, enquanto ato político radicalmente imbricado com a qualidade da condição e experiência humana (FORPROEXT, 2012).

No Colegiado, após as discussões acerca da relevância e desenho do evento, o consenso era acerca da necessidade de poucas projeções, da reserva de tempo ao final para perguntas, de uma narrativa dinâmica e do convite a alguns discentes do BICULT para testemunharem sobre sua impressão e experiência acadêmica. Estas seriam estratégias mais "sedutoras" e coerentes, por conta da quantidade de conteúdo a ser apresentada, uma vez que seriam disponibilizadas informações sobre sete cursos.

Para tanto, foram escalados/convidados/as as/os professores Regiane Oliveira (Design Digital), Iara Sydenstricker (Tecnologias do Espetáculo), Jorge Vasconcelos (Licenciatura em Música Popular Brasileira e Licenciatura Interdisciplinar em Artes), Daniele Canedo (Política e Gestão Cultural), Armando Castro (Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias e o de Produção Musical). Dos discentes das duas primeiras turmas (2014 e 2015), participaram Nayack Saturnino, Joanderson Santos e Murillo Pereira.

Alguma semanas antes da realização do evento de apresentação dos cursos, uma situação incomum passou a existir, a partir de comentários realizados por discentes santamarenses: a Câmara de Vereadores, enquanto local disponibilizado pelos organizadores... A preocupação apresentada versava sobre a possibilidade de não haver quórum, por conta das indisposições políticas da cidade, das relações existentes (ou inexistentes) entre as escolas e o poder governamental municipal. Em outras palavras, resistências ao espaço e seu universo de representação poderiam ser registradas através de ausências.

Após a Gestão de Extensão do CECULT[4] apresentar o assunto aos demais organizadores, as respostas informavam, não somente a impossibilidade de outro local para aquele dia/horário, como a certeza de haver público, dado que a Prefeitura garantiria transporte aos estudantes e professores, e que isto estaria comprometido, inclusive, via ofício expedido às unidades escolares.

A decisão, então, foi a de respeitar a orientação dos organizadores, que tanto estavam empenhados naquela iniciativa de realizar um mês de eventos por toda a cidade, numa perspectiva corajosa, colaborativa e agregadora.

Disposições técnicas resolvidas, comunidade acadêmica e organizadores reunidos: evento

4 Gestora de Extensão à época: Professora Daniele Canedo.

iniciado. Público, excluindo os expositores: três estudantes, sentados ao fundo. Passada a etapa de abertura oficial do evento, seguindo para a apresentação do CECULT, sua localização, um histórico da mobilização da sociedade civil e acadêmica na conquista do Campus da UFRB em Santo Amaro, a interdisciplinaridade como proposta epistemológica/pedagógica, um grupo de doze senhoras adentra o salão, senta e assiste, atentamente, às explanações. Ao final, após oitenta minutos desde seu início, já sem os três alunos mencionados anteriormente, docentes e discentes ouvem, das senhoras e gestores municipais, elogios e afirmações incisivas acerca da necessidade de interiorização do ensino superior, relatos distintos sobre a aventurança dos jovens do Recôncavo em outras cidades buscando formação acadêmica e profissional etc.

FIGURA 1
Professora Daniele Canedo
Autor: Armando Castro

Ao complementar e responder às questões apresentadas, um dos docentes/expositores aproveitou para sondar as senhoras sobre o interesse delas pelo evento, se seria interesse na UFRB, no tema, em algum curso específico etc... Resposta mais sincera impossível: Eram artesãs santamarenses, e ali estavam aguardando o fim do evento para solicitar uma reunião com o Secretário de Cultura. Logo em seguida, uma sequência inevitável de risos de todos.

Neste mesmo dia, apesar da impressão de que a iniciativa não tinha sido completamente bem-sucedida, por conta do público-alvo inesperado, o grupo de docentes avaliou, positivamente, o evento e experiência, pela oportunidade de interlocução com a sociedade, pela parceria com os gestores municipais de cultura etc. Ao compartilhar o relato nas reuniões institucionais, comum foi a certeza de estar se construindo no Recôncavo uma possibilida-

de de emancipação através da arte e cultura, da relevância da sensibilização acerca de um projeto de formação acadêmica, profissional e cidadã lastreado pela equidade, diversidade e política. Nestes espaços, também a certeza da necessidade de desenvolver mais ações de extensão, não somente nas escolas da área urbana, mas naquelas instaladas nos distritos e demais municípios da região. Possibilidades estas, que já estão sendo realizadas.

Este que vos escreve, ao conhecer as/os discentes da terceira turma do BICULT, no início do semestre 2016/15, teve a grata surpresa de poder registrar relatos de alguns jovens que afirmavam serem netas/os e filhas/os de artesãs/artesãos locais... Ao perguntar sobre como souberam do curso, relataram terem tido informações de amigas/os que já eram alunas/os do curso, além de parentes que estavam "[...] num tal evento da Câmara de Vereadores"... Não obstante, ainda ressaltaram o "Santo Amaro Integração Cultural", por sua amplitude e diversidade de propostas artísticas e culturais, como uma relevante experiência em suas vidas... Salva melhor memória, este é o relato.

REFERÊNCIAS

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS (FORPROEX), 2012, Manaus. Política Nacional de Extensão Universitária. Disponível em: http://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf. Acesso em: 23 mai. 2017.

NASCIMENTO, C. O.; JESUS, R. C. D. P.; BARATA, D. S. UFRB, 2014. Projeto Pedagógico do Curso Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (Bicult). Disponível em: < https://ufrb.edu.br/cecult/images/Documentos/PPC_BICULT_VESPERTINO_em_05-12-2014.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2017.

5 Setembro de 2016.

02

CAROLINA DE PAULA DINIZ

LABORATÓRIO DE DANÇA CONTEMPORÂNEA: CORPOS MOVENTES EM PROCESSO

A proposição do "Laboratório de Dança Contemporânea" surge do desejo de dar continuidade às minhas pesquisas como artista, pesquisadora e professora da área da dança. Nesse sentido, a atividade de extensão, voltada tanto aos discentes quanto aos docentes do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas/ CECULT e a comunidade da cidade de Santo Amaro e região, vem proporcionar um espaço de compartilhamento e difusão destes conhecimentos, pautados em princípios de movimento, práticas e procedimentos voltados para a conscientização, a experimentação e a crítica do corpo no contexto da dança contemporânea. Importante pontuar que o entendimento de dança contemporânea não se refere à noção de uma técnica específica, com códigos estruturados e pré-definidos, como é o caso do balé clássico ou a técnica de dança moderna da coreógrafa americana Martha Graham, por exemplo; mas que se configura em "um campo de experimentações, o qual abarca uma heterogeneidade de possibilidades e procedimentos as quais não podem ser encaixadas em regras prévias de estruturação" (DINIZ, 2012, p. 11). Dito isso, o que interessa neste laboratório é justamente a possibilidade de, por meio de diferentes procedimentos, desafiar o corpo, enquanto processo, em seus distintos modos condicionantes de ser, estar e agir no mundo, e provocar em cada um a busca de suas singularidades e o (com) tato e aceitação de seus emaranhados de potencialidades e limitações.

Isso, em dança, supõe quase necessariamente fazer a genealogia daquilo que nos formou. Um tal processo de singularização dançante requisita o descondicionamento e a desconstrução de respostas sensório-motoras programadas. Desconstrução não é, entretanto, sinônimo de destruição. O que está em pauta é o descondicionamento e a desconstrução dos modos de aprender, ou seja, dos meios pelos quais aprendemos a aprender. É precisamente

nesse ponto que aparecem os méritos da dança contemporânea como operadora transversal dos processos de ensino-aprendizagem em dança (ROCHA, 2016, p. 115).

A atividade de extensão, até o presente momento, contou com duas edições que ocorreram ao longo do semestre de 2016. A edição I aconteceu no período entre 01/11/2016 e 13/12/2016, das 10h às 12h, com carga horária total de 14 horas, numa das salas de aula do prédio do CECULT. Tal espaço reduzido, repleto de cadeiras, salvo o chão de madeira, não beneficiava qualquer tipo de atividade prática. Mesmo sem as condições ideais, resolvi propor a atividade para, inclusive, mapear os possíveis interessados em dança no contexto multidisciplinar e polifônico do Bacharelado Interdisciplinar/BI do CECULT. Contei, nesta primeira edição, com três alunos: dois do BI/CECULT e um futuro aluno do curso de História do Centro de Artes, Humanidades e Letras/CAHL. Interessante pontuar que em todas as terças, o grupo, em uma ação conjunta, retirava todas as cadeiras da sala para a organização do ambiente, o que acabou por fortalecer os laços e o comprometimento do grupo para a realização da atividade.

Tiago Lins e Joel Carlos em exercício de improvisação
Foto: Carol Diniz

A edição II ocorreu no período entre 14/03/2017 a 18/04/2017 e foi iniciada com uma avaliação positiva em relação à primeira edição, primeiro pela permanência dos alunos participantes e também pelo ingresso de novos discentes e docentes do CECULT e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/UNILAB, o que comprovou o interesse pela área da dança contemporânea no contexto universitário e propiciou a troca entre os centros universitários da região do Recôncavo e entre os participantes. Outro ponto positivo e estimulante foi a conquista de um outro espaço para a rea-

lização do Laboratório: o Teatro Dona Canô, viabilizado pela aluna do BI Vanda Ferreira, que integrou a primeira edição. Contando, dessa vez, com oito participantes e um espaço considerado ideal para práticas corporais e pesquisas artísticas, pude ampliar o espaço de investigação crítica e criativa por meio de aulas teóricas e práticas. A partir da leitura do texto "Esta tal de dança contemporânea" de Airton Tomazzoni (2006) e a exibição de alguns vídeos de criadores contemporâneos, foi possível aprofundar um pouco mais sobre o que se compreende por dança contemporânea e criar pontos de contato com a pesquisa corporal desenvolvida no laboratório, exercitando também o olhar para a leitura estética de obras artísticas.

Em relação à prática de corpo, nas duas edições, a proposta foi oferecer noções introdutórias, por meio de princípios de movimento, distintas práticas e procedimentos relacionados ao contexto da dança contemporânea. Nesse sentido, priorizou-se o contato primeiro e o (re) conhecimento do corpo, através de exercícios de consciência corporal, explorando movimentos básicos como o da respiração. Os alunos foram levados a perceber a relação implicada entre a dinâmica do inspirar/expirar e as diversas qualidades do movimento de dança. Exercícios voltados para a percepção do volume e a tridimensionalidade colaboraram para uma maior percepção do corpo no espaço. A entrega do peso e o ganho de consciência das alavancas do corpo se deu a partir de sequências de movimento no chão, um contato desafiador, já que na maior parte do tempo, a nossa relação com esse plano se dá por meio dos pés calçados. O desafio era respirar e movê-lo pela superfície rígida, encarando-a como um plano que compõe, que se acopla às curvas e angulações do corpo. Os aparecimentos de marcas roxas evidenciam as partes que sofrem no processo de amoldar-se ao chão, e que não se entenda por isso que o processo de aprendizagem em dança está pautado em processos de dor. O que ocorre é que os corpos, em outras lógicas de organização, desenham um novo mapeamento e descobrem novos caminhos pela consequente desconstrução da verticalidade.

> *(...) para sentir o corpo, acordá-lo, é preciso desestruturar-se, descolar-se dos papeis desempenhados. Reeducar-se, então, significa calar em nós os discursos sobre o corpo que nos estreitam e nos controlam e simplesmente escutarmos a nós mesmos. Liberação dos códigos incorporados, modos de fazer, caminhos corporais que enrijecem e limitam as possibilidades do corpo. Produção de um corpo e não mais reprodução (NUNES, 2003, p.32).*

Partes das aulas foram destinadas aos exercícios criativos, às vezes em dupla, voltados para a relação com o outro, o que proporcionou um contato com outras qualidades, outras diferenças que ampliaram as próprias possibilidades de movimentação. Experimen-

tos criativos a partir de ações cotidianas como andar, sentar, olhar e correr propiciaram um entendimento de corpo e de dança aproximados com a vida. Encorajou-se que cada um inventasse movimentos e os expandissem pelo espaço a partir de diferentes estímulos, tais como a música. No final de cada aula, abriu-se uma roda de conversa, um espaço voltado para os apontamentos, dúvidas e colocações de cada participante. Foram nestes rápidos momentos conclusivos que, para mim, foi possível ir identificando o ganho de uma nova consciência, bem como um processo de empoderamento relativo às potencialidades e limitações de cada um.

Participantes da edição II
Foto: Débora Almeida

Finalizo este relato afirmando que, mesmo com curta duração, o Laboratório de Dança Contemporânea alcançou seu objetivo primeiro de compartilhamento e difusão do conhecimento, propiciando e garantindo um espaço de investigação e experimentação criativa, crítica e de produção artística em dança no contexto do CECULT.

REFERÊNCIAS

DINIZ, Carol. Vestíveis em Fluxo: A relação implicada entre corpo, movimento e o que se veste na cena contemporânea da dança. Dissertação de Mestrado, Programa de pós-graduação em Dança/ UFBA-BA, 2012.

NUNES, Clarice. Dança, terapia e educação: caminhos cruzados. In: CALAZANS, J.; CASTILHO, J.; GOMES, S. (coordenadoras). Dança e educação em movimento. São Paulo: Cortez, 2003. p. 31-46.

ROCHA, Thereza. O que é dança contemporânea?: uma aprendizagem e um livro de prazeres. Salvador: Conexões Criativas, 2016.

TOMAZZONI, Airton. Essa tal de dança contemporânea, 17 de abril de 2006. Disponível em http://idanca.net/esta-tal-de-danca-contemporanea/. Acesso em 27 de março de 2018.

03

DANIELE PEREIRA CANEDO

GESTÃO CULTURAL MUNDO AFORA: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS DE GESTÃO CULTURAL ATRAVÉS DA AÇÃO EXTENSIONISTA

O setor cultural carece da troca de informações sobre metodologias e estratégias de gestão. Os recentes cursos de formação acadêmica (bacharelados, pós-graduações, especializações) ainda são deficitários no que tange à preparação prática dos alunos com informações atualizadas sobre a gestão de setores culturais específicos. A bibliografia da área está sobretudo focada nos estudos das políticas culturais públicas e privadas, com poucas publicações voltadas para a gestão cultural. No mercado, as empresas e os profissionais que já estão consagrados utilizam métodos estratégicos como um diferencial de atuação, com poucas oportunidades de troca de experiências. A necessidade de promover a reflexão sobre métodos, práticas e decisões gerenciais no campo da cultura motivou a idealização de um projeto de extensão sobre a gestão cultural de setores específicos.

O projeto Gestão Cultural Mundo Afora alia pesquisa e extensão acadêmicas para analisar, discutir e difundir modelos gerenciais na área cultural com o objetivo de democratizar experiências nacionais e internacionais de gestão cultural através da produção audiovisual de webséries. As instituições participantes são escolhidas observando critérios como inovação na gestão, público, implantação de tecnologias, bem como a disponibilidade para participar do projeto. A metodologia de execução prevê as seguintes etapas: 1. Seleção do tema a ser abordado a cada temporada; 2. Captação de recursos; 3. Pesquisa sobre modelos de gestão na área selecionada, incluindo revisão de bibliografia para compreensão dos principais desafios do setor; 4. Elaboração de critérios para seleção das instituições que

participarão da temporada; 5. Produção das gravações com as instituições; 5. Gravação das entrevistas; 6. Transcrição das entrevistas e roteirização dos episódios; 7. Edição e finalização dos episódios; 8. Lançamento dos resultados em eventos abertos ao público; 9. Divulgação e difusão dos conteúdos. Os estudantes bolsistas membros da equipe participam de todas as etapas.

O diferencial da proposta é a aproximação da pesquisa sobre modelos de gestão cultural à linguagem audiovisual, enquanto veículo de transmissão do conteúdo, e a internet, como principal porta de difusão e distribuição do produto final. Todavia, é importante ressaltar que se trata de uma produção audiovisual de guerrilha – poucos recursos e muita vontade de transformar a ideia em realidade. Ademais, a maioria das produções audiovisuais da área focam na perspectiva do público. Neste projeto, o foco é o olhar do gestor cultural, buscando ressaltar aspectos diferenciais da gestão. As entrevistas são focadas na discussão das metodologias de trabalho, nas estratégias de produção, captação de recursos, dentre outros aspectos pertinentes ao setor. A proposta busca uma nova visão sobre a gestão cultural, mais dinâmica e colaborativa. A utilização da internet como difusor de conteúdo e conhecimento ultrapassa o concreto dos espaços culturais e amplia o acesso do público à informação, mesmo que ele esteja em outras cidades e países. A escolha deste meio para divulgação dos vídeos atende a um anseio de compartilhar o conhecimento sobre os modelos gerenciais da gestão cultural de maneira ampla a gestores, produtores culturais, pesquisadores e artistas em geral.

PRIMEIRA TEMPORADA : GESTÃO DE MUSEUS

A primeira temporada da websérie Gestão Cultural Mundo Afora foi realizada entre 2012 e 2014 com recursos do Fundo de Cultura da Bahia. Foram gravadas mais de 30 horas de entrevistas com 23 gestores culturais de cinco museus do Brasil, do Reino Unido e da Bélgica: Museu de Arte Moderna da Bahia, em Salvador, Brasil; The National Gallery e Natural History Museum, em Londres, no Reino Unido; Museum aan de Stroom, em Antuérpia, e Musées Royaux des Beaux-Arts de Belgique, em Bruxelas, ambos na Bélgica. As entrevistas resultaram em uma série de cinco documentários (em média com 30 minutos cada) com os seguintes temas: Conservação e Restauração de Acervos; Gestão Econômica e Financiamento; Produção de Exposições; A Comunicação e o Público; e Novas Tecnologias: Digitalização e Interatividade.

A temporada sobre museus foi lançada para o público de Santo Amaro e da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia no dia 23 de setembro de 2014, no Teatro Dona Canô; e para o público de Salvador e da Universidade Federal da Bahia, no dia 06 de outubro de

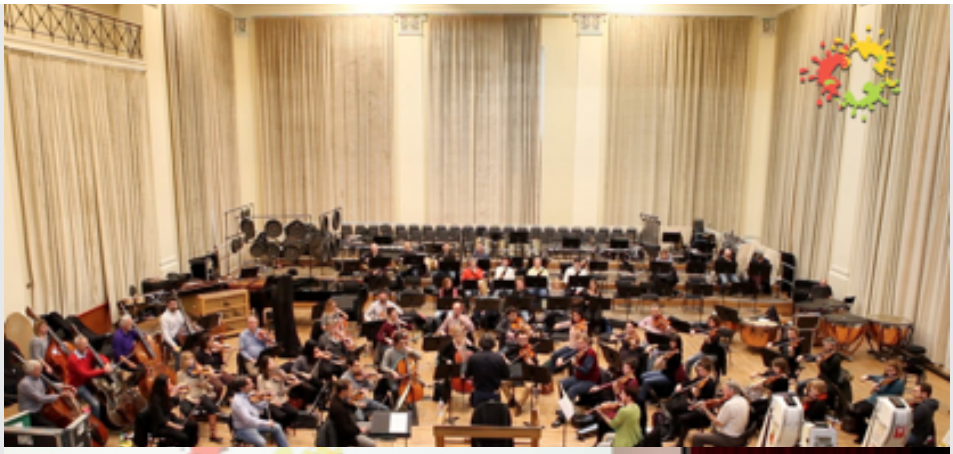
2014, no Cinema do Museu, no Museu Geológico da Bahia. Dirigida pela professora do CECULT, Daniele Pereira Canedo, e com produção executiva de Carolina Marques, a primeira temporada contou com uma dedicada equipe de profissionais criativos, que incluiu o professor de Museologia da UFRB, Archimedes Amazonas; a estudante de Museologia da UFRB, Dhalila Nogueira; Ricardo Khouri; Jéssica Passos; Júlio Landim e a equipe da Renderaê Produções.

SEGUNDA TEMPORADA: GESTÃO DE ORQUESTRAS

A segunda temporada, realizada entre 2015 e 2016, foi dedicada à gestão de orquestras e contou com o apoio financeiro do British Council, através do programa Transform Leadership Orchestra, e do Instituto de Ação Social pela Música (IASPM). A temporada contou com a participação de 22 gestores culturais de seis orquestras do Brasil e do Reino Unido: Orquestra Sinfônica de Sergipe, Orquestra Juvenil da Bahia, Orquestra Filarmônica de Minas Gerais, Aurora Orchestra, London Philarmonic Orchestra e City of Birmigham Simphony Orchestra. Em cinco episódios, os entrevistados discutem os desafios e oportunidades da gestão a partir de cinco temas: Infraestrutura, Governança, Sustentabilidade, Programação Artística e Educação. Na equipe, estão a professora do CECULT, Daniele Pereira Canedo e Beth Ponte, na direção da temporada; Carolina Marques, na produção executiva; Florian Boccia, na captação de imagens, edição e finalização, além das discentes do CECULT-UFRB, bolsistas de extensão – Arilma Reis, Girlany Novaes, Jéssica Maine Jesus, Juliana Souza e Maria São Pedro.

Pertencentes ao setor cultural comumente associado à tradição, música erudita e classista, as orquestras, assim como os museus, têm buscado novas configurações estratégicas de formação artística, governança, financiamento, atração de público e infraestrutura. Alguns dos desafios encontrados pelos gestores são instabilidade financeira, ausência de infraestrutura para ensaios e apresentações, ocupação de novos espaços. As orquestras participantes foram escolhidas como ilustração da diversidade do setor orquestral, representando orquestras sinfônicas profissionais, orquestras jovens, orquestras de câmara, grupos com sede própria e grupos residentes, orquestras autogeridas, orquestras públicas, privadas e mistas. O projeto revela que os desafios enfrentados pelas orquestras no século XXI não são apenas de ordem orçamentária, mas sim que os problemas orçamentários são sintomas de um cenário muito mais abrangente. O futuro das orquestras está relacionado não apenas à existência de recursos financeiros, mas a seu próprio posicionamento como instituições relevantes para a sociedade e ao debate quanto aos seus formatos de gestão, modelos de negócio e seu papel nas políticas públicas de seus respectivos estados, cidades e países.

Gravações do ensaio da London Philarmonic Orchestra
Foto: Equipe Gestão Cultural Mundo Afora



Equipe do projeto de extensão Gestão Cultural Mundo Afora e palestrantes no encerramento da temporada Orquestras em Santo Amaro.
Foto: Equipe Gestão Cultural Mundo Afora

A profa. Daniele Canedo com os maestros Ricardo Castro e Carlos Prazeres no lançamento em Salvador.
Foto: Florian Boccia

Foram realizados dois eventos de lançamento da temporada Orquestra, ambos com mesas de debate sobre a gestão de orquestras na Bahia e no Brasil. Em Salvador, o lançamento ocorreu no dia 25 de julho de 2016, na Sala Walter da Silveira, no Complexo Cultural dos Barris. O evento contou com a exibição do terceiro episódio da série e com um debate sobre sustentabilidade de orquestras sinfônicas com a participação dos maestros Ricardo Castro (NEOJIBA) e Carlos Prazeres (OSBA).

A cidade de Santo Amaro recebeu o evento de pré-estreia do quinto episódio e encerramento da temporada Orquestras no dia 29 de setembro de 2016, no Teatro Dona Canô. O evento contou com um debate sobre Educacão e Orquestras Sinfônicas com a participação dos maestros Marcos Rangel (NEOJIBA) e Marcelo Brazil (UFRB), e do público da UFRB, bem como de maestros e músicos de diversas filarmônicas do Recôncavo da Bahia.

Todos os dez episódios das duas temporadas da série foram registrados sob licença Creative Commons e estão disponíveis no blog Cultura Mundo Afora (culturamundoafora.com), em plataformas de compartilhamento de vídeos (Youtube e Vimeo) e na rede social Facebook.

04

CLÁUDIO MANOEL DUARTE DE SOUZA
DANILLO SILVA BARATA
TATIANA LIMA

III PAISAGEM SONORA
MOSTRA INTERNACIONAL DE ARTE ELETRÔNICA DO RECÔNCAVO DA BAHIA

As cidades históricas de Santo Amaro e Cachoeira, no Recôncavo baiano, receberam, de 25 de abril a 1º de maio, o evento III Paisagem Sonora – Mostra Internacional de Arte Eletrônica do Recôncavo da Bahia. Com a participação de artistas, produtores e pesquisadores que utilizam o vídeo, a música, a arte eletrônica e outras expressões artísticas para um diálogo com os cenários das cidades de Santo Amaro e Cachoeira com intervenções audiovisuais, exibições e performances em espaços abertos e em equipamentos culturais, o evento busca estabelecer entrelaçamentos estéticos entre as narrativas estéticas globais contemporâneas e os aspectos regiões das cidades onde o festival acontece.

Pela primeira vez, o evento aconteceu também na cidade de Santo Amaro. As duas primeiras edições (2013 e 2015) ficaram concentradas em Cachoeira. Santo Amaro abriu a mostra no dia 24 de abril (terça-feira) com oficinas em torno da cultura hip-hop (breaking, discotecagem para rap e grafitagem) com o objetivo de fortalecer a cena hip-hop da cidade. O DJ Jarrão, que fez a oficina de discotecagem em Santo Amaro, apresentou-se em Cachoeira na sexta, na noite de rap, em que tivemos também um grupo de Santo Amaro, o UPP (Unidos pela Periferia) e um grupo de Muritiba, o Conceito Articulado, além das atrações nacionais do rap.

O músico cachoeirano Mateus Aleluia, artista remanescente de "Os Tincoãs", um dos mais importantes grupos vocais dos anos 1970, fez o show de lançamento do novo álbum, Fogueira Doce, durante o Paisagem Sonora. O show, inédito na Bahia, foi apresentado apenas

no Rio de Janeiro em fevereiro deste ano. Aconteceu no Teatro Dona Canô (Santo Amaro), no dia 27 de abril (quinta-feira), às 20h30. A abertura foi do Coletivo Novos Cachoeiranos, um projeto de extensão também gestado dentro do próprio CECULT. Neste mesmo dia, aconteceu a mesa Paisagens, atores e rede, com a participação dos pesquisadores André Lemos (UFBA), Simone Sá (UFF), e Brian Mackern (Montevideo.ETC), no Teatro Dona Canô, a partir das 18 horas. Antes da mesa, aconteceu a performance Subaé Espetáculo, com os artistas Maciej Rozalski e Tiago Lins.

Na sexta (28/4), o Paisagem se deslocou para Cachoeira e o rap tomou conta da cidade com os DJs Arielly Oliveira (AL), Vitor Pirralho (AL) e Tahira (SP). Pirralho é um nome de peso no cenário musical nacional e criou um jeito próprio de rimar e fazer poesia. A cantora e compositora Arielly, outra atração da noite, é uma das revelações do rap de Alagoas, autora de suas próprias canções, e recentemente lançou o EP Negra Soul, no qual a MC alagoana reúne toda sua vivência como mulher negra periférica e mãe. DJ Tahira, nome forte da noite paulistana, tem mais de 20 anos de picapes e é um dos DJs mais ativos dentro e fora do país.

Público durante a programação da Rua 25 de Março, em Cachoeira
Foto: Evanize Essi

No sábado (29/4), o Cine Theatro Cachoeirano foi palco das apresentações de Lia Lordelo (Salvador), Livia Nery (Salvador) e Iara Rennó (São Paulo). A cantora, compositora e multi-instrumentista Livia Nery é um dos nomes que desponta na cena autoral de Salvador com seu trip hop singular, misturando música brasileira e jamaicana com o bomuso de elementos eletrônicos. A cantora e atriz Lia Lordelo levou para o Paisagem o show TorquatáLia, um mergulho no universo poético de Torquato Neto. A paulista Iara Rennó trouxe para o palco o repertório dos seus dois ousados álbuns, Arco e Flecha. A noite de sábado se encerrou em uma das praças da cidade como o Coletivo Xaréu e os DJs BigBross (Salvador), Na Tora Baile System (Cachoeira) e Dolores (Recife).

A artista paulista Iara Rennó canta no Cine-Theatro Cachoeirano (Foto: Marcos Sandes)

Em Cachoeira, foram realizadas uma série de ações de Live Imagens, com os artistas Brian Mackern e o alagoano/baiano DJ Angelis Sanctus. O uruguaio Brian MacKern desenvolve projetos artísticos digitais e híbridos em rede. MacKern é músico, compositor e criador de estruturas e ambientes autogenerativos e reativos audiovisuais. Aconteceu também a mostra Visualidades Contemporâneas: Corpo-Imagem, com curadoria de Danillo Barata e World Wide Video Factory, com curadoria do holandês Tom van Vliet.

O III Paisagem Sonora contou com a presença da pesquisadora de estética e de artes Nadine Siegert, da Universidade de Bayreuth (Alemanha). A pesquisadora realizou o seminário Curadoria em Artes Visuais e Performativas. O objetivo do seminário foi a reflexão sobre a

curadoria entre liveness e virtualidade. O evento também abrigou bate-papo sobre cenas musicais, oficinas sobre sonorização, poesia e performances, entre elas a de Lívia Mattos com sua Sanfonástica Mulher-Lona, um miniconcerto embalado por sua sanfona.

CONEXÕES Para essa edição do Paisagem Sonora, os curadores e pesquisadores Claudio Manoel Duarte, Danillo Barata e Tatiana Lima tiveram a preocupação em conectar a arte eletrônica com os sons e expressões que compõem a paisagem do Recôncavo da Bahia, bem como de trazer para a paisagem de Santo Amaro e Cachoeira sons, experiências e variadas expressões artísticas de outras partes do Brasil e do mundo, para fomentar a am-

A banda Fun Fun Dú Dú se apresenta em Cachoeira (Foto: Marcos Sandes)

pliação dos horizontes e o intercâmbio entre artistas. A curadoria também deu atenção especial às expressões de mulheres que produzem e refletem sobre a arte. A programação envolveu desde segmentos mais pop da arte eletrônica, como as apresentações de rap, até trabalhos mais experimentais.

CONCEITO As redes de sentidos que envolvem pessoas, paisagens, dispositivos e repertórios culturais ganham expressão privilegiada nas variadas vertentes da cultura e da arte eletrônica. Pensar as produções artísticas a partir da indissociabilidade entre humanos, objetos e ambientes foi a provocação proposta neste III Paisagem Sonora - Mostra Internacional de Arte Eletrônica do Recôncavo da Bahia.

Fomentar a ampliação dos horizontes e o intercâmbio entre artistas do Recôncavo, de outras partes do Brasil e do mundo foi a motivação para traçar o mapa de experiências e expressões artísticas reunidas nesta edição. Segmentos pop da arte eletrônica, como o rap, trabalhos experimentais e seus esgarçamentos de fronteiras, mulheres que produzem e refletem sobre a arte confluem na cartografia da mostra.

Paisagem Sonora é um conceito do compositor, ambientalista e pesquisador canadense Murray Schafer - em seu livro "A afinação do mundo" - que sugere a atenção para a diversidade de sons que compõem os ambientes. Esta ecologia sônica abarca a música, os ruídos produzidos pelas ações humanas, pela natureza, pelos objetos e também suas presenças imagéticas. A paisagem aqui proposta é uma convergência glocal, um link entre visualidades e vibrações do ar às margens dos rios Subaé e Paraguaçu.

O Paisagem Sonora - Mostra Internacional de Arte Eletrônica do Recôncavo da Bahia, em sua terceira edição, reforça alguns aspectos na interlocução entre a Universidade, as cidades e suas comunidades internas e externas: 1- Sugere que os campos artístico e acadêmico num mesmo evento acionam a convivência de diferentes públicos e interesses num mesmo espaço; 2 – Cria canais efetivos de interlocução da chamada academia com diferentes públicos (estudantes, pesquisadores, artistas, comunidade externa...) através de ações de formação, como seminários, oficinas, palestras; 3 – Reafirma as imagens da UFRB e de demais entidades envolvidas como preocupadas com o campo da arte – global e local – além do olhar acadêmico, comprometidas com o sensível e, por último, 4 – Alimenta o campo extensionista em mão dupla (Universidade X Comunidades), e não apenas na via UFRB para comunidade. O Paisagem Sonora é um projeto do Coletivo Xaréu, financiado pelo Edital setorial de Cultura Digital da Secretaria Estadual de Cultura. E tem o apoio da UFRB, Secretaria Municipal de Cultura de Cachoeira, Secretaria Municipal de Cultura de Santo Amaro. Mais sobre o projeto em http://www.coletivoxareu.com.br.

REFERÊNCIAS

SHAFER, R. Murray. A afinação do Mundo. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

05

EDMILSON DA SILVA XAVIER
JULIANE MARIA DE LIMA BORGES
MURILLO PEREIRA DE JESUS
RITA DE CASSIA DIAS PEREIRA ALVES

AS RODAS DE SABERES E FORMAÇÃO: EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE NA CIDADE DE SANTO AMARO - BA

Os processos de interiorização e democratização do ensino superior público nas universidades públicas têm gerado a inserção de estudantes das camadas populares no âmbito acadêmico. Em razão disso, surge a necessidade de compreender o impacto social e político da universidade, assim como a relevância da ampliação do acesso ao ensino superior e as políticas afirmativas em prol da permanência das camadas populares. Assim, o PET Conexões de Saberes: Acesso, Permanência e Pós-Permanência na UFRB, desde 2011 desenvolve, nas escolas públicas do ensino médio do Recôncavo da Bahia, atividades de extensão-formação denominadas de Roda de Saberes e Formação – RSF (NASCIMENTO & JESUS, 2010). Nas escolas do Recôncavo Baiano, as RSF têm por objetivo primordial divulgar as possibilidades do acesso à educação superior, sobretudo na UFRB, a partir do ENEM/SISU. Além disso, pretendem popularizar as informações sobre os cursos que são oferecidos pela UFRB, realçando as ações afirmativas de acesso e permanência que são adotadas pela universidade, e outras políticas que foram e são desencadeadas a partir da Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis – PROPAAE/UFRB. No ano de 2017, as RSF foram realizadas nas cidades de Santo Amaro, Cruz das Almas, Cachoeira e São Félix.

A base metodológica das RSF (Rodas de Saberes e Formação) é caracterizada pela didática da horizontalidade entre os saberes e os seus participantes, com intuito de inserir e viabilizar o diálogo entre os estudantes, valorizando seus relatos e experiências vividas, contribuindo para a inclusão sociocultural e identitária dos participantes envolvidos.

Em Santo Amaro, entre os meses de abril e maio foram realizadas nas escolas CEEP em Turismo do Leste Baiano (Figura 01), e Centro Educacional Teodoro Sampaio (Figura 02),

as RSF caracterizadas como pré-inscrição do Enem nos turnos matutino e vespertino, tendo uma soma total de 168 (cento e sessenta e oito) estudantes. Levantamos algumas informações sobre o ENEM: Como usar o site? Onde me inscrevo? O que é SISU e PROUNI? Como é organizada a prova? Onde encontrar o manual do ENEM? Essas são algumas dúvidas que são corriqueiras para os/as estudantes que não têm acesso às informações antes do período de inscrição. Como as RSF acontecem semanas antes do início das inscrições do ENEM, grande parte dos/as estudantes que participaram demonstraram interesse em realizar a inscrição.

Figura 01: CEEP – Abril/2017
Fonte: Autores

Figura 02: CETS – Abril/2017
Fonte: Autores

De início são expostos nas RSF temas que perpassam o cotidiano dos participantes e que muitas vezes precisam de discursos para sua formação ideológica.

A maioria dos estudantes sai dessa ação com alguma transformação no seu ato de pensar, de forma direta ou indireta, isso é perceptível quando encontramos alguns estudantes e os mesmos se mostram abertos a novas intervenções na sua rotina escolar. Desse modo, a partir das experiências das RSF, foi possível percebermos a sensibilidade da discussão so-

bre inserção desses estudantes no ensino superior público, do mesmo modo como as dificuldades de relacionar a rotina entre trabalho e estudo, estudo e família foram atenuadas. Isto implica diretamente na não continuidade dos estudos.

Nesse processo das RSF também são apresentadas aos estudantes de escolas públicas do ensino médio como são articuladas as Políticas Afirmativas, para que esses atores reconheçam seus direitos quando ingressarem no nível superior brasileiro. Com a perspectiva de garantir a permanência desses estudantes nas universidades, contribuindo na formação acadêmica a partir da tentativa de aproximação do "estudante do campo sistemático de um determinado domínio, aprender a linguagem científica, identificar, selecionar, sintetizar, estabelecer relações e problematizar as informações recebidas" (SANTO, 2016) tornando estes estudantes completamente capazes de construir novos conhecimentos de maneira horizontal, quebrando paradigmas de uma educação hegemônica.

Assim, concluímos que, para abrandar esses déficits, é necessária uma participação conjunta entre sociedade, Educação Básica e Universidade, de modo que possam garantir a permanência dos estudantes de maneira efetiva contribuindo não somente na formação acadêmica, mas, sobretudo na formação de valores éticos, morais e profissionais, vinculados à idealização e a qualidade da vida social estabelecidas por uma via de transformação de mundo acadêmico, sendo capazes de desenvolver um trabalho autônomo, emancipador e construtor de sensações, existências, vivências, tornando cada encontro significativo aos olhos de cada indivíduo. Além de (re) pensar políticas públicas ou mecanismos que dialoguem sobre a inserção da camada popular das cidades do Recôncavo no ensino superior público, para além das RSF, do mesmo modo, que tenham uma maior atenção à formação do ensino básico no Recôncavo da Bahia, consideradas as especificidades e pertencimentos de gênero, raça, etnia, das sexualidades e origem econômica e social dos/as estudantes.

REFERÊNCIAS

NASCIMENTO, C. O. C.; JESUS, R. de C. D. P. Currículo e Formação: diversidade e educação das relações étnico-raciais. Curitiba: Progressiva, 2010, 338pgs.

SANTO, A. C. do E. A trajetória acadêmica e o perfil dos estudantes da universidade federal da Bahia, nos cursos de alta demanda, pós-sistema de cotas. Dissertação de mestrado, UFBA, Salvador, 2013.

06

ELGA LESSA DE ALMEIDA

A EXTENSÃO NO ENSINO: A RELAÇÃO COM COMUNIDADES DO RECÔNCAVO NO COMPONENTE "DIVERSIDADE, CULTURA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS"

As atividades de extensão devem se articular de forma indissociável com o ensino e a pesquisa, buscando o estabelecimento de uma relação transformadora entre Universidade e a sociedade. Muitas vezes, entretanto, a atividade extensionista acaba relacionando-se mais proximamente com os interesses dos docentes do que com o processo de aprendizagem da comunidade acadêmica, reforçando a prática de produção de conhecimento distante da realidade local e do pressuposto de que a comunidade local pouco tem a ensinar.

Ao partir de uma proposta de produção multidisciplinar de conhecimento na qual a territorialidade ganha destaque, o Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas-CECULT busca romper com essa lógica que caracteriza a atividade extensionista, promovendo uma diversidade de atividades abertas à participação da comunidade local, mas também aproveitando o espaço de sala de aula para a promoção desta relação transformadora. É, portanto, da curricularização da extensão de que trata este relato.

Em sua matriz curricular, um dos eixos formadores do Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas é a formação geral, em que os componentes curriculares fazem parte do Núcleo de Formação Geral e Interdisciplinar – NUVEM. A criação do NUVEM remete ao desejo de construir bacharelados interdisciplinares compostos por um conjunto de componentes cujo objetivo é possibilitar ao estudante compreender, analisar e lidar com a realidade de forma crítica, favorecendo sua afiliação ao ambiente universitário. Aderiram a essa proposta, além do BICULT, o Bacharelado Interdisciplinar em Saúde – BIS, em Santo Antônio de Jesus, e o Bacharelado Interdisciplinar em Energia e Sustentabilidade – BES, em Feira de Santana, daí decorrendo a itinerância da atuação do corpo docente integrante do Núcleo.

Um desses componentes curriculares, "Diversidades, Cultura e Relações Étnico-raciais", traz em seu conteúdo um apanhado histórico sobre a formação da sociedade brasileira e a configuração das suas relações, permitindo a compreensão da complexidade da sociedade

contemporânea a partir do Recôncavo da Bahia. Na medida em que a ementa coloca a necessidade de diálogo com as experiências das comunidades desse território, como fazê-lo senão pela prática extensionista?

Nesse sentido, iniciamos a prática de a cada semestre elegermos uma atividade fora do ambiente universitário, que pudesse relacionar os conteúdos vistos em sala e as experiências do território do Recôncavo. O principal desafio a ser vencido, diante da itinerância que caracteriza o trabalho docente no NUVEM, foi a escolha de atividades que, além de relacionar os conteúdos do componente, relacionassem interesses que mais se aproximassem das áreas finalísticas de cada Bacharelado.

A primeira atividade foi realizada no BICULT, com a realização de uma visita guiada pelos pontos históricos e culturais da cidade de Cachoeira. A cidade foi escolhida em razão da representatividade do seu patrimônio e das manifestações culturais, que permitiam perceber as relações que se estabeleceram ao longo da sociedade colonial e a manutenção dessa configuração até os dias atuais. Foram realizadas visitas a locais como igrejas católicas tombadas, equipamentos culturais (Fundação Hansen Bahia e Irmandade da Boa Morte) e também a um terreiro de candomblé, com uma parada em uma benzedeira, onde foi facultada a reza a quem desejasse. Ressalte-se que o roteiro da visita foi pensado a partir das sugestões do guia local e ativista cultural Davi Rodrigues.

Interessante registrar que, apesar de muitos dos estudantes serem residentes em cidades da região, a maioria não conhecia a cidade de Cachoeira ou, se conheciam, nunca haviam entrado nesses equipamentos culturais. A oportunidade de conhecer a cidade e poder relacionar a experiência com os conteúdos vistos em sala foi avaliada de forma positiva, surgindo, inclusive, a reivindicação dos estudantes da realização de uma visita semelhante na cidade de Santo Amaro.

A atividade escolhida para o Bacharelado Interdisciplinar em Saúde foi uma visita ao terreiro de candomblé Ilê Axé Yepandá Odé, liderado por Mãe Nilza, escolhido a partir de indicações de uma colega da própria UFRB integrante desta comunidade religiosa. Precedida de uma visita anterior ao terreiro e uma conversa sobre a proposta da atividade, a disponibilidade da comunidade para a realização da atividade foi grande, sendo a mesma realizada em dois dias para que fosse possível contemplar todas as turmas. A visita teve como preocupação possibilitar aos alunos a oportunidade de conhecer aspectos relacionados à compreensão da saúde nesta comunidade religiosa e quais os usos das folhas nesse processo, demonstrando a diversidade de compreensões sobre aspectos relacionados à saúde e, ao mesmo tempo, aproximando do conhecimento popular sobre os processos de cura.

Na explanação realizada por Mãe Nilza e Ogã Edi, foi possível conhecer um pouco da realidade da comunidade religiosa e desmistificar alguns preconceitos recorrentes na sociedade. A grande maioria dos estudantes que participaram da atividade nunca havia entrado em um terreiro de candomblé, sendo que alguns demonstraram receio em realizar a visita. Após a realização da atividade, alguns estudantes mantiveram contato com os representantes do terreiro e convidaram os mesmos para participar de outras atividades na Universidade.

A terceira atividade, realizada com alunos do Bacharelado Interdisciplinar em Energia e Sustentabilidade - BES, buscou aproximar o conhecimento do território com o uso de recursos naturais. Para tanto, foi escolhida a visita ao município de Maragogipinho. Conhecido por sua produção ceramista, o município se organiza a partir de várias olarias que produzem cerâmicas utilitárias e decorativas com características distintivas da região. A realização do pré-campo foi fundamental para identificar ceramistas dispostos a receber o grupo de alunos e demonstrar como se dá o processo de fabricação da cerâmica. Um dos contatos realizados nessa primeira visita foi com o mestre Taurino Silva, conhecido como "Seu" Zé, que se disponibilizou a demonstrar o processo.

Em razão da distância entre os municípios de Feira de Santana e Maragogipinho - cerca de duas horas e meia de viagem -, a atividade extrapolou o horário de aula, motivo pelo qual alguns alunos não puderam participar; entretanto, houve uma grande adesão à atividade. O longo tempo gasto com a viagem acabou por encurtar um pouco a estada na cidade, sendo as ações concentradas na apresentação de "Seu" Zé e, posteriormente, um período para visitação às outras olarias. Para nossa surpresa, a apresentação de "Seu" Zé não se limitou à explicação do processo de produção da cerâmica, mas foi um momento em que todos tiveram a oportunidade de aprender-fazendo. Após uma primeira demonstração, todos os estudantes tiveram a oportunidade de trabalhar com a argila no torno, o que foi muito interessante para a compreensão das dificuldades do processo e da necessidade de um acúmulo de conhecimento para o exercício da atividade. Ao longo da explicação, ficou evidente como se dá o uso do material, seus processos e as estratégias desenvolvidas pelo conhecimento tradicional diante do pouco instrumental tecnológico, como saber a temperatura certa do forno sem um termômetro.

De forma geral, a avaliação dos estudantes tem sido muito favorável à realização dessas atividades, o que parece, em grande medida, que as mesmas são o "ponto alto" do componente. Ao mesmo tempo em que há um grande distanciamento sobre os elementos culturais que compõem o território do Recôncavo – destaco, aqui, que a grande maioria dos alunos desconheciam os lugares que foram visitados -, há uma grande vontade em travar

Todas as fotos do texto foram feitas pela autora

esse conhecimento. Importa destacar, entretanto, que, se as perspectivas de curricularização da extensão são bastante promissoras dentro da UFRB, a dificuldade para sua realização também se impõe como uma grande limitadora. A imprevisibilidade sobre a liberação de transporte para os alunos foi uma constante ao longo dessas atividades, o que dificulta sobremaneira o planejamento das atividades e impõe um certo constrangimento ao coordenador da mesma diante da possibilidade da não ocorrência da atividade após a articulação com os envolvidos.

Apesar das dificuldades para sua realização, essa aproximação com as experiências vivenciadas no território do Recôncavo tem se mostrado essencial ao componente "Diversidades, Cultura e Relações Étnico-raciais". A configuração das atuais relações presentes na sociedade brasileira dificilmente será compreendida sem esse esforço de articulação entre os elementos históricos que a formaram e a observação da sua dinâmica através da experiência vivida, sem deixar de ter no horizonte as diversas camadas da sua estrutura e conjuntura da qual resulta sua diversidade. Assim, esperamos que o processo de curricularização da extensão possa cada vez mais potencializar o processo de aprendizagem e, por conseguinte, favorecer a transformação desejada das relações na sociedade brasileira.

07

FABRÍCIO DALLA VECCHIA
MICHAEL IYANAGA

LEITURA DE PARTITURA E PRÁTICA DE CONJUNTO: A FORMAÇÃO DE UMA ORQUESTRA BRASILEIRA NO CECULT UFRB

No Recôncavo Baiano, existe uma diversidade musical que percorre as tradições de matriz africana e europeia, sejam estas religiosas ou profanas, grandes ou pequenas. Dentro deste universo musical tão rico, as filarmônicas se destacam – talvez mais que qualquer espaço musical – como verdadeiras escolas de formação de músicos e cidadãos. Afinal, é através das filarmônicas – designação esta que também inclui as fanfarras, bandas marciais e orquestras – que as pessoas têm aprendido a tocar instrumentos, ler partitura, trabalhar em conjunto e contribuir para a vida sócio-musical de toda a região há séculos.

Assim, ao imaginarmos um projeto de extensão universitário que pudesse incluir a tradição das filarmônicas somada à grande diversidade musical do Recôncavo de forma geral, surgiu uma questão: Que formato de grupo musical poderia incluir tanta diversidade? Encontramos uma das respostas mais frutíferas na "Orquestra Brasileira", concebida por Joel Barbosa (2010). Afinal, ela teria como característica principal incluir qualquer instrumento musical em sua formação, em especial as sonoridades das paisagens de um país de dimensões continentais. Na concepção de Barbosa, a Orquestra Brasileira vai ao encontro de uma educação musical e social através de grupos instrumentais heterogêneos, e também prevê uma metodologia de trabalho voltada para a criatividade. Ou seja, é uma proposta local da versão europeia de orquestra tradicional.

Outro desejo inicial era de alguma forma colaborar com os grupos musicais já existentes e, dentro das possibilidades, formar um grupo para colocar em prática a metodologia coletiva: a criação de arranjos e tipos variados de performances, além da exploração de timbres não convencionais com a construção de instrumentos utilizando diversas tecnologias. Ao

conversarmos com os docentes e discentes do CECULT, e com os membros da comunidade em geral, encontramos muitas pessoas de diversos perfis que tinham interesse em iniciarem e/ou aprimorarem os conhecimentos musicais relacionados à partitura. A partir destas conversas, percebemos que o desafio maior seria pensar em uma metodologia que pudesse favorecer os iniciantes e também aqueles que já tinham conhecimentos musicais.

A proposta inicial foi concebida e elaborada pelo professor Fabrício Dalla Vecchia, que já pesquisa e trabalha com as filarmônicas há mais de 20 anos. Poucas semanas depois, o professor Michael Iyanaga tomou conhecimento da proposta e se interessou em colaborar como professor de violão. Deste modo, o curso ganhou mais força e aumentou a possibilidade de aceitarmos todos os tipos de instrumentos no grupo. Ainda, decidimos adotar um nome que distinguisse a Orquestra: A Orquestra CECULT da UFRB. Logo depois, o professor Walter Mariano contribuiu de forma significativa, ao construir uma identidade visual para o grupo (Fig. 1).

Ao iniciarmos as aulas em setembro de 2016, ficamos muito motivados com a chegada de várias pessoas interessadas, somando rapidamente um total de mais de 80 inscritos em questão de poucas semanas. Um dos objetivos da Orquestra tem sido o de promover a ini-

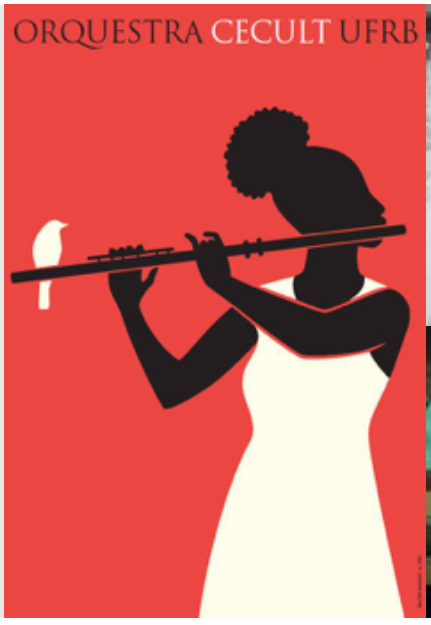


Fig. 1. Desenho gráfico da Orquestra Cecult, criado pelo Professor Walter Mariano.

Fig. 2. Uma parte dos sopros da Orquestra do Cecult. Foto: Nayack Tranquilli

Fig. 3. Momento de ensino dos instrumentos de corda, violão e guitarra. Foto: Nayack Tranquilli

ciação musical das pessoas envolvidas, de forma a traçar um percurso de aprendizagem e, desta maneira, inserir um repertório adequado a cada momento deste percurso. Foi sugerido que cada participante trouxesse o seu instrumento para a aula. Ainda, durante as práticas também usamos voz, palmas e outros sons corporais para aprendizagem do solfejo, de ritmos e de leitura de partitura.

Cerca de 90% das pessoas que participam da Orquestra são da comunidade, enquanto 10% são discentes. De forma geral, os participantes são oriundos das proximidades e também de Saubara, Oliveira dos Campinhos, São Francisco do Conde, Cachoeira e Alagoinhas. Muitos destes participantes são jovens músicos e musicistas das filarmônicas, bandas e fanfarras locais, como, por exemplo, a Lira e a Apolo de Santo Amaro, a banda marcial da COBRAC, dentre outros grupos. Muitos dos membros estão planejando realizar cursos de graduação na área de música no CECULT/UFRB.

O perfil das pessoas que participam inclui músicos e musicistas iniciantes de faixa etária de 7 a 70 anos, e se misturam a outros e outras mais experientes. Temos trabalhado leitura de partitura aliada à técnica instrumental e exercícios de criatividade, sempre inseridos dentro de repertórios de músicas brasileiras e latinas. Apesar do fato de que trabalhar com um grupo tão diverso em termos de idade e experiência poderia causar dificuldades, no nosso caso tem sido uma grande vantagem, uma vez que os membros da Orquestra se dispõem sempre a ajudar quem tem menos experiência, no intuito de fazerem um grupo de fato coeso.

Os próximos objetivos são iniciar uma turma de aulas de arranjo sob a batuta do também professor do CECULT Sólon Mendes e nos prepararmos para futuras apresentações e mostras da produção musical do grupo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, J. "Uma proposta de educação musical social e brasileira através da prática de instrumentos musicais em "Orquestras Brasileiras". Revista Espaço Intermediário, v. 1, n. 1, p. 53-64, 2010.

08

FELIPE MILANEZ PEREIRA
MICHEL FERNANDES DA ROSA
ELDER PEREIRA RIBEIRO

VIVER SEM PRECISAR CRESCER: RODA DE CONVERSA E TROCAS DE SABERES COM GIACOMO D'ALISA E POVOS DE SANTO AMARO

INTRODUÇÃO

O presente texto refere-se à atividade desenvolvida no âmbito do Projeto de Extensão nº 42602/2016 (UFRB/CECULT) denominado Ambientes Indisciplinados: educação, cultura e ecologia política no Recôncavo e Além. O referido projeto traz, dentre os seus objetivos, o de promover a extensão universitária por meio de diálogos entre saberes, provocando reflexões sobre a ideia de desenvolvimento a partir dos conhecimentos locais e através de uma abordagem articulada com as comunidades envolvidas.

Convidamos para essa atividade o Dr. Giacomo D´Alisa, pesquisador da Universidade Autônoma de Barcelona e pós-doutorando na Universidade de Coimbra, e um dos organizadores do livro intitulado: Decrescimento: vocabulário para um novo mundo (D´Alisa et al, 2016). O intuito desse convite foi realizar uma roda de conversas com as populações locais, em especial os povos de santo e de quilombo, na qual fosse possível discutir outras formas de se pensar e viver para além do imperativo do crescimento e do mito do desenvolvimento econômico ilimitado.

A motivação inicial da atividade foi, através do diálogo entre diferentes atores e suas perspectivas, por um lado compartilhar conhecimentos produzidos na universidade com a comunidade e, por outro lado, aprender com a comunidade sobre conhecimentos produzidos no contexto de luta e que possam ser transformadores da própria universidade, bem

como promover uma integração da universidade com a comunidade com o objetivo de uma transformação positiva da realidade visando formas de bem viver.

A RODA DE CONVERSA

O ponto de partida para a roda de conversa, ocorrida em 25 de novembro de 2016 nos Jardins do CECULT, em Santo Amaro, foi o livro cujo convidado, Dr. Giacomo D´Alisa, é um dos organizadores e estava sendo lançado no Brasil. Essa seria a provocação para se discutir ecologia, vida, autonomia, economia, território, justiça ambiental, projetos de futuro, cuidado, bem viver, palavras que, entre outras, constituem o vocabulário de um novo mundo.

Participaram da roda de conversas com o pesquisador internacional membros da comunidade de santo de Santo Amaro que são reconhecidos e reconhecidas como intelectuais graduados da religião que professam: o Babalorixá Pote, a Ialorixá Manuela de Ogum, e a Professora Flávia Reis, representando o terreiro do Babalorixá Gilson. A roda foi composta por estudantes e docentes do CECULT.

A obra que deu ensejo à inquietação sobre o tema é organizada em quatro partes que apresentam as seguintes temáticas: (i) Linhas de Pensamento; (ii) O Núcleo; (iii) A Ação e; (iv) Alianças. Nestas partes, são apresentadas entradas teóricas escritas por diversas autoras e autores, incluindo nomes de grande reconhecimento nos círculos acadêmicos como Joan Martinez-Alier, Arturo Escobar, Serge Latouche, em um total de 52 verbetes, tais como Justiça Ambiental (verbete nº.7), Crescimento (verbete nº.12), Descolonização do Imaginário (verbete nº.16), Felicidade (verbete nº.21), Ecocomunidades (verbete nº.38), Bem Viver (verbete nº.49) e Economia Feminista (verbete n.51), etc.

O pesquisador D´Alisa procurou demonstrar as conexões entre os verbetes trazidos no livro como uma proposta de um vocabulário para um novo mundo. Se queremos viver de um jeito diferente, é preciso construir também um vocabulário para falarmos dessa nova vida. Esse novo mundo surge em um horizonte utópico, e emerge a partir de articulações entre ação social e reflexões produzidas em diversos contextos sociais, com opressão, injustiças econômicas e ambientais, que são características — e não meras consequências — do sistema capitalista, alimentado pelo mito do crescimento econômico ilimitado como o único horizonte possível de existência da humanidade. Falar em decrescimento, nesse contexto, significa pôr em causa um fetiche, algo que esconde os processos sociais por trás de sua materialidade. Significa pensar fora da caixa fechada do capitalismo, e imaginar outras economias possíveis.

Na medida em que essas reflexões emergiram na fala do Professor D´Alisa, outros participantes da roda de conversa foram se sentindo tocados pelos assuntos referidos. Após a sua explanação, tiveram a palavra os representantes intelectuais dos povos de santo.

Nós somos natureza, e dependemos dela para viver, comentou a Ialorixá Manuela, quando confrontada com a ideia de decrescimento e outras possibilidades de existência com a natureza. A relação de interdependência com a natureza, exposta de forma brilhante e sutil pela mãe-de-santo, era um questionamento direto e fundamental da imposição colonial da separação entre sociedades e Natureza: a violência epistêmica que separa a existência social de sua relação com a Natureza, de forma a construir o extrativismo da Natureza no sistema metabólico global, a exportação massiva de recursos naturais e matérias para alimentar mercados consumidores distantes, nos grandes centros do capitalismo industrial.

Em uma região marcada pelo colonialismo do engenho e da escravidão, e mais recentemente pela intensa contaminação do chumbo e cádmio resultantes do extrativismo mineral, ao estabelecer uma relação de coexistência com a natureza, Mãe Manuela produz uma crítica epistêmica a projetos de desenvolvimento/crescimento que se fundamentam sobre a própria violência que estabelece a dicotomia Cultura x Natureza.

Poderia representar a dificuldade que relata o Babalorixá Pote, no mesmo encontro com Mãe Manuela, que experimenta o povo de santo em ingressar no capitalismo? Como é crescer quando se está dentro em uma posição subalternizada, mas procura sentir-se fora?

Outra crítica comum e popular é que a ideia de decrescimento atinge a expectativa de crescimento do consumo das classes empobrecidas. Vocês propõem que não precisa crescer porque ocupam um espaço de privilégio. Mas e nós, os pobres?, questionou um aluno durante a atividade. Da mesma forma, o Babalorixá Pote mostrou uma surpresa ao ser confrontado com o conceito, pois o candomblé sempre busca um crescimento: o ser humano não pode decrescer.

No entanto, o que ficou evidente durante a roda de conversa que procurou juntar diferentes perspectivas e experiências de vida foi que a ideia de crescimento dentro do quadro da religião de matriz africana tem um contexto espiritual e não meramente monetário. Algo que pode se aproximar da ideia do bem viver, verbete escrito por Eduardo Gudynas: é uma noção de bem-estar, ou de uma vida plena, que só pode ser alcançada por meio de relacionamentos profundos dentro de uma comunidade (Gudynas, 2016: 262).

Nesse sentido, explica babá Pote:

> *A nossa religião sempre trabalhou com isso e trabalha. A nossa religião de terreiro, de povos indígenas de comunidade negra, não pensa só em si. Nós comemos com a mão, nós andamos descalços, vestimos uma roupa por três dias, trabalhamos coletivamente, mesmo com esse sistema em volta, o capitalismo. Tem várias coisas dentro do candomblé, que faz com que a gente esteja ligado a essa temática do decrescimento, como o cuidado de um e de outro, que sozinho não anda, de interagir com os irmãos de santo, preservar a natureza é importantíssimo para a gente. É uma religião que cuida da natureza, cuida do ferro, cuida da ecologia, do ar e tudo. A religião nossa é o ar. A gente compreende o ar.*

Alguns temas levantados por Giacomo D'Alisa durante a roda de conversa, especialmente a partir da ideia do vocabulário, provocaram reflexões mais abrangentes sobre a crítica ao crescimento econômico, tais como: cuidado, trabalho coletivo, não separação da Natureza, ou o uso instrumental da Natureza. Não se trata aqui de fazer uma discussão das perspectivas ecológicas do candomblé, mas sim de produzir um diálogo entre saberes e incluir os saberes populares dentro desse encontro entre diferentes epistemologias. A principal relação do candomblé com a natureza se dá através dos orixás: Sem as águas e sem as folhas, não existem Orixás, disse Manuela. A não-existência, portanto, se constrói justamente pela separação desta inter-relação: sem Natureza, não há candomblé, logo, não há vida, nessa concepção de existência. Essa relação é diretamente oposta à ideologia da dominação do Homem sobre a Natureza que marca o Iluminismo e a expansão colonial do capitalismo

Longe do Branco e do Capital, também estão o candomblé e os povos de santo, segundo Pai Pote:

> *A nossa religião ainda é a última em capitalismo. A gente é obrigado a entrar no capitalismo. Mas quando nós entramos no capitalismo, no candomblé, isso foge da nossa religião. A gente procura preservar a nossa religião para não entrar no capitalismo.*

A ideia de distância foi colocada não no sentido de um "atraso", mas de resistência, como uma fronteira de mundos. Um dos efeitos denunciados da invasão do capitalismo na religião, para o sacerdote, é a transformação das relações sociais e de trocas:

> *Antigamente eram trocas de objetos: um filho de santo trazia farinha e outro trazia peixe; outro trazia o carvão que produzia. Havia essas trocas. Hoje a gente está no capitalismo e precisa de dinheiro para fazer essas trocas.*

Sem pressa, inclusive porque no candomblé Tempo é um orixá, e não dinheiro, Pai Pote lembra que o símbolo adotado pelo movimento decrescimento na Europa, o caramujo, tem uma relação profunda com a vida no candomblé. É ibi, em ioruba, e representa Oxalá, o mais sábio dos orixás, e que anda vagarosamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade de extensão aqui brevemente relatada tinha como objetivo reunir pessoas com culturas, histórias de vida e epistemologias diversas para conversar em torno de um tema comum: o mito do crescimento ilimitado nas sociedades capitalistas, que é contraditório com a noção de que o Planeta é um sistema ecológico fechado, e a Natureza não se renova no mesmo tempo do metabolismo do Capital.

O que começou como estranhamento e surpresa tornou-se uma inquietação positiva intelectualmente, e na medida em que a conversa fluía, tornou-se reconhecimento mútuo de diferenças. Reconheceram-se e descobriram mais pontos que os unem do que pontos que os afastam, e que é pelas diferenças, inclusive abissais entre o Norte e o Sul, que é possível imaginar, em diálogo e em construção conjunta, a possibilidade da igualdade.

Outro objetivo deste Projeto de Extensão é aproximar a comunidade da universidade e, nesse caminho, fortalecer a autoestima através do reconhecimento e da valorização da produção alternativa de conhecimentos pelo paradigma das Epistemologias do Sul (Santos e Meneses, 2010). Despertar, assim, o interesse da comunidade em temas amplos a partir da realidade local, em sua inserção no sistema-mundo, com potencial transformador dessa realidade. Tratou-se de uma iniciativa que não se esgotou em si, mas que faz parte de um contexto em que se pretende contribuir para produzir novas reflexões sobre os problemas, através da transformação pela experiência e contato com o conteúdo oferecido e, especialmente, da apropriação dos conceitos pelas comunidades locais.

REFERÊNCIAS

D´ALISA, G.; DEMARIA, F.; KALLIS, G. Decrescimento: vocabulário para um novo mundo. Porto Alegre: Tomo Editora: 2016.

GUDYNAS, E. BEM VIVER. In: Decrescimento: vocabulário para um novo mundo. Porto Alegre: Tomo Editora: 2016. Páginas: 260-264.

SANTOS, B.S.; MENESES, M.P. (orgs.) Epistemologias do Sul. Coimbra: Almedina: 2010.

09

FRANCIANE ROCHA
FLÁVIUS ALMEIDA DOS ANJOS

PROELI- PROGRAMA DE EXTENSÃO EM LÍNGUA INGLESA CECULT/NUVEM/UFRB: NARRATIVAS DO INÍCIO DA TRAJETÓRIA

O ProELI - Programa de Extensão em Língua Inglesa CECULT – NUVEM/UFRB foi registrado e iniciado no semestre letivo 2015.2, pelos cinco professores de língua inglesa do núcleo NUVEM/CECULT. Por se tratar de uma iniciativa piloto, foi registrado para durar dois semestres apenas, para que, ao final desse tempo, a equipe tivesse condições de avaliar e reconfigurar seus moldes no que fosse necessário.

O ProELI é um programa de extensão que visa a estimular e implementar o ensino-aprendizagem de língua inglesa na UFRB, com atuação nos três campi que oferecem o Bacharelado Interdisciplinar, área de atuação do núcleo NUVEM. Através desse programa são oferecidos cursos, minicursos, eventos e palestras em língua inglesa que atendam às necessidades dos referidos centros, tendo como público alvo os servidores e alunos da UFRB, assim como as comunidades onde os centros estão situados.

Essa iniciativa também se alinha com a meta da UFRB no tocante a sua internacionalização. E nesse sentido, temos reconhecido que, no cenário mundial contemporâneo, a língua inglesa figura como peça principal nas relações sociocomunicativas, servindo a diversos povos e nações, configurando-se cada vez mais como a língua franca global (JENKINS, 2007, 2009). Por isso, justifica-se o desenvolvimento de atividades como as que estão sendo propostas pelo ProELI, com vistas a favorecer a inserção nas ações contemporâneas de um número significativo de aprendizes, das mais diversas áreas, sobretudo, os menos favorecidos, que não tiveram acesso adequado ao ensino/aprendizagem da língua inglesa, principalmente, jovens das classes C e D, perfil dos estudantes que a UFRB tem se preocupado em atender. Esse empreendimento faz parte das políticas linguísticas da UFRB e,

para que elas tenham impacto positivo, é preciso repensar os nossos conceitos de língua (JORDÃO, 2016), o status que a língua inglesa ocupa nas relações sociais e como essa língua tem figurado em nossas relações.

Nesse sentido é que as universidades, incluindo-se a UFRB, implementam como prática cada vez mais constante a recepção de alunos estrangeiros advindos de diferentes países, necessitando, portanto, que seu corpo docente, discente e os servidores estejam aptos a recebê-los e acompanhá-los durante a sua estadia no Brasil. Sendo assim, o ProELI é constituído também no intuito de capacitar os alunos e servidores da instituição, assim como a comunidade, a utilizarem o inglês como veículo que propicie a comunicação com pessoas de diferentes culturas, porque certamente esse idioma global se tornou uma língua franca, escolhida para comunicação internacional, bem como para o aprimoramento acadêmico e o crescimento cidadão de todos os envolvidos.

Para consolidar essas políticas linguísticas, o ProELI planeja ainda parcerias e projetos com outras instâncias, programas da UFRB e externos, no intuito de fomentar e promover ações de ensino, pesquisa e extensão que contribuam para a construção da universidade como, por exemplo, nas ações relacionadas à internacionalização e expansão de fronteiras do conhecimento e divulgação da instituição como centro de produção de saber.

O programa atuou e pretende continuar a atuar nos seguintes centros: a) CECULT – Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, localizado em Santo Amaro, b) CETENS – Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade, localizado em Feira de Santana, e c) CCS – Centro de Ciências da Saúde, localizado em Santo Antônio de Jesus. O Programa de Extensão em Língua Inglesa persegue os seguintes objetivos:

- Contribuir para o projeto de internacionalização da UFRB através de suporte e parcerias como outros programas e iniciativas de mesma natureza.

- Buscar parcerias e apoio que possam melhorar a estrutura disponível para a realização das atividades, subsidiando assim expansão do ensino de línguas na UFRB.

- Oferecer cursos regulares e atividades em língua inglesa no CECULT, CCS e CETENS.

- Suprir as necessidades advindas da sala de aula dos componentes Laboratório de Língua Inglesa e propor discussão sobre melhorias quanto ao ensino regular de língua inglesa no âmbito dos Bacharelados Interdisciplinares e outros cursos de graduação e pós-graduação da instituição.

- Atender necessidades específicas de cada um dos centros mencionados no que se relaciona ao ensino e aprendizado de língua inglesa.

- Possibilitar que as comunidades onde estão localizados os Centros de atuação do Programa tenham acesso ao ensino/aprendizagem da língua inglesa.

Com base nos objetivos elencados anteriormente, é razoável afirmar que um programa de ensino de língua inglesa é uma importante ferramenta de aproximação da universidade com a comunidade. A existência de iniciativas dessa natureza traz a comunidade ao ambiente universitário de uma forma bastante efetiva e sensível, atendendo necessidades vigentes dessa comunidade quanto ao aprendizado de línguas e construindo uma relação de trocas mútuas, benéficas e necessárias para a construção de qualquer instituição de ensino que se proponha a cumprir o seu papel social.

Um raio-X do Programa revela que, no primeiro ano (durante os semestres 2015.2 e 2016.1), foram propostas ao todo 24 atividades, em sua maioria cursos de caráter instrumental (conversação, leitura, gramática e produção de textos em língua inglesa), bem como oficinas de reforço de conteúdo, palestras informativas e de caráter conscientizador (como: English as a global Língua Franca: Sistematizando esse status). Essas iniciativas ofereceram, em média, 30 vagas cada uma, encerrando um total aproximado de 720 vagas disponibilizadas, para estudantes dos Bacharelados Interdisciplinares da UFRB (em sua grande maioria), mas também de servidores docentes e técnicos da instituição e contando também com uma ainda pequena parcela de participantes das comunidades de Santo Amaro da Purificação, Feira de Santana e Santo Antônio de Jesus. Quase todas as turmas eram iniciadas com lotação máxima e lista de espera, o que fez a equipe acreditar no potencial do programa devido à intensa demanda.

Existiu em nossos cursos uma significativa evasão, em parte como característica já prevista de cursos gratuitos dessa natureza, em parte por alguns percalços originais da dinâmica acadêmica e também da dinâmica social e econômica do país no período, como: as paralisações de atividades, a suspensão temporária do calendário no período 2016.1 e a retomada das atividades em períodos de férias da comunidade. Esse conjunto de variáveis impactou no número de concluintes que, ao todo, foi de 248 alunos certificados. A previsão é que o número de alunos atendidos e certificados aumente ao longo da atuação futura do programa nos Centros, uma vez que a consolidação da presença da equipe e da atuação constante nos campi populariza as atividades e faz aumentar a demanda; ademais, várias ações serão tomadas com o intuito de diminuir as taxas de evasão e afiliar os alunos ao aprendizado de língua inglesa até o nível da proficiência.

Turma do curso de extensão em leitura instrumental 2016.1 do campus Santo Amaro
Foto tirada por um dos discentes

Turma do curso de conversação básica
2015.2 do campus Santo Antônio
Foto tirada por um dos discentes

Turma do curso de extensão em leitura instrumental
2015.2 do campus Santo Amaro.
Foto tirada por um dos discentes

Quanto à capacitação dos alunos, é importante citar a atuação da bolsista PIBEX Heloisa Barbara Rosario, aluna do CETENS, que sob orientação da Profa. MSc. Franciane Rocha (então coordenadora do programa), trabalhou no auxílio à implementação dos cursos naquele campus, bem como na construção e alimentação do site do programa e na melhoria de sua própria competência comunicativa em língua inglesa. Essa experiência, julgada muito significativa por ambas, bolsista e orientadora, denota o comprometimento do programa com a formação linguística e acadêmico-social dos estudantes envolvidos.

O Programa de Extensão em Língua Inglesa deverá ser renovado para seu segundo ano de atuação, agora sob a coordenação do professor Flávius dos Anjos, e continuará oferecendo diferentes cursos de curta e longa duração, bem como eventos, palestras e similares a serem criados e desenvolvidos de acordo com as demandas e necessidades dos centros envolvidos. Os cursos instrumentais continuarão a ser oferecidos, com 30 a 45 horas de duração, bem como outras atividades de carga horária variada com o objetivo de suprir necessidades diversas da comunidades interna e externa (sem descartar a possibilidade de que posteriormente sejam ofertados cursos em outro formato). Além disso, o tipo de atividade a ser desenvolvida (ex.: regular, leitura, conversação, minicurso, oficina, palestra, etc.) em cada um dos centros continuará levando em conta a utilidade deste para o seu público alvo e, se for o caso, requerimento da instituição. É também pretensão do programa começar a desenvolver mais intensamente um calendário de palestras e seminários integrados com outras atividades de mesma natureza dos centros, no intuito de despertar o interesse e promover as iniciativas junto aos novos alunos e à comunidade como um todo.

A iniciativa em si de construir e promover um programa de extensão voltado para o ensino de línguas na Universidade é uma ação que mostra a preocupação com os três pilares da esfera acadêmica. Capacitar os agentes da rotina universitária a ascender e produzir conhecimento em língua estrangeira impacta diretamente na qualidade e viabilidade da pesquisa e do ensino. Especificamente, a articulação Ensino, Pesquisa e Extensão do ProELI - Programa de Extensão em Língua Inglesa decorre, primeiramente, do fato de que os Centros têm como um de seus objetivos suprir necessidades advindas da sala de aula dos componentes de Laboratório de Língua Inglesa, tais como complementação da carga horária, oferta de cursos que auxiliem os alunos na aquisição da língua estrangeira e que aumentam o contato destes com a língua, facilitando o processo de aprendizagem etc.

Ademais, como decorrência das atividades desenvolvidas no Programa de Extensão, os docentes envolvidos visam a desenvolver projetos de pesquisas, vinculados a temáticas

próprias da prática de ensino, como: autonomia do aluno, interculturalidade, estratégias de aprendizagem, atitudes, motivação e orientação para aprender inglês, abordagens e metodologia de ensino, material didático, dentre outros.

REFERÊNCIAS

JENKINS, J. English as a lingua franca: attitude and identity. Oxford, UK: Oxford UP, 2007.

JORDÃO, C. M. Decolonizing identities: English for internationalization in brazilian university. In: Interfaces Brasil/Canadá. Canoas, v. 16, n. 1, 2016. P. 191-209.

10

FRANCISCA HELENA MARQUES
URIEL CASAES SANTANA CAROLINE SILVEIRA MORAES
DIOGO NAVARRO NADDEO
ARILMA REIS CONCEIÇÃO

LUGAR DE MEMÓRIA, IDENTIDADE E SIGNIFICADOS: ARQUIVO DE SOM E IMAGEM DALVA DAMIANA DE FREITAS (ASID)

> *"Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado." (Guardar, Antônio Cícero)*

Arquivos podem ser considerados "instituições-memória", ou tomando como referência a expressão de Pierre Nora (1993, p.13), "lugares de memória". Embora sejam símbolos e suportes da memória coletiva, uma vez que permitem uma articulação entre passado, presente e futuro, arquivos "nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea". Portanto, é preciso que se criem arquivos:

> *Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento de história, mas que lhe são devolvidos. (idem, p. 13)*

Se nos valermos do pensamento do antropólogo Joël Candau sobre a exteriorização da memória podemos pensar os arquivos também como extensões da memória ou como uma forma de transmissão memorial. Candau (2009, p. 112), tomando também como referência Pierre Nora, enfatiza que nenhuma época foi assim tão voluntariosamente produtora de arquivos como a nossa. Também nunca a nossa memória foi tão curta e frágil.

Lugar de memória, assim como elemento de identidade e significados, o Arquivo de Som e Imagem Dalva Damiana de Freitas (ASID) é um espaço de preservação, documentação, organização e disponibilização de acervos sobre a música e a cultura do Recôncavo baiano[1].

Esse projeto vem sendo desenvolvido desde 2000 com voluntários da comunidade de Cachoeira e bolsistas graduados e em fase de graduação. Em 2003, o Arquivo tomou uma dimensão institucional através do Laboratório de Etnomusicologia, Antropologia e Audiovisual – LEAA/Recôncavo - e da parceria com sambadores e sambadeiras da Associação Cultural do Samba de Roda Dalva Damiana de Freitas e pesquisadores ligados à Associação de Pesquisa em Cultura Popular e Música Tradicional do Recôncavo. A partir de 2014, o Laboratório e o Arquivo passaram também a estar ligados ao Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (UFRB) como programa e projeto de extensão universitária e ao Núcleo de Memória e Documentação do Recôncavo (NUDOC/UFRB), local que abriga o desenvolvimento dos trabalhos do LEAA e do Arquivo diariamente.

Até o momento considerado o único arquivo comunitário a preservar acervos, documentação audiovisual e pesquisas sobre o Samba de Roda do Recôncavo, o ASID reúne acervos audiovisuais de documentação e de pesquisas relacionados ao patrimônio imaterial e material do Recôncavo baiano nas mais diversas manifestações (formas de expressão, celebrações, saberes, lugares, edificações e memória oral/etnobiografias). São eles: Acervo LEAA/Recôncavo – documentação de projetos, etnobiografias, memória oral, festas populares, eventos, manifestações e bens culturais do Recôncavo baiano, projetos de pesquisa, inventários; o Acervo Dalva Damiana de Freitas – acervo pessoal e da obra de Dalva Damiana de Freitas - atividades culturais e educativas da Casa do Samba de Dona Dalva, samba de roda, ternos, quadrilha e folguedos; Acervo Francisca Marques – documentação voltada à pesquisa etnomusicológica no Recôncavo, em especial, música, memória e religiosidade (Samba de Roda; Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte; etnobiografias); Acervo Rotas da Alforria – acervo da documentação do projeto desenvolvido em parceria com o CNFCP-COPEDOC/IPHAN e referente a 45 bens culturais identificados em Cachoeira e São Félix; e Acervo DigiArts UNESCO – documentação audiovisual e de educação comunitária realizada durante realização do programa DigiArts/UNESCO em Cachoeira, Bahia.

1 Dalva Damiana de Freitas, Dona Dalva (a Doutora do Samba), nascida em 27 de setembro de 1927, em Cachoeira, no Recôncavo baiano, é considerada uma legenda viva por sua obra, trajetória e contribuição à cultura afrobrasileira, em especial, ao Samba de Roda. Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (2012), Dalva Damiana foi uma das solicitantes do registro do Samba de Roda do Recôncavo baiano no livro das Formas de Expressão do Patrimônio Cultural do Brasil (IPHAN, 2004) e colaboradora para o dossiê que resultou na titulação do Samba de Roda do Recôncavo como Obra Prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade (UNESCO, 2005).

É importante salientar que, quando falamos em documentação audiovisual, ou documento audiovisual, conceituamos ambas as terminologias como está previsto no glossário da Câmara Técnica de Documentos Audiovisuais, Iconográficos e Sonoros, ou seja, "gênero documental integrado por documentos que contém imagens, com finalidade de criar a impressão de movimento, associadas ou não a registros sonoros". (CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS, 2016, p. 12). O mesmo glossário traz duas outras definições importantes para considerarmos os acervos que dispomos no Arquivo de Som e Imagem Dalva Damiana de Freitas: o documento iconográfico como o "gênero documental integrado por documentos constituídos de imagens fixas" e o documento sonoro "gênero documental integrado por documentos que contém registros sonoros" (idem, p. 12).

Levando em consideração que o documento arquivístico é "um produto social e seu conjunto reflete intenções e escolhas de seu uso", arquivos de documentos audiovisuais, iconográficos e sonoros devem ser (SIQUEIRA, 2016, p. 43):

> *objetos da gestão documental, sendo classificados e avaliados, mantidos em seu contexto através do arranjo quando forem recolhidos para o arquivo permanente e descritos conforme seus elementos funcionais e informativos, possibilitando, dessa maneira, que o usuário compreenda sua gênese contextual e seu real significado.*

No caso do Arquivo de Som e Imagem Dalva Damiana de Freitas, parte dos desafios e complexidade de gestão documental decorre do fato de se tratar de um arquivo presencial e extensões em plataformas online[2].

OBJETIVOS E METAS

O Arquivo de Som e Imagem Dalva Damiana de Freitas tem como meta principal salvaguardar a memória, os saberes e as práticas dos Mestres e Mestras da Cultura Popular e dos

2 Premiado no Edital de Preservação e Acesso aos Bens do Patrimônio Afro-Brasileiro (PROEXT/PROPESQ-UFPE, 2013), o Arquivo de Som e Imagem Dalva Damiana de Freitas e outros 23 projetos constituíram o primeiro Acervo Afrobrasileiro unificado por uma plataforma digital: Tainacan. O projeto Arquivo de Som e Imagem Dalva Damiana de Freitas teve como parceiros a Associação de Cultural do Samba de Roda Dalva Damiana de Freitas (proponente), o Laboratório de Etnomusicologia, Antropologia e Audiovisual (LEAA/Recôncavo), o Ministério da Cultura (MinC), a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), a Rede Memorial e a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia através do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT/UFRB), Núcleo de Memória e Documentação do Recôncavo (NUDOC) e Centro de Artes, Letras e Humanidades (CAHL/UFRB).

bens culturais afro-brasileiros do Recôncavo baiano. Ao mesmo tempo, tem como objetivo tornar acessíveis esses acervos para pesquisa e projetos de extensão e ensino em todos os níveis – fundamental, médio, superior e de pós-graduação.

Consideramos também como objetivos desse projeto:

- a documentação e a pesquisa contínua das práticas culturais em Cachoeira e no Recôncavo baiano;
- a digitalização de acervos e organização dos dados em coleções;
- desenvolver trabalhos de educação comunitária;
- fortalecer as atividades diárias e os projetos do Laboratório de Etnomusicologia, Antropologia e Audiovisual (LEAA/Recôncavo);
- disponibilizar plataformas para armazenamento, acesso e pesquisa da documentação depositada e gerada pelo ASID para a comunidade.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO ARQUIVO DE SOM E IMAGEM DALVA DAMIANA DE FREITAS

Entre 2014 e 2016, com o apoio das bolsas de pesquisa, ensino e extensão (UFPE/MinC, Casa do Samba/LEAA e PROEXT/UFRB), foi possível o desenvolvimento de projetos de pesquisa, ensino e extensão e eventos ligados ao ASID no NUDOC. Também foi possível a formação de uma equipe de pesquisadores/discentes graduandos e graduados da UFRB nas áreas de museologia, ciências sociais, cinema, artes visuais e do bacharelado interdisciplinar em cultura para atuarem diretamente na documentação, organização e digitalização de documentos para o Arquivo.

No decorrer do desenvolvimento das oficinas Pesquisa, Documentação e Educação Patrimonial, duas sambadeiras-mirins com idades de 13 e 15 anos participaram do projeto como auxiliares de trabalho de campo e de laboratório.

PRIMEIROS RESULTADOS: PLATAFORMAS DIGITAIS

Durante o projeto, foi desenvolvida uma estrutura de funcionamento virtual do Arquivo na Plataforma Cultura Digital, em princípio pensada como repositório, e que depois foi re-

Dona Dalva Damiana de Freitas (centro) recebe o cortejo de Obaluaê – Foto: Francisca H. Marques

Cartaz das oficinas Pesquisa, Documentação e Educação Patrimonial

dimensionada para servir apenas como um portfólio do que viria a ser o Arquivo de Som e Imagem Dalva Damiana de Freitas na Plataforma Tainacan[3].

Essa plataforma experimental foi pensada a partir dos acervos que dispomos no Arquivo. O Acervo Dalva Damiana de Freitas comportou categorias criadas a partir das demandas específicas do acervo pessoal de Dona Dalva e dos trabalhos e projetos realizados na Casa do Samba. Já a estrutura de pesquisa para o acervo LEAA/Recôncavo foi pensada a partir de categorias usadas pelo Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC/IPHAN): Celebrações, Formas de Expressão, Lugares e Ofícios.

Para que pudéssemos trabalhar o Sistema de Gestão de Repositório Digital – Plataforma Tainacan – meses depois de terminadas as bolsas e o projeto, recebemos um treinamento no Laboratório Liber da UFPE e, gradativamente, passamos a migrar os arquivos e metadados (Dublin Core) anteriormente indexados à Plataforma Cultura Digital. Isso demandou a refacção, sem bolsistas, de todo o trabalho anteriormente empreendido. Foi com o apoio da PROEXT - Edital PIBEX 2016 - e o trabalho de um bolsista que recentemente retomamos a upagem de documentos audiovisuais na Plataforma Tainacan. O trabalho ainda está em construção[4].

3 (ver: http://culturadigital.br/arquivodalvadamianadefreitas)

4 ver http://afro.culturadigital.br/arquivo-de-som-e-imagem-dalva-damiana-de-freitas

A nossa intenção é no futuro disponibilizar servidores de acesso à Plataforma Tainacan/ Arquivo de Som e Imagem Dalva Damiana de Freitas para pesquisa na Casa do Samba de Dona Dalva e no Núcleo de Memória e Documentação do Recôncavo (NUDOC/UFRB).

REFERÊNCIAS

CANDAU, J. Memória e identidade. São Paulo: Contexto, 2009.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS, Câmara Técnica de Documentos Audiovisuais, Iconográficos, Sonoros e Musicais. Glossário V. 2.0. Artigo indexado disponível em http://conarq.gov.br/images/csais/glossario_ctdaism_v2_2016.pdf (pesquisa realizada em 15 de maio de 2017)

NORA, P. Entre a memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aum Khoury. Proj. História, São Paulo (10), dez. 1993. Artigo indexado disponível em https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763 (pesquisa realizada em 10 de novembro de 2016)

SIQUEIRA, M. N. de. "Reflexões sobre o fazer e o pensar arquivístico relativos aos documentos audiovisuais, iconográficos e sonoros". In: Ampliando a discussão em torno de documentos audiovisuais, iconográficos, sonoros e musicais / Pablo Sotuyo Blanco, Marcelo Nogueira de Siqueira e Thiago de Oliveira Vieira (Organizadores). – Salvador: EDUFBA, 2016.

11

JOÃO SANCHES

ARTES DO ESPETÁCULO E INTERDISCIPLINARIDADE: A CONTRIBUIÇÃO DA ILUMINAÇÃO CÊNICA PARA DIFERENTES ATIVIDADES DE EXTENSÃO

Ao entrar em exercício como professor de iluminação cênica no Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT), ainda no meu primeiro semestre de trabalho, recebi de estudantes um convite para colaborar com o primeiro Encontro de Cultura, Gênero e Sexualidade, que ocorreu em Santo Amaro, no Teatro Dona Canô, nos dias 20 e 21 de julho de 2016. A programação do evento contou com mesas temáticas, palestras e apresentações artísticas relacionadas ao tema, e teve coordenação do estudante Murillo Pereira de Jesus.

A sensibilidade dos alunos envolvidos na produção dessa atividade de extensão, mesmo sem cursarem o componente Luz e iluminação (que ainda não havia sido ofertado àquela altura), já reconhecia a necessidade de qualificar a iluminação dos eventos acadêmicos no Teatro Dona Canô. Até então, as atividades lá realizadas não tinham um cuidado especial com esse recurso: ligava-se a luz geral do espaço e, garantida apenas a visibilidade, as atividades ocorriam sem um tratamento mais elaborado da iluminação.

Embora esteja diretamente ligada à realização de montagens teatrais, shows, performances, assim como de produções audiovisuais, a iluminação cênica é uma atividade fundamental não apenas para as artes do espetáculo, mas para qualquer tipo de evento. Todos sabemos que haver luz é condição fundamental para que possamos enxergar. Mas o simples fato de haver luz não garante uma visibilidade adequada para a realização de uma tarefa, ou ação. É preciso qualificar essa visibilidade, mesmo quando o propósito não é artístico.

A luz corresponde ao espectro visível de uma radiação eletromagnética. Todos os corpos quentes emitem luz. É a luz emitida e refletida pelos corpos que torna o mundo visível ao olho humano e nos dá a percepção das cores: "A cor não tem existência material: é apenas sensação produzida por certas organizações nervosas sob a ação da luz – mais precisamente, é a sensação provocada pela ação da luz sobre o órgão da visão" (PEDROSA, 2014 p.20).

Sabe-se que, no ambiente acadêmico, por exemplo, são frequentes as reuniões científicas, as solenidades e encontros públicos de diversos tipos. Essas atividades coletivas, muitas vezes, envolvem a realização de apresentações artísticas e culturais, mas, mesmo quando isto não ocorre, sempre necessitam de uma iluminação específica para tornar o ambiente visível. É principalmente sobre a função de qualificar a visibilidade que se concentram os esforços da iluminação cênica, tal como a abordamos aqui.

Em sua tese de doutorado, premiada recentemente pela CAPES, o iluminador e professor Eduardo Tudella (2013) apresenta uma abordagem muito operativa dos conceitos de visibilidade e visualidade no processo de criação de espetáculos. O professor diferencia os termos visibilidade e visualidade, grosso modo, atribuindo ao primeiro a capacidade de tornar a cena visível e associando o segundo à "atitude crítica que orienta o iluminador e confere postura estético-poética à sua contribuição para a práxis cênica" (TUDELLA, 2013, p.32). O professor compreende que, enquanto a atitude de projetar luz sobre a cena promove visibilidade, a análise dos aspectos técnicos, estéticos e poéticos de tal ação identifica a visualidade de um espetáculo, "[...] ou a qualidade das imagens [cênicas] que estabelecem a articulação do seu discurso artístico-visual" (TUDELLA, 2013, p.32).

A iluminação e a trajetória de seu desenvolvimento tecnológico vêm caminhando no sentido de agregar a esse recurso técnico funções cada vez mais sofisticadas. Roberto Gil Camargo (2012), referindo-se ao método de Stanley McCandless (pioneiro nos estudos da área), deixa claro como a visibilidade é considerada apenas uma das funções da iluminação cênica. Em livro publicado em 1931, McCandless "estabelece as quatro funções da iluminação cênica: visibilidade, localização, composição e mood [atmosfera]" (CAMARGO, 2012, p. 26).

A iluminação, nessa perspectiva, seleciona o que deve ser visto, quando, onde e, principalmente, como deve ser visto – constituindo-se, junto com outros recursos de composição cênica (cenário, figurinos, adereços etc.), em elemento fundamental do diálogo a ser estabelecido entre espetáculo e espectador. É evidente que a utilidade desses saberes não está restrita às práticas artísticas. A luz pode determinar de muitas formas a relação de qualquer evento com sua recepção, compondo a visualidade da cena e contribuindo,

PURIFICAÇÃO
PURIFICAÇÃO

CULTURA
GÊNERO &

assim, para a afirmação e materialização de discursos. Ou seja, a utilização artística ou cênica da luz é produtiva mesmo no âmbito de acontecimentos públicos considerados não-artísticos.

No primeiro Encontro de Cultura, Gênero e Sexualidade, por iniciativa de Murillo e com o apoio de estudantes como Joanderson Santos, Giselle Castro, Tainara Freitas, Juliana Brandão e Larissa Caroline, foi possível qualificar a visibilidade das mesas e palestras, destacar a decoração nas laterais do palco e garantir um diálogo criativo da luz com a programação artística. A experiência permitiu, mesmo aos estudantes não envolvidos diretamente com o evento, o vislumbre de uma série de possibilidades em relação à utilização da luz cênica, aos recursos técnicos do Teatro Dona Canô, assim como conhecer oportunidades de profissionalização no campo das artes do espetáculo.

Logo após esse evento, recebi mais um convite: agora da professora Nadja Vladi (idealizadora do projeto de extensão Clube da Radiola) e do estudante Rômulo da Silva Vieira, coordenador da atividade de extensão Musicalidade Baiana. Essa atividade, em associação com o Clube da Radiola, realizou em Santo Amaro, entre os dias 15 e 17 de setembro de 2016, uma série de debates, apresentações de vinis, workshop, mostra de videoclipes e discotecagem, reunindo músicos, pesquisadores e pessoas interessadas no universo da música urbana produzida na Bahia. O convite foi para que eu colaborasse nas atividades externas do evento que ocorreriam/ocorreram no Bar Donna. A ideia era fazer uma iluminação que, mais do que proporcionar visibilidade, pudesse instaurar uma atmosfera acolhedora, refletindo o espírito inovador dos trabalhos musicais que seriam apresentados e discutidos naquele ambiente. Providenciei a construção de uma gambiarra de leds coloridos, consegui redes luminosas de leds brancos e, com ajuda dos alunos Nayack Saturnino Tranquilli, Mirella Medeiros, Rômulo Vieira, entre outros envolvidos na organização, instalamos os equipamentos, colorindo aquele espaço de maneira criativa e despojada, para espelharmos a diversidade dos conteúdos que ali seriam/foram tratados.

A partir dessas experiências, identifiquei uma possibilidade concreta e imediata de prática interdisciplinar a ser desenvolvida: relacionar a luz cênica com as atividades de extensão e pesquisa já em andamento no CECULT. Ao invés de propor iniciativas de extensão que seriam coordenadas por mim, passei então a privilegiar a colaboração (por meio do trabalho como iluminador) com projetos que já estavam sendo desenvolvidos e coordenados por outros professores e alunos, relacionados a diferentes áreas do conhecimento. Nesse sentido, e agora por iniciativa própria, passei a me oferecer com frequência para trabalhar como iluminador dos eventos promovidos pelo CECULT e, quando iniciamos as aulas do componente Luz e iluminação do itinerário formativo do BICULT, procurei também arti-

cular as atividades letivas do referido componente com as iniciativas de extensão e pesquisa que foram surgindo durante o semestre. O resultado foi uma série de contribuições a eventos como o Gestão Cultural Mundo Afora, o UFRB nas Escolas, o festival Paisagem Sonora, a apresentação artística do CECULT na Festa da Purificação, a Semana de Pesquisa do CECULT e o primeiro ENICECULT (Encontro Internacional de Cultura, Linguagens e Tecnologias do Recôncavo). Assim, foi possível potencializar diversas iniciativas do nosso centro e envolver os estudantes de maneira primordialmente interdisciplinar e prática no universo da iluminação cênica e das artes do espetáculo.

REFERÊNCIAS

CAMARGO, R.G. Função estética da luz. São Paulo: Perspectiva, 2012.

PEDROSA, I. Da cor à cor inexistente. Rio de Janeiro; Senac Nacional, 2014.

TUDELLA, E. A. da S. Práxis cênica como articulação de visualidade: a luz na gênese do espetáculo. 2013. 629 f.. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

12

JORGE LUIZ RIBEIRO DE VASCONCELOS

AGBÈ – LABORATÓRIO DE PRÁTICAS MUSICAIS
CONSTRUÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO E EXTENSÃO EM MÚSICA

ALICERCES

Com o início das atividades com a primeira turma de estudantes do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas - CECULT em julho de 2014, surgiu uma demanda (e uma vontade e um desejo) de ocuparmos este novo espaço também com sonoridades e seus sentidos. Recebíamos, então, as duas turmas (vespertino e noturno) de discentes do BICULT, nosso Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas, cujas vocações, projetos e formações ainda não conhecíamos. A necessidade daquele momento era criar possibilidades de interlocução musical entre os que estávamos chegando (incluindo-nos, a maioria dos servidores docentes e técnico-administrativos, para quem tudo também era muito novo).

Era necessário conhecer os saberes e habilidades musicais dessas pessoas tentando proporcionar, ao mesmo tempo, um espaço para que estes conhecimentos prévios se manifestassem e para que entendêssemos para onde se direcionavam.

O BICULT já previa, em seu Projeto Pedagógico, um dos Itinerários Formativos (e seu respectivo curso de segundo ciclo) de Licenciatura em Música Popular. Portanto, era importante que propuséssemos ações de "musicalização" de nosso novo espaço. Mais que isso, ambiciosamente buscava-se uma ação de Educação Sonora, educação para os sons e pelos sons.

Pois, se como afirma o compositor e educador canadense Murray Schafer:

> *Precisamos aprender a ouvir. Parece que esquecemos esse hábito. Precisamos sensibilizar o ouvido para o mundo miraculoso de sons à nossa volta. Depois que tivermos desenvolvido alguma perspicácia crítica, poderemos caminhar em direção a projetos maiores, que tenham implicações sociais. [...]. O objetivo é tornar conscientes as decisões a respeito de projetos que afetam a paisagem sonora à nossa volta. (SCHAFER, 2009, p. 17).*

Nada melhor do que aprendermos a nos ouvir uns aos outros: nossos sons e o que podemos e queremos fazer com eles.

Neste ponto da jornada, recordo-me de uma belíssima imagem literária encontrada nos "Campos Gerais" de Guimarães Rosa quando o vaqueiro Manuelzão, acostumado à rudeza e praticidade da lida com o gado e com a terra, se espanta e se maravilha com o fazer dos músicos em sua festa: "Manuelzão observava as máquinas daquela combinação, como conseguiam. Casa diversa, que queriam fazer, casa de ar?" (ROSA, 2013, p. 219).

Voltando à Bahia e ao nosso relato, era fundamental que construíssemos essa nossa nova morada com paredes ventiladas e amplas janelas que permitissem ideias entrando e saindo livremente. Nada melhor do que os sons como tijolo.

ERGUENDO AS PAREDES

> *"Homem não dança samba-chula, homem amassa o barro!"*
>
> *Seu João do Boi, Mestre do Samba-chula de São Braz*

Necessário, então, que primeiramente nos situássemos no chão que pisávamos, massapê de tradições plantadas há muito tempo e que continuavam vicejando, em meio a contrastes e conflitos. Mas cercando nosso centro com sons, significados e histórias e memórias singulares. A epígrafe acima transcreve a fala de um dos mais antigos sambadores locais, ouvida em diversas ocasiões[1]. Para além de questões de gênero que envolvem o samba-chula, destaca-se também por seu sentido comunitário: o barro que se amassa é o que será usado para erguer paredes, em momentos de solidariedade nos quais não há separação entre o lúdico e lida, a festa e a faina. Assim, inspirados pelos modos de fazer do Recôncavo, resolvemos "amassar o barro" para continuar nosso mutirão. Foi formado um grupo de

1 Para mais informações sobre o samba-chula do Recôncavo, ver DÖRING, 2016. Em especial, no que se refere a esta concepção de Seu João do Boi, ver p. 180.

nome "Laboratório de Práticas Musicais" nucleando as pessoas com experiência musical anterior (que já tocassem algum instrumento) e aquelas com interesse em adquirir esta experiência. Uma ferramenta muito acessível para essa aquisição é o canto. E também alguns instrumentos de percussão que permitem uma aproximação com a prática musical. Momentos de celebração e socialidade[2] em nosso centro nos proporcionaram espaço para compartilhar os resultados do trabalho e também estimular novos processos.

A seguir, registro algumas memórias deste trajeto.

O PRIMEIRO E JÁ TRADICIONAL CARURU DO CECULT

Esta bem-humorada forma de nomear a celebração inaugural no Centro deve-se a uma observação do diretor Danillo Barata, parodiando carinhosamente eventos populares que adotavam esta fórmula de autodenominação de "primeiro e já tradicional".

O "I Caruru" foi uma ação de acolhimento e abertura das portas do CECULT para a comunidade, realizada no dia 27 de setembro de 2014. Como o próprio nome diz, foi oferecido um caruru para convidados da comunidade e, durante a festa, nosso grupo do Laboratório de Práticas Musicais apresentou-se com canções e seu acompanhamento instrumental.

Fora dado um primeiro passo em direção a agregar um grupo através de suas afinidades musicais. E criar uma atmosfera de práticas artísticas em um centro em implantação.

ABRIGO SÃO DOMINGOS

Localizado nas proximidades da antiga sede do centro, o abrigo São Domingos é uma entidade não governamental, com fins filantrópicos. Intrigava-nos (e mesmo incomodava, mas também nos atraía) vermos os idosos em seu pátio, aparentemente carentes de atividades de lazer e de ocupação social e cultural de seu tempo livre. Lançada no grupo, a proposta de lá realizarmos uma atividade teve uma acolhida entusiasmada, que se traduziu imediatamente em iniciativas e ações. Por estas iniciativas, foram obtidos recursos para a compra de itens para um lanche (tendo consultado a direção da instituição para adequação aos procedimentos lá adotados) para o que chamamos de "Tarde com Arte". Isso para que não fosse apenas uma breve inserção com números musicais e artísticos, mas um dia de inte-

2 Segundo a autora Cristina Maria da Silva, esta ideia do sociólogo Michel Maffesoli "...pontua que as sociabilidades (funções sociais ou o social instituído), seriam contornadas pelas 'socialidades', que são os nomadismos, as liberdades dos sujeitos, suas resistências, micro-liberdades" (SILVA, 2014, p. 30)

SÃO DOMINGOS

gração, conversando e nos situando perante aquele público e só assim realizando nossas atividades musicais. Foi gratificante ver a qualidade de relações, mais humanizadas do que uma simples visita assistencialista. A interação musical com os idosos foi surpreendente, muitos deles detentores de repertório bastante vasto (de sambas de roda, principalmente) que fizeram questão de compartilhar conosco. Os alunos e alunas se mostraram bastante tocados e sensibilizados pela atividade, apontando para um caminho de relação entre arte/ação social e de cidadania que ainda se encontra potencial. Retornamos ao Abrigo São Domingos em dezembro de 2015, dessa vez com um grupo mais amplo. No entanto, essa Tarde com Arte ficou em nossas lembranças, tenho forte certeza.

A seguir, relato de algumas outras atividades desenvolvidas pelo nosso coletivo posteriormente rebatizado "Agbè – Laboratório de Práticas Musicais", que integra o Grupo de pesquisa e extensão Mesclas: Memória, Espaço e Culturas.

IX SEMULPATO

Evento da área de saúde, o Seminário Multidisciplinar de Patologia realizado em 15/maio/2015. Apresentação no teatro Dona Canô de algumas peças de repertório vocal em que experimentamos recursos da linguagem do coro cênico.

SEMANA DE ACOLHIMENTO 2015.1

Habitualmente, quando do ingresso de novas turmas, o CECULT promove uma Semana de Acolhimento, com apresentação dos projetos de pesquisa, extensão, do corpo docente, de aspectos da vida universitária etc. Apresentamo-nos aos calouros e calouras e desde então, quando há semana de acolhimento, há acolhimento musical.

O Agbè tem se apresentado desde então, em eventos como o II Cultura e Negritude (2014), IX Fórum 20 de Novembro (novembro/2015), Novembro em Ação – Santo Amaro Integração Cultural (evento em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura de Santo Amaro, em 21 de novembro de 2015, Feira das Artes). Em 2015 e 2016, foi contemplado no PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA – PIBEX.

PORTA SEM TRAMELA.

Hoje em dia, temos muitos outros grupos de extensão no CECULT, que lidam com várias linguagens artísticas e nosso projeto atual é nos integrarmos internamente e mantermos nossas portas abertas à comunidade. Venha!

REFERÊNCIAS

DÖRING, K. Cantador de chula : o samba antigo do recôncavo baiano / Katharina Döring. - 1. ed. - Salvador, BA : Pinaúna, 2016.

ROSA, J. G. Manuelzão e Miguilim:(corpo de baile). Nova Fronteira, 2013.

SCHAFER, M. R. Educação sonora: 100 exercícios de escuta e criação de sons. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

SILVA, C.a M. da. Rastros das socialidades: Conversações com João Gilberto Noll e Luiz Ruffato. São Paulo, Annablume, 2014.

13

JORGE VASCONCELOS
LAYNO SAMPAIO PEDRA
LORENA PENNA SILVA

MÚSICA E A ARTE NO ABRIGO SÃO DOMINGOS

Professores, servidores técnico-administrativos e alunos do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas – CECULT, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, empolgados pelo universo cultural que explodia à primeira vista no centro ainda em construção – alunos aprendendo os toques dos instrumentos; artistas contorcendo os corpos em jeito de arte; desenhos tomando formas e vistas – tiveram a ideia de levar um pouco desse entusiasmo para fora dos muros da universidade. O objetivo principal era impulsionar a imagem do centro recém-criado, que oferta, até então, um curso descolado e à frente do seu tempo, porém tão recôncavo quanto Santo Amaro - o Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (BICULT).

O local escolhido para a atividade foi o Abrigo São Domingos. Localizado próximo ao CECULT, o abrigo é uma instituição não governamental, com fins filantrópicos, que acolhe idosos da cidade de Santo Amaro. O abrigo foi fundado em 1939 e, quando a atividade foi realizada, contava com 41 idosos.

O professor Jorge Vasconcelos, coordenador do Grupo Agbê – Laboratório de Práticas Musicais[1], e os técnico-administrativos Lorena Penna, Layno Pedra, Ana Maria Silva Olivei-

1 O Agbè - Laboratório de Práticas Musicais, vinculado ao Grupo de Pesquisas Mesclas - Memória, espaço e culturas, é um grupo de práticas musicais diversificadas, tendo como foco principal a realização de apresentações artísticas que permitam o trabalho no formato de projetos contextualizados. Em atividade desde 2014, o grupo já foi contemplado no Programa Institucional de Bolsas de Extensão - PIBEX da UFRB nos anos de 2015 e 2016.

ra e Kareen Mendes se reuniram para organizar a atividade. Decidimos por realizar uma ação de extensão envolvendo música, narração de histórias, doação de presentes e lanche de confraternização. A atividade foi registrada na Pró-Reitoria de Extensão com o título "Ação no Abrigo São Domingos". Todo o Centro foi mobilizado para participar da ação e arrecadar fundos para a compra de pequenas lembranças. De acordo com a coordenadora do abrigo, os idosos adoram receber presentes. Talvez pela opressão de suas vozes ou por se sentirem esquecidos pelos seus entes queridos e pela sociedade, os presentes os fazem se sentir lembrados. "... As atividades de extensão devem ter como objectivo [sic] prioritário, sufragado democraticamente, no interior da Universidade, o apoio solidário na resolução de problemas de exclusão e da discriminação social" (SANTOS, ALMEIDA, 2008, p.67).

Era, portanto, a oportunidade de participar ombro a ombro de uma atividade de cidadania e inclusão e também de conhecer talentos e habilidades que não tinham espaço para se manifestarem no ambiente formal de trabalho.

A atividade foi realizada no dia 14 de dezembro de 2015. Os servidores Layno Pedra e Ana Maria Silva realizaram uma apresentação teatral com narração de histórias. Foram apresentadas duas histórias de tradição oral, uma sobre o princípio da desavença entre o cachorro e o gato e outra sobre a menina que criava um piolho. Essas histórias possuem uma relação muito forte com os idosos, pois, na maioria das vezes, eles são os responsáveis por mantê-las vivas em nossa memória. Quem, quando criança, nunca parou para ouvir histórias contadas pelos avós ou outras pessoas mais velhas?

No entanto, com essa atividade foi possível inverter os papéis; os jovens é que contaram histórias para os "avós". E com essa ação, percebemos que as histórias contadas os fizeram lembrar-se de outras histórias e "causos" vividos ou inventados. Certamente todos eles têm muitas outras histórias para contar.

O Grupo Agbê já havia estado no Abrigo no final de 2014, quando o CECULT, ainda em implantação, contava com uma reduzida equipe de professores, técnicos e alunos. O primeiro desafio do grupo foi planejar e preparar a atividade: qual seria o repertório mais adequado para o público que seria visitado? Se por um lado, havia a intenção de preparar um repertório com qualidade artística, por outro também havia um propósito que este repertório permitisse uma identificação dos idosos, a partir de sua realidade etária e social. Não haveria tempo e condições para um levantamento junto ao grupo, fazendo pequenas entrevistas e consultas, daí pensamos num conjunto de canções que se relacionasse à nossa região (o Recôncavo da Bahia) e aos grandes "clássicos" da Música Popular Brasileira (no sentido de serem também as mais difundidas e que abrangessem faixas etárias de pessoas

nascidas nos anos 1930/40/50: como exemplos, "Trem das Onze", "Carinhoso", canções de Roberto Carlos etc. Preparados e ensaiados neste repertório de Sambas de Roda e MPB, nos apresentamos aos idosos do Abrigo.

Nossa surpresa foi grande e grata, ao sermos interpelados por alguns deles solicitando canções que são consideradas "sofisticadas" e menos conhecidas (canções de Caetano Veloso, por exemplo) e também pela forma como a música os mobilizou e sensibilizou. Pessoas com dificuldades motoras e de comunicação empenharam-se para, dentro de suas possibilidades e limitações, cantar, dançar e até tocar alguns instrumentos de percussão. Foi possível, numa percepção através desta interação que tivemos, perceber como aquelas canções os mobilizavam através de memórias que a música permitia, de certa forma, vivenciar de maneira muito prazerosa. Ficou um caminho aberto a realizações futuras que, inclusive, possibilitam interações com outros centros de nossa universidade para o aprimoramento de atividades em que arte, cidadania e qualidade de vida caminhem juntas.

As práticas artísticas com funções sociais de integração e inclusão contribuem significativamente em ações que visam incrementar a qualidade de vida, a acessibilidade e a humanização. Isso já é sabido através de práticas hospitalares como as realizadas por grupos como Doutores da Alegria, Doutores d'Alma, entre outros. Nesse sentido, a realização da atividade se deu de forma muito entusiasmada. Além das motivações advindas da atividade em si, esta se mostrou ainda mais promissora pela integração interna que a mesma fomentou. Integração que se deu entre os servidores, professores e alunos do CECULT.

Podemos dizer, então, que a atividade cumpriu uma dupla função integradora: agregar um valor de lazer e cultura a um cotidiano bastante carente dessas qualidades (o dos idosos do Abrigo) e ao mesmo tempo promover uma integração horizontal e comunitária entre os integrantes do CECULT. Esse evento, realizado como uma atividade de extensão do Centro, previa também atender ao princípio norteador das ações de extensão que é a indissociabilidade entre o ensino, pesquisa, extensão e sua aproximação com a sociedade, não simbolizada por uma ação de transferência de conhecimento, mas de troca efetiva, com recordações dos idosos do abrigo, de cantigas, histórias e samba de roda, ao tempo em que os professores, alunos e técnicos da UFRB criavam repertórios e peças, escolhidas de forma minuciosa e atenciosa, para um público diferenciado. "A extensão universitária é entendida como um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político, que, sob o princípio da indissociabilidade, promove a interação transformadora entre Universidade e Educação" (FORPROEX, 2012).

Não se pode esquecer, nesse processo, do afloramento dos sentimentos das pessoas ao estabelecer um contato direto com um público senil e carente de ações sociais e culturais. Essas ações contribuem para a melhoria da autoestima desse público e para a prolongação do seu tempo de vida com qualidade e saúde mental. A realização dessa atividade gerou uma explosão de sentimentos em todos os participantes, que ora sorriam, ora choravam, mas com a certeza da mudança da percepção do sentido da vida e do modo de cuidar do outro.

REFERÊNCIAS

SANTOS BS, ALMEIDA FILHO N. A Universidade no Século XXI: para uma universidade nova. Coimbra: Almedina; 2008.

FORPROEX. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Manaus, Amazonas, maio de 2012. Disponível em:

https://www.ufmg.br/proex/renex/documentos/2012-07-13-política-nacional-de-extensão.pdf. Acesso em: setembro de 2016.

14

MACIEJ ROZALSKI

YANKA RUDZKA – SEMENTE

O projeto "Yanka Rudzka – semente" tratou sobre as relações entre a cultura tradicional e as produções artísticas na cultura contemporânea. Foi o elemento de um intercâmbio cultural entre artistas brasileiros e poloneses. A ideia do projeto foi também uma homenagem à coreógrafa polonesa Yanka Rudzka e um incentivo aos intercâmbios entre artistas e culturas, tendo sempre a tradição popular como ferramenta e conteúdo para inspiração e criação da dança contemporânea. O projeto abrangeu três partes:

PRIMEIRA PARTE: PESQUISAS EM ARTE E CULTURA POPULAR

O projeto Yanka Rudzka iniciou-se em novembro de 2015. Nesse período, o grupo dos dançarinos da Polônia chegou para a Bahia para um ciclo de pesquisas sobre as artes cênicas baseadas nos fenômenos da cultura tradicional. Todo o projeto foi financiado pelo Governo polonês, como parte de Ano da Cultura Polonesa no Brasil e o Festival Vivadança. No período de 10 a 12 de novembro, o grupo dos artistas poloneses (coreógrafa Joanna Lesnierowska, o dançarino Janusz Orlik e a dançarina Agnieszka Kryst) e os produtores culturais do Festival Vivadança visitaram Santo Amaro. O professor Maciej Rozalski organizou para o grupo um ciclo de workshops, intercâmbios e eventos conectados com a cultura tradicional. Nos primeiros dois dias, os artistas pesquisaram os fenômenos da cultura tradicional do Recôncavo. No terceiro dia do projeto, foram realizados, neste ciclo dos intercâmbios, debates sobre a cultura tradicional e a arte contemporânea. Depois, o grupo voltou para Salvador. Os participantes do grupo conduziram um workshop de dança e escolhe-

Espetáculo "Semente", de Joanna Leśnierowska, montado na Polônia

ram um grupo de bailarinos da região para participar das etapas seguintes do projeto. As pesquisas iniciadas pelo doutor Maciej Rozalski e o grupo dos dançarinos da Polônia no Recôncavo nesse período teriam continuidade nos próximos meses.

SEGUNDA PARTE: MONTAGEM CÊNICA

No mês de abril 2016, o grupo dos dançarinos da Polônia volta para a Bahia. Foi organizado um intercâmbio com dançarinos brasileiros e a montagem do espetáculo "Semente", da coreógrafa polonesa Joanna Leśnierowska e o grupo dos bailarinos da Polônia e Brasil. O espetáculo baseou-se nas pesquisas sobre as artes cênicas e cultura tradicional do Recôncavo. No período de 11 a 17 de abril 2016, o grupo passou por um processo de montagem na cidade de Cachoeira. O grupo dos dançarinos da Polônia e Brasil usou, durante esse processo, os efeitos das pesquisas sobre os fenômenos da cultura tradicional do Recôncavo realizadas durante primeira parte do projeto.

A montagem final foi apresentada durante a 10ª edição de festival Vivadança, com uma programação de intercâmbio entre artistas brasileiros e poloneses. Foi organizado também uma debate sobre a dançarina Yanka Rudzka e pesquisas em cultura tradicional. Depois dessa parte, o grupo voltou seu foco para as publicações e divulgações de suas pesquisas.

TERCEIRA PARTE: DEVOLVENDO HISTÓRIA DE YANKA RUDZKA

Em junho 2017, o projeto foi finalizado durante viagem do grupo à Polônia, para as cidades Poznań, Lublin e Konin. Quisemos simbolicamente trazer a herança cultural e artística de Yanka Rudzka para a Polônia. Durante vinte dias, aconteceram os ciclos dos debates sobre interculturalidade, workshops e ensaios para o espetáculo da coreógrafa Joanna Leśnierowska – "Semente".

OS ARTISTAS NO PROJETO

Pela realização do projeto, estavam responsáveis: o professor Maciej Rozalski, do CECULT/UFRB, pela parte teórica, e os artistas poloneses premiados pelo Ministro da Cultura Polonês - Janusz Orlik e Joanna Leśnierowska (melhor coreografia na Plataforma de dança polonesa de Lublin, em novembro de 2014) – participaram do processo artístico junto com grupo dos dançarinos da Polônia e Brasil. Na realização do projeto, cooperou o Festival Vivadança.

15

GISELLE CASTRO
LAURA BEZERRA

CINECLUBE GUIDO ARAÚJO: UM ESPAÇO PARA FORMAÇÃO DE NOVOS PÚBLICOS EM SANTO AMARO

O Cineclube Guido Araújo promove exibições regulares de filmes, seguidas de debate (sempre que possível, com realizadores e produtores), com o objetivo de atrair novos públicos para o cinema, além de difundir e valorizar a produção audiovisual brasileira e baiana.

O audiovisual ocupa uma posição central entre os fenômenos midiáticos contemporaneous; entretanto, somente 3% dos municípios da Bahia possuem salas de cinema. Uma vez que o mercado audiovisual se caracteriza por forte desigualdade (85% dos filmes exibidos nos cinemas de todo o mundo são filmes comerciais de Hollywood), consideramos estratégico não somente ampliar o acesso aos filmes, mas também promover a exibição de filmes "diferentes", em especial aqueles de produção local ou independente. Nesse contexto, é essencial a ampliação do repertório cultural dos jovens da cidade, inclusive dos estudantes do Bicult. É urgente a difusão de diferentes modos de expressão audiovisual e a busca da reflexão crítica e lúdica sobre a enorme quantidade de imagens em movimento que influenciam nossas vidas, às vezes sem que tenhamos consciência disso. Compartilhar a experiência da fruição coletiva, compartilhar um repertório de imagens, debater filmes e ideias são ações que formam a base para a construção, desconstrução e reconstrução de redes de significados.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DA ALUNA BOLSISTA DO PROJETO CINECLUBE GUIDO ARAÚJO

Faço parte da equipe do Cineclube Guido Araújo desde março de 2015, quando as atividades começaram com a exibição dos filmes premiados no Panorama Internacional Coisa de Cinema, um festival que acontece há mais de dez anos em Salvador. Entre eles estava "Brasil S/A", de Marcelo Pedroso, que causou impacto por ser um filme não-narrativo e bem diferente dos que estávamos acostumados a assistir. Um cineclube, fomos aprendendo durante o ano, está aí exatamente para difundir diferentes tipos de filmes, filmes variados e incomuns, fazendo o possível (por exemplo através dos debates) para que se tornem mais acessíveis aos espectadores.

A partir daí, realizamos sessões quinzenais no Teatro Dona Canô, atingindo aproximadamente 350 pessoas no primeiro ano. Os discentes que participam do projeto são corresponsáveis pela programação, pela divulgação e pela organização das exibições, que contam com um público jovem (em sua grande maioria, estudantes de segundo grau, discentes e docentes da UFRB e do IFBA). As exibições são divulgadas nas redes sociais; cartazes e flyers são distribuídos na cidade, com atenção especial nas escolas. O objetivo do Cineclube Guido Araújo é promover ações de formação de plateia, oferecendo aos jovens santamarenses não só uma opção de lazer, mas também levando até eles outras perspectivas sobre o audiovisual, principalmente os cinemas não-hegemônicos. A equipe tem trabalhado para levar novos públicos ao cinema, apresentando filmes bem variados, abrindo espaço para que os jovens possam discutir temas que lhes interessam, que estão ligados com suas experiências e com as coisas que os cercam. Ou com seus sonhos. Ou com coisas que ninguém nem sabia que existiam de verdade. Os debates com diretores e/ou produtores de cinema ou com docentes da UFRB, que acontecem após as sessões, proporcionam um entrosamento do filme com o público, que é livre para questionar, opinar ou perguntar sobre o filme assistido.

Como o Cineclube Guido está conectado com as pesquisas da coordenadora do projeto ("Filmografia Baiana" e "Preservação Audiovisual entre o Global e o Local") , um dos eixos de exibição é a mostra Cinema Baiano do Século XXI. Dentre os filmes exibidos nesta mostra, destacamos "A Coleção Invisível", que contou com debate com o diretor Bernard Attal e a produtora Diana Gurgel; "Estranhos", de Paulo Alcântara, que mostra a dificuldade dos jovens em busca da felicidade; ou ainda "Jardim das Folhas Sagradas", que aborda as tradições do candomblé no mundo de hoje. Inesquecível foi a exibição do filme "Dalva", sobre a Mestra Sambadeira Dona Dalva Damiana, criadora do Grupo de Samba de Rosa Suerdick, de Cachoeira, por dois motivos: primeiro porque recebemos, de surpresa, a visita de alunos

Debate com o diretor Bernard Attal, após a exibição de "A Coleção Invisível" (Teatro Dona Canô, mar/2015)
Foto: Romulo Vieira

Debate após a exibição de "Estranhos" no Centro Estadual de Educação Profissional – CEEP (set/2016).
Foto: Joanderson Santos

da Escolinha de Futsal Diamante Negro e, segundo, porque a diretora do filme, Francisca Marques e a Mestra Sambadora Any Manoela, neta de Dona Dalva, participaram do debate, que foi muito animado e divertido.

A mostra Cinema Baiano do Século XXI é importante, pois exibe filmes que ninguém conhecia. É uma forma de oferecer a esses jovens um ponto de contato com o local ao qual pertencem, com a cultura de sua região, o que faz com que eles possam se reconhecer nesses filmes, fortalecendo um sentimento de pertencimento e propiciando uma apropriação do processo de construção de sua identidade.

Além disso, fizemos diversas exibições de filmes com temáticas LGBT, por exemplo, a série "Contra Homofobia, Diversidade na Tela", sempre com participação intensa nos debates. As questões ligadas às culturas afro-brasileiras e às mulheres sempre aparecem na progra-

mação. Em 2016, a situação política do país nos levou a iniciar a mostra Brasil, Cultura e Democracia, a fim de debater questões atuais.

Para a discente-bolsista, a experiência com o cineclube é extremamente importante, primeiro porque possibilita a interação com a sociedade e contribui para aproximar a universidade da comunidade. Além disso, há todo um aprendizado relacionado a uma perspectiva nova sobre cinema, não só conhecendo e entendendo melhor filmes fora dos padrões hegemônicos, em especial o cinema baiano atual. Importante também foi aprender sobre formação de plateia, buscando maneiras para trazer novos públicos para o cinema e para promover a reflexão a partir dos filmes e debates propostos. Este é um aspecto precioso para qualquer cineclube, que é um espaço justamente para oferecer ao público um entrosamento maior com as obras cinematográficas, um espaço para discutir e expor pontos de vistas, além de ter a intenção de atingir públicos que muitas vezes não têm acesso ao cinema. Ou que conhece filmes apenas através da TV e dos cinemas de shoppings, que exibem apenas filmes comerciais, não dando a seu público a possibilidade de ver o que quer e de debater com outras pessoas o que está vendo.

A cada semestre, é feito um plano de trabalho e definida a programação do cineclube, que é articulada com as ações de formação de plateia, com as atividades de ensino e pesquisa, e com outras atividades de extensão do CECULT. Também são feitas avaliações das ações realizadas, para assim poder melhorar o projeto, fazendo os ajustes necessários. Por exemplo, no segundo ano realizamos algumas exibições nas escolas e nos distritos, conquistando novos espectadores (aqueles que não frequentam o Teatro). Queremos ampliar isso. E, se tivermos fôlego, queremos começar as exibições para as crianças da educação básica. Tem muito mais filmes que queremos exibir e muito mais coisas que queremos fazer!

16

MURILLO PEREIRA DE JESUS
RITA DE CASSIA DIAS PEREIRA ALVES

A EXTENSÃO IMPLICADA NA PERMANÊNCIA ACADÊMICA: O CASO DO PET ACESSO, PERMANÊNCIA E PÓS-PERMANÊNCIA

As universidades públicas brasileiras por longos anos se configuraram enquanto âmbitos destinados apenas ao ensino e à pesquisa. A formação estava associada a um modelo singular, arcaico, cartesiano e disciplinar sobre o que é e qual seria o ofício da universidade, sendo por vezes restrita à sala de aula. No entanto, a partir da metade do século XX houve algumas movimentações importantes na educação superior brasileira. Começa a surgir uma defesa de uma educação emancipadora que dialoga com autonomia dos saberes e fazeres formativos (FREIRE, Paulo, 1996), compreendendo assim a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

No Brasil, a partir do século XX, educadores, pesquisadores e comunidade criaram o Fórum de Pró-Reitores das Universidades Públicas (FORPROEX). O FORPROEX constitui-se em um marco relevante para a educação superior brasileira, o evento torna-se lócus de debates sobre a elaboração de documentos e de políticas públicas educacionais para o ensino superior brasileiro (COLEÇÃO EXTENSÃO/MEC/SESU, 2006, p. 22-23). Consequência de discussões realizadas nesse fórum, foi institucionalizado o artigo 207 da Constituição da República Federativa do Brasil em 1988. O artigo 207 ratifica que "As universidades obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão" (CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA,1988).

É a partir desse cenário histórico e político que o Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT), na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), em seu projeto pedagógico propõe uma universidade imbricada no tripé formativo: ensino, pesquisa e extensão. Defende uma compreensão educativa interdisciplinar, mutualista e

multirreferencial que visa a uma interpretação da educação a partir de uma "compreensão histórica, política, e socialmente, contextualizada" (NASCIMENTO & JESUS, 2013, p.13). Assim, busca abrandar demandas formativas a partir de novas organizações curriculares, que sejam capazes de promover a interação e a formação em contextos complexos de integração social e cultural.

No que concerne à flexibilização curricular no ensino superior, a partir da condição do estudante, pensando em uma etnopesquisa implicada, conceito pelo qual Macedo (2012) discute a legitimação do sujeito-pesquisador como forma de criação de saberes, discorrerei sobre a extensão implicada na permanência acadêmica, a partir de minha experiência no Programa de Educação Tutorial: Acesso, Permanência e Pós Permanência.

Alain Coulon (2008), na obra "A condição de estudante: a entrada na vida universitária", discorre sobre os três processos cruciais à condição do estudante no ensino superior: estranhamento, afiliação e êxito. Para Coulon, tornar-se um estudante significa afiliar-se às normas acadêmicas, adaptar-se aos códigos e regras do ensino superior e inserir-se diretamente nesse novo espaço. Para a professora Ana Maria Freitas Teixeira (2011), o ofício de estudante é apropriar-se de outro ambiente intelectual, integrando-se membro de um novo grupo, assimilando suas funções e desenvolvendo suas tarefas.

Ampliando o conceito discutido por Coulon (2008), a professora Rita Dias (JESUS,2007/2013) discute a permanência a partir do conceito e prática da pregnância. O conceito desenvolvido pela professora repensa a afiliação acadêmica a partir das sociabilidades desencadeadas nas trajetórias estudantis, pensando um novo olhar sobre a permanência, sobretudo nos desafios encontrados quanto às estratégias de afiliação/permanência acadêmica, desenvolvida pelos discentes. É, deste modo, pensar como a participação em atividades culturais, artísticas e políticas, assim como em projetos ou programas pode ser um mecanismo possível na contribuição da afiliação/permanência acadêmica.

Nesse sentido que trago meu relato de experiência. Sou integrante do Programa de Educação Tutorial PET: Acesso, permanência e pós Permanência entre setembro de 2014 até o momento atual (2017.1). O Programa discute a relação entre educação e cultura, a partir de uma perspectiva multirreferencial, implicada nas trajetórias de vidas, nas narrativas autobiográficas, com as formações culturais, as produções artísticas, com as descrições das experiências históricas e territoriais locais; entrelaçadas às interpretações emancipatórias das relações multiculturais na Bahia e sobretudo no Recôncavo. Assim, trata-se de Programa que corrobora uma prática formativa inovadora no campo das linguagens e tecnologias no âmbito das culturas, das artes e da educação (no currículo, na didática e na formação).

Uma das atividades extensionistas importantes no grupo é o projeto das rodas de saberes e formação. As rodas de saberes e formação são uma tecnologia discutida pela professora Drª Rita Dias enquanto metodologia-ação no fazer acadêmico. As rodas acontecem nas escolas, de modo horizontal, possibilitando o diálogo, uma troca de saberes e experiências. As rodas propõem atividades que mobilizam a inserção no ensino superior. Fazemos divulgações sobre as inscrições do ENEM, apresentamos as universidades públicas na Bahia, e apresentamos a proposta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e os cursos e campi da mesma. As rodas também discutem temáticas sociais e políticas que às vezes podem ser temas de redações nos vestibulares e ENEM.

Outra atividade que o programa possibilitou à minha formação foi a possibilidade de participar e integrar as comissões organizadoras dos eventos como Fórum XX de Novembro, III Ciclos de Debates, II, III, IV Cultura e Negritude, I Encontro de Cultura, Gênero e sexualidades; Encontro Estadual dos grupos Pets e outros.

A participação nas ações desenvolvidas no PET: Acesso, Permanência e Pós-Permanência contribuíram e contribuem de modo significativo na minha permanência e formação acadêmica. Foi no grupo que encontrei possibilidades de realizar atividades e leituras que não foram realizadas dentro da sala de aula; produzir e apresentar pesquisas em eventos científicos; realizar atividades de promoção da inserção de classes populares e negras à universidade; discutir temáticas relacionadas à diversidade; participar de organizações de eventos; realizar cursos de extensões para além do grupo; pensar uma educação emancipatória e autônoma na produção do conhecimento. Foi ainda no grupo que aprendi a relacionar o ambiente universitário com as relações de afetos. E pensar em uma educação e produção de conhecimento libertadora.

REFERÊNCIAS

COULON, Alain. A condição de estudante: a entrada na vida universitária/ Alain Coulon; tradução de: Georgina Gonçalves dos Santos, Sônia Maria Rocha Sampaio. – Salvador: EDUFBA, 2008. 278 p.

Cultura e Negritude: linguagens do contemporâneo. Org: NASCIMENTO, Cláudio Orlando Costa do. ALVES, Rita de Cássia Dias Pereira. Cruz das Almas, EDUFRB, Fino traço, 2017. P. 177; (Coleção UNIAFRO, 4).

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: sabres necessários à prática educativa. São Paulo: paz e Terra,1996.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003, pp 1- 35.

JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de. DE COMO TORNA-SE O QUE SE É: narrativas implicadas sobre a questão étnica –racial, a formação docente e as políticas para equidade/Rita de Cassia Deias Pereira de Jesus.- 2007. 218 f.

MACEDO, Roberto Sidnei. A Etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação /Roberto Sidnei Macedo. – Salvador: EDUFBA. 297p.

NASCIMENTO, Cláudio Orlando Costa do. JESUS, Rita de Cássia Dias Pereira de. Currículo e Formação: diversidade e educação das relações étnico-raciais. Curitiba: Progressiva, 2010, 338pgs.

TEIXEIRA, Ana Maria Freitas. "Entre a escola pública e a universidade: longa travessia para jovens de origem popular. In:" Observatório da vida estudantil. Primeiros Estudos. Salvador: EDUFBA (2011): 27-51.

17

RONEY GUSMÃO

CIDADE EM FOCO: EXTENSÃO COMO POSSIBILIDADE DE INTERPRETAÇÃO DA VIDA URBANA

Entendemos que as cidades são resultado do embate de forças historicamente materializadas pela sobreposição de fadigas (ROSSI, 2001), tanto resultantes do trabalho humano, como da negociação dos sentidos que impregnam a vida urbana. A partir desse ponto de vista, rechaçamos toda percepção do espaço urbano como mosaico de sedimentos aleatoriamente espacializados, uma vez que, através da unidade tempo/espaço, é possível vislumbrar as cidades como arena onde muitas forças periodicamente eclodem.

Por esse motivo, o espaço urbano aqui é analisado em sua concretude, mas também em suas subjetivações, pois é na interconexão de ambas as esferas que surgem substâncias investigativas relevantes para entendimento das biografias, memórias, representações e conflitos materializados na vida urbana. Noutros termos, concebemos a cidade como palco onde os sujeitos performatizam suas vidas, ancoram suas memórias e consumam suas identidades.

Tão logo, ao mesmo tempo em que o binômio concretude/subjetividade ampliou o nosso olhar, ele também representou o nosso maior desafio de pesquisa; afinal, seria um grande contrassenso extirpar da cidade todos os afetos nela contidos. Mas, como captar os signos comumente compartilhados na vida urbana? Como esquadrinhar a vida social de tal forma a ponto de traduzir as representações comumente (re)construídas?

Ao reconhecermos que "a representação em seu sentido subjetivo ilumina as modalidades da práxis orientada pela ação dos indivíduos com o espaço" (CARLOS, 2011, p. 126), precisávamos encontrar caminhos para adentrar o metabolismo social corriqueiro da vida

urbana. E como fazê-lo? Foi no cerne dessas questões que a ação extensionista se tornou estratégica para suplantar o desafio de interpretar a humanização que impregna a urbe.

No ano de 2014, ao iniciarmos nossas atividades no Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas – CECULT/UFRB em Santo Amaro da Purificação – BA, o desafio de entender os signos grafados na materialidade urbana deixava clara a incompletude de esquemas de estudo que desconsideram as sutilezas da prática social. Era necessário vislumbrar a cidade pela combinação de ângulos e pelo misto de posições ideológicas, já que o arcabouço teórico, articulado com estratégias metodológicas, ainda parecia insatisfatório para minimamente suprir nosso desejo de entender a justaposição de forças que emolduram a cidade.

Foi por esse desejo que, nos últimos três anos, realizei algumas ações extensionistas, em total sincronia com nosso percurso de investigação no Grupo de Pesquisa em Memória, Espaço e Culturas - MESCLAS. Com o apoio dos monitores Sheila Karine Queiroz dos Santos, Ramon Almeida, Murillo Pereira de Jesus e Maria São Pedro Santana Pereira, mais tarde Pyedra Barbosa e Raiana Judith Vaz[1], as ações de extensão geraram produtos extremamente válidos, que, em diálogo com os debates teóricos concomitantemente realizados, foram capazes de alargar nossos olhares sobre a cidade.

Uma das primeiras ações que estruturamos foi o Bembé em Foco. Essa atividade ocorreu na feira livre de Santo Amaro, local onde anualmente é realizado o ritual religioso chamado de Bembé do Mercado. O referido evento, que há mais de um século ocorre no mês de maio, numa referência simbólica à abolição, conta com a participação de diversos terreiros, e nele ritos são performatizados e sensos identitários são compartilhados. Na ocasião, a comunidade se faz presente, registrando o evento com fotografias, o que gera uma reverberação ainda mais forte do Bembé.

Nessa circunstância, convidamos a comunidade a nos enviar alguns registros fotográficos que, com a devida autorização dos autores, foram impressos e exibidos numa exposição itinerante. Ademais, encontramos a oportunidade de construir uma fan page no Facebook[2], onde registros ainda nos têm sido enviados e publicados periodicamente.

1 Todos os monitores são ou eram, à época, estudantes de graduação do Bacharelado Interdisciplinar em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas – BICULT.

2 https://www.facebook.com/bembedomercado

A atividade de extensão acima descrita robusteceu a pesquisa que desenvolvíamos paralelamente, tanto porque atraiu nossos olhares para o interior de manifestações culturais, como também porque, combinado com as estratégias metodológicas, nos fez redirecionar o percurso da pesquisa que elaborávamos. Com isso, é certo dizer que a extensão garantiu um amadurecimento investigativo amplo, que nos tem permitido vislumbrar a cidade de Santo Amaro para além de algumas limitações inerentes à pesquisa etnográfica.

Foi movido por essa articulação entre pesquisa e extensão, que publicamos o artigo "Uma cidade, algumas memórias, vários afetos: reflexões sobre identidades culturais em Santo Amaro da Purificação" na Revista Extensão da UFRB em dezembro de 2015[3]. Nesse texto, tentamos problematizar as limitações de pesquisadores confrontados com a amplidão de significados socialmente negociados, que muito frequentemente não podem ser traduzidos em forma de texto acadêmico (GUSMÃO, JESUS & PEREIRA, 2015). Na ocasião, o nosso olhar sobre a cidade foi realçado pelas experiências de pesquisa no Grupo MESCLAS e pelas atividades de extensão no Projeto Cidade em Foco, que se tornaram objetos de nosso relato no referido artigo, bem como em evento promovido pela PROEXT.

Simultaneamente, algumas atividades de extensão seguiam sendo realizadas, a exemplo de palestras oferecidas para a comunidade acadêmica, além de ações na Escola Estadual Teodoro Sampaio, quando tivemos a oportunidade de oferecer oficinas sobre o Hip Hop, abordando a forma como a cidade protagoniza a arte de rua.

Também vale ressaltar que no ano de 2016, a partir de debates suscitados no interior do projeto, o monitor Murillo Pereira submeteu proposta de evento ao edital da Proext/UFRB. O desejo foi problematizar as relações entre identidade de gênero e as possibilidades de usos do espaço urbano, tendo em vista entrecruzar temáticas em torno de diversidade sexual e feminismo, além de oportunizar a realização de performances e manifestações culturais que provocassem debates interdisciplinares acerca de gênero.

O número de inscritos no evento excedeu nossas expectativas, trazendo diversos membros da comunidade para a academia e despertando o interesse de setores organizados da sociedade. Tal fato apenas ratificou o quanto esse tema ainda tem requerido abordagens consistentes que alarguem o conceito de identidade de gênero e garantam a interlocução entre o rol de debates propostos na universidade e o lócus onde residem os atores sociais diretamente atingidos pelos temas tratados.

3 https://www2.ufrb.edu.br/revistaextensao/index.php/component/content/article/23

FIGURA 01
Fotografias do Bembé do Mercado.
Fotógrafo: Murillo Pereira.
Fonte: facebook.com/bembedomercado

FIGURA 02
Bolsista Sheila Karine Queiroz em exposição de banner sobre atividades desenvolvidas no Projeto de Extensão Cidade em Foco, no evento promovido pela PROEXT/UFRB.
Fonte: facebook.com/ufrbproext

FIGURA 03
Oficina de Hip Hop na Escola Teodoro Sampaio.
Fotografia: Murillo Pereira.
Fonte: Acervo pessoal do autor.

FIGURA 04
I Encontro de Cultura, Gênero e Sexualidade.
Fotógrafo: Murillo Pereira.
Fonte: facebook.com/culturaegenero

As ações de extensão aqui relatadas foram executadas em total sincronia com atividades de pesquisa e ensino, servindo como oportunidade de aproximar os nossos anseios de pesquisa e a prática social mais elementares dos sujeitos. A extensão, portanto, se tornou uma parte privilegiada de nossa substância investigativa, garantindo uma relação de completude com a pesquisa científica. Essa estratégia foi pertinente, sobretudo, num campo empírico ainda recente para os pesquisadores desse projeto, que encontraram nas ações extensionistas uma oportunidade fecunda de interpretação de vidas grafadas na urbe, não com o pretensioso desejo de traduzir sua totalidade, mas com o empenho de vasculhar as camadas de tempos empiricizadas no espaço.

REFERÊNCIAS

CARLOS, A. F. A. A condição espacial. São Paulo: Contexto Ed., 2011.

CARMO, R. G., JESUS, M. P. & PEREIRA, M. S. P. Uma cidade, algumas memórias, vários afetos: reflexões sobre identidades culturais em Santo Amaro da Purificação – BA. Revista Extensão. Cruz das Almas - BA, Vol. 9, Num. 1, Dez. 2015, p. 20-29. Disponível em https://www2.ufrb.edu.br/revistaextensao Acesso 22/05/2017.

ROSSI, A. A arquitetura da cidade. São Paulo: Martins e Fontes, 2001.

18

SÓLON DE ALBUQUERQUE MENDES

CURSO DE EXTENSÃO DE CONTRAPONTO TOTAL: NOVAS ABORDAGENS PEDAGÓGICAS UNINDO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

O primeiro método moderno de contraponto escrito[1], publicado e divulgado que conhecemos e ainda é utilizado se chama Gradus ad Parnassum, de Johann Joseph Fux, publicado em 1725; nele, o autor apresenta as cinco espécies[2] do estudo de contraponto, dentro do sistema modal. Vale lembrar que importantes compositores, como Haydn, Mozart e Beethoven estudaram este método de contraponto. Durante o final do século XIX e todo o século XX, alguns autores aprimoraram a pedagogia do contraponto, anexando elementos do sistema tonal (principalmente a técnica Bachiana) e abolindo em parte as espécies como base do estudo do contraponto. Desta maneira, o estudo do contraponto voltou a ter uma aplicação na prática composicional, visto que o estudo do contraponto por espécies seguindo o sistema modal possui uma sobrecarga de regras que não tem muita aplicabilidade nem utilidade na prática composicional instrumental. Segundo ALMADA (2011, pág. 31) "...o arcaísmo dos modos era encarado como uma dificuldade de cunho puramente didático, que contribuía apenas para o aprimoramento da escrita dos praticantes, não visando a aplicações diretas e imediatas na composição livre".

Este novo modelo pedagógico tem autores de expressão, como Kent Kennan (contraponto tonal estilo Bachiano), Knud Jepensen (contraponto modal estilo Palestrina) e Diether de

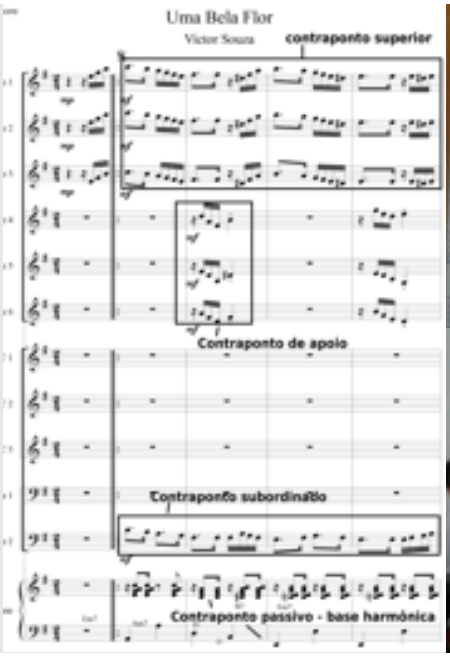
1 Na Idade Média e no Renascimento, existiram tratados de contraponto, como os de Guido D'Arezzo, Zarlino, Artusi, Morley, Montaños, Banchieri, entre outros, que influenciaram Fux, mas que se tornaram obsoletos do ponto de vista didático.

2 Método didático que abstrai motivos e temas para ensinar movimentos melódicos polifônicos, começando com duas vozes e uma nota contra outra, passando pra duas notas contra uma, quatro notas contra uma, suspensões e contraponto livre. O mesmo processo é feito a três e quatro vozes.

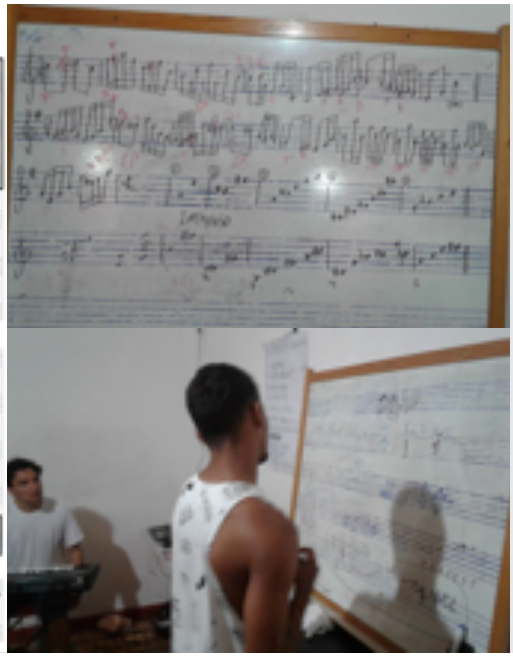
La Motte (diferentes estilos, seguindo a ordem cronológica da história da música ocidental), sendo muito difundido em países como Estados Unidos, Alemanha e Itália. Por outro lado, o Brasil, que historicamente segue o modelo francês de formação musical, ainda utiliza (pelo menos em muitas das principais universidades) o modelo pedagógico proposto por Fux no século XVIII, das espécies e seguindo os modos litúrgicos; tal método tem sido visto como uma disciplina arcaica e sem utilidade prática por boa parte dos estudantes de música brasileiros.

O curso de extensão em "Contraponto Tonal – módulo I" teve como objetivo iniciar os integrantes do projeto de extensão do CECULT/UFRB "Grupo Oficina de Música: Hibridismo Musical no Recôncavo Baiano" (Coletivo Novos Cachoeiranos) na prática contrapontística, mas ao mesmo tempo desenvolver um método de contraponto que contemple a prática musical popular. Alguns métodos de contraponto, como o de Diether de La Motte e o de Lívio Tragtenberg, tratam da composição melódica em separado, dedicam exercícios e exemplos, criando uma metodologia do ensino da composição melódica, algo que surpreendentemente muitos tratados de contraponto não abordam. Se contraponto é a arte de combinar diferentes linhas melódicas de maneira simultânea, nada mais coerente do que iniciar o estudo do contraponto com a prática e técnicas de composição melódica. A vantagem de abordar inicialmente o estilo Bachiano vem da possibilidade de trabalhar a composição melódica com pensamento harmônico, pois Bach possui inúmeras composições para instrumento melódico (flauta, violino, violoncelo) nas quais explora progressões harmônicas tipicamente tonais. Os primeiros exercícios são construções melódicas sobre as funções de Tônica, Subdominante e Dominante, utilizando somente notas dos acordes. Posteriormente, inseri notas melódicas nos exercícios (nota de passagem, bordadura, nota de gancho, retardos, suspensões, etc...), e fui elaborando exercícios sobre conceitos de motivo, frase, forma musical.

Vale lembrar que meu projeto de pesquisa é sobre contraponto na música popular, e visa a suprir uma necessidade de material didático sobre este assunto. Esta demanda surge também da implementação do curso de Licenciatura em Música Popular Brasileira no âmbito do CECULT, que terá o componente curricular de Contraponto, e este precisa ser atualizado e ter um reflexo positivo perante a prática composicional dos discentes. Deste modo, articulam-se ensino, pesquisa e extensão, com o intuito de desenvolver um método de contraponto aplicado à música popular, e adaptado às realidades do Recôncavo Baiano. Foram sete aulas dedicadas à escrita melódica, com diversos trabalhos no estilo Bachiano, e alguns misturando elementos da música popular, tais como progressões típicas de chorinho ou bossa nova, e também com a emancipação das dissonâncias. O trabalho final de linha melódica foi uma composição (melodia cifrada) com forma canção simples (ABA') (8



Composição do discente Victor Souza utilizando técnicas trabalhadas no curso de Contraponto



Discente e docente durante aula de contraponto

compassos na parte A, 12 a 16 compassos na parte B), com harmonia pré-estabelecida com progressões típicas de bossa nova, jazz e chorinho (estilos eleitos pelos próprios discentes). A técnica de composição melódica da música popular, embora se baseie no mesmo sistema tonal de Johann Sebastian Bach, possui algumas particularidades que a diferem da música Bachiana, e trabalhamos, mesmo que de maneira breve, alguns aspectos técnicos dos estilos abordados.

Após a conclusão do trabalho de linha melódica cifrada, os alunos trabalharam os arranjos (alguns meses atrás ofereci para a mesma turma um curso de extensão em arranjo) destas melodias cifradas, onde trabalhamos alguns contrapontos subordinados (linha melódica com importância menor que a 1ª voz, mas que não constitui mero acompanhamento, pois por vezes desenvolve o motivo principal). O interessante desta nova abordagem é que o ensino de harmonia e contraponto se tornam uma única disciplina, e não duas, como tradicionalmente se ensinam. Como alguns discentes sentiram dificuldades na abordagem do contraponto livre a duas vozes, abri um parêntese e utilizei aspectos da abordagem por espécies, mas adaptados à realidade da música tonal, para que os alunos menos habilidosos pudessem acompanhar o processo.

Dentro desta abordagem, pude perceber que a utilização das espécies, de maneira sucinta e aplicada depois de composição melódica cifrada e arranjo, pode trazer bons resultados, no sentido de encaminhar os alunos para técnicas mais avançadas. Por outro lado, depois de cinco aulas de espécies, percebi que muitos alunos tiveram dificuldades criativas, pois o Cantus firmus[3] os distancia da prática musical real. Depois das espécies, utilizei exercícios de aplicação composicional a duas vozes das mais variadas maneiras, com abordagem em música popular. Vários exercícios foram executados pelo grupo (Coletivo Novos Cachoeiranos), e alguns desses trabalhos fazem parte do nosso repertório. Na aplicação composicional, trabalhamos contraponto a três, quatro e mais vozes, misturando técnicas de arranjo, como as estruturas em blocos, com técnicas de contraponto.

Dessa maneira, o estudo do contraponto tem utilidade na vida profissional dos discentes. Para o módulo II, pretendo seguir a pesquisa em torno de uma abordagem diferenciada e aplicada à música popular referente ao estudo do contraponto. Abordarei contraponto a três vozes, introduzindo as técnicas imitativas, podendo chegar à composição de uma fuga, a depender do desenvolvimento dos alunos.

REFERÊNCIAS

ALMADA, Carlos. Contraponto em Música Popular: Fundamentação Teórica e Aplicações Composicionais. Ed. Empório do Livro; 2013.

CARVALHO, A. R. Contraponto Tonal e Fuga: Manual Prático. Porto Alegre: Editora Novak Multimedia, 2002.

KENNAN, K. Counterpoint Based on Eighteenth-Century Pratice. 4a. ed. Prentice-Hall, 1999.

TRAGTENBERG, L. Contraponto, Uma Arte de Compor. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

3 Nome dado à melodia fixa em semibreves utilizados nos métodos de contraponto, no qual o estudante compõe os exercícios.

19

SÓLON DE ALBUQUERQUE MENDES
FELIPE DE OLIVEIRA DA ROCHA PASSOS

COLETIVO NOVOS CACHOEIRANOS: RELATO DE EXPERIÊNCIAS

O projeto de extensão, inicialmente denominado "Grupo Oficina de Música: Hibridismo Musical no Recôncavo Baiano" (O projeto é fruto de uma parceria entre CECULT/UFRB e a Lyra Ceciliana) teve início em abril de 2016[1], e a partir de junho deste mesmo ano, teve o título substituído por "Coletivo Novos Cachoeiranos: Hibridismo Musical no Recôncavo Baiano". Na realidade é o mesmo projeto, pois no decorrer do trabalho, surgiu esse nome que foi posto em votação pelos membros (a partir de julho de 2016, começamos a utilizar esse nome para o grupo). O foco do projeto é abordar aspectos interdisciplinares dentro da área da música, como arranjo, composição, harmonia, análise musical, ensaios de arranjos coletivos para metais, percussão e teclados, explorando o hibridismo musical, em que a base é a música do recôncavo, dialogando com outras perspectivas musicais contemporâneas. Temos então duas partes, a teoria e a prática, com proposta para apresentações frequentes dentro da comunidade e fora desta.

Dentre as riquezas culturais do Recôncavo Baiano, podemos destacar as filarmônicas, o samba de roda, o candomblé, a capoeira, e mais recentemente, o reggae. Pensando neste contexto cultural, o presente projeto pretende explorar estes potenciais, com perspectiva de dialogar com a contemporaneidade. No caso das filarmônicas, trata-se de uma tradição de mais de dois séculos de história dentro da região, sendo estas instituições responsáveis por formar gerações de músicos baianos, dos mais variados estilos. Porém, esteticamente,

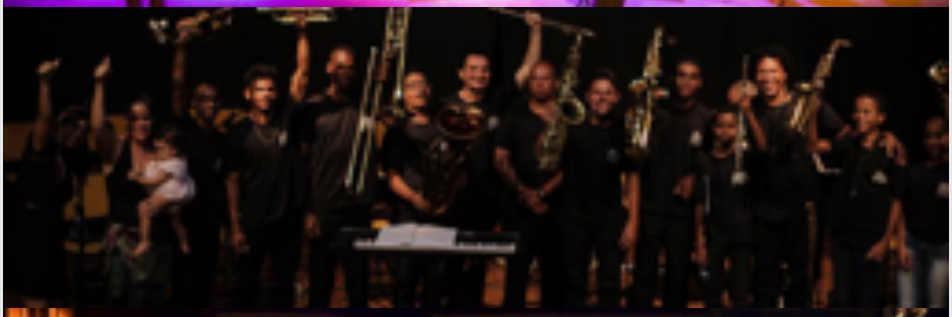
1 A base do corpo musical existia desde 2012, com o nome de "Grupo de Choro Novos Cachoeiranos", formado dentro da Lyra Ceciliana, por Felipe Passos, atual discente do projeto. A partir da entrada e coordenação do professor Sólon Mendes, o grupo passa a ter outras características e objetivos, funcionando como extensão universitária do CECULT/UFRB.

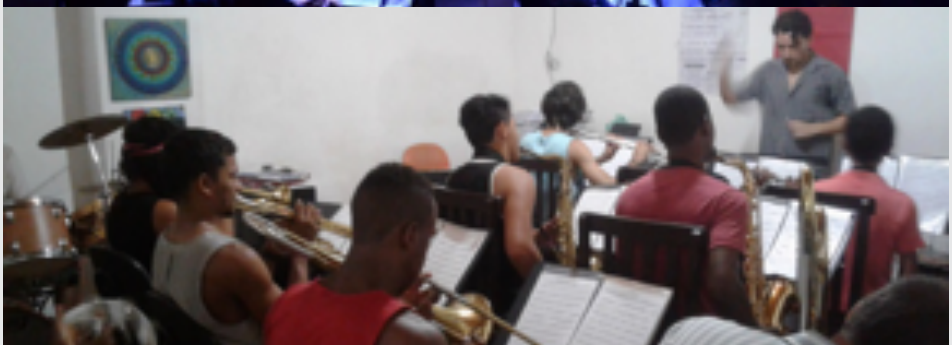
estes grupos no geral tendem a ser conservadores, preservando uma proposta sonora enraizada em práticas musicais antigas. Estes grupos musicais trabalham a leitura musical de seus instrumentistas.

Após um ano de atividades, conseguimos diversos resultados, tais como: ministrar três cursos de extensão (harmonia, arranjo e contraponto); compor e ler em torno de quarenta arranjos e composições autorais, compostas pelos participantes do projeto; gravar três composições em estúdios; ter uma composição de um dos autores, o professor Sólon Mendes, composta pra o grupo, selecionada no II Prêmio Caymmi, concorrendo como melhor música instrumental da Bahia; participar de nove apresentações, entre elas importantes festivais, como o III Recôncavo Jazz Festival, e o III Paisagem Sonora (abrindo o show de Matheus Aleluia). Além disso, nosso grupo apareceu na programação da Rede Bahia, e foi citado em diversos jornais e tabloides, se tornando um grupo conhecido dentro da região. Ainda para o mês de maio de 2017, quando escrevemos este artigo, temos três apresentações agendadas (17/05 – abertura da aula magna com Juca Ferreira, Reitoria de Cruz das Almas; 19/05 – Calourada do CAHL/UFRB; 27/05 – Mostra de composições dos alunos, pelo edital da SECULT/BA. Tivemos também um bolsista PIBEX no projeto, que foi muito ativo. Apresentamos nosso trabalho no I PARALAXE (Simpósio de Pesquisa em Música da UFBA). Além disso, o projeto conseguiu apoio financeiro da Secretaria Estadual de Cultura, através de edital de apoio a coletivos e grupos culturais, para os anos de 2017-2018.

Dentre os principais objetivos em longo prazo do projeto, podemos destacar o diálogo com a comunidade musical local através da prática articulada à teoria, considerando aspectos regionais que se fundem a experimentos e práticas musicais contemporâneas. Posteriormente, pretende-se utilizar este grupo como laboratório para os alunos de arranjo e composição dos cursos de Licenciatura em Música Popular Brasileira e Produção Musical do CECULT-UFRB.

Dentre os principais resultados obtidos depois de 13 meses de projeto, podemos destacar: organizar ensaios com aspectos pedagógicos e que explorem aspectos experimentais relacionados à música regional, pop e de concerto; aulas para o grupo - aspectos relacionados ao arranjo, harmonia, contraponto aplicada à música popular, análise e composição musical. Exploração de aspectos relacionados ao hibridismo musical, tendo como ponto de partida o material musical do recôncavo baiano, principalmente a cultura das filarmônicas, a música do candomblé e samba de roda; discussão com a comunidade local acerca de aspectos estéticos e hibridações musicais;





arranjo, harmonia, contraponto aplicada à música popular, análise e composição musical; desenvolvimento da interdisciplinaridade dentro da área da música, abordando desde aspectos relacionados a novas metodologias de ensino, até prática coletiva, ensino e prática do arranjo; realização de pesquisa relacionada a técnicas e recursos de hibridismo musical.

Existe o desejo de institucionalizar cada vez mais o grupo Coletivo Novos Cachoeiranos, para que se torne mais ativo dentro do CECULT, e possa servir como laboratório para os alunos participarem como instrumentistas e/ou compositores arranjadores, escrevendo partituras e propondo projetos, concertos e atividades afins para o grupo. O grupo desenvolve seus trabalhos na antiga casa do Maestro Manoel Tranquilino Bastos. Atualmente os professores (CECULT/UFRB) Lúcio Agra e Fabrício DallaVechia atuam como professores colaboradores permanentes do projeto (também atuam como baterista e regente/trombonista respectivamente). Além disso, os professores Rodrigo Heringer, Victor Valentim, Lia Lordelo, Mariana Terra e Marcelo Girotti também colaboram esporadicamente com o projeto.

20

SÓLON DE ALBUQUERQUE MENDES
MARIANA TERRA

INTERDISCIPLINARIDADE E DIÁLOGO ENTRE ENSINO E EXTENSÃO: RELATOS DE EXPERIÊNCIA SOBRE O EXPERIMENTO AFRO-JAZZ RECÔNCAVO

Este artigo tem por objetivo realizar um relato de experiência ligado ao projeto de Extensão Oficina de Música: Hibridismo Musical no Recôncavo Baiano (Coletivo Novos Cachoeiranos) coordenado pelo professor Sólon de Albuquerque Mendes. Em março de 2017 foi realizado um espetáculo musical denominado "Experimento Afro-Jazz Recôncavo"[1], o qual contou com uma atividade educativa associada, voltada para a concepção da iluminação e design cênico da apresentação.

No Experimento Afro-Jazz Recôncavo, busca-se investigar diferentes vertentes estéticas, como técnicas composicionais barrocas, recursos harmônicos provenientes do jazz e contrapontos baseados em atonalismo e música dodecafônica. Tudo isso na perspectiva da cultura do recôncavo baiano, ou seja, o ponto de partida e de chegada é sempre a musicalidade local. Nesse caminho, percorrem-se diferentes vertentes estéticas, visando dialogar com a rítmica e o fraseado melódico típico das filarmônicas e demais manifestações locais[2].

Com o intuito de aprimorar as qualidades estético-visuais e cênicas da apresentação, foi composto um Coletivo de alunos do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplica-

1 Espetáculo realizado no dia 26 de março de 2017 no Cine-Theatro Cachoeirano, em Cachoeira/BA, com entrada franca e um público de aproximadamente 200 pessoas.

2 Dentre as manifestações locais que influenciam a estética musical do Coletivo Novos Cachoeiranos, podemos citar o candomblé, a capoeira, o samba de roda e os gêneros musicais das filarmônicas (dobrados, marchas fúnebres etc.).

das - CECULT-UFRB, Centro de Artes, Humanidades e Letras - CAHL-UFRB e da comunidade, apelidado de "Coletivo de Iluminação e Ambientação Cênica do Cecult". Coordenado pela professora Mariana Terra, contou com o fundamental apoio dos professores Marcello Girotti, Maciej Rozalski e a técnica Ellen Mello. Teve, ainda, o apoio técnico dos professores Guilherme Soares e Toni Oliveira, nas questões relacionadas a sistemas digitais. De maneira fluida e bastante mutável, ocorreu durante os dois meses prévios à apresentação uma verdadeira imersão técnico-criativa, ligada às chamadas "Extensões Marginais", que se configuram como atividades não registradas, com alta adesão, e divulgadas no boca-a--boca dentro do centro. Vislumbra-se nesta experiência entre os Coletivos envolvidos a organização de estratégias emergentes que pulsam da própria vida do CECULT.

Com carga horária total de 60h, os estudantes puderam experimentar o trabalho prático da iluminação, cenografia, expressão corporal e produção cultural, conforme suas aptidões e inclinações naturais. De caráter interartístico, a atividade foi lançada no sentido de suprir demandas e desejos dos alunos e da comunidade em geral, relativos ao aprimoramento técnico-criativo dos fazeres das artes do espetáculo. Nesse sentido, pode-se afirmar que ocorreu uma real e potente parceria interdisciplinar entre as áreas de música, iluminação e visualidades.

A realização de tal atividade diz respeito à relevante demanda pedagógica e política de preencher uma lacuna de formação qualificada dos profissionais em artes, tanto em espaços formais quanto não formais de ensino. Articula-se, também, a transformação dos modelos disciplinares de formação de profissionais na área de Artes de modo geral. A parceria entre alunos e professores ocorreu de forma horizontal, afetiva, num entendimento entre todos enquanto aprendizes e, especialmente, artistas cocriadores. Integraram o projeto os estudantes: Bruna Vilas Boas, Débora Medeiros, Kelly Karine, Mirella Maria Medeiros, Nayack Saturnino Tranquilli, Rômulo Vieira, Sara Mariano, Tiago Lins, Uriel Santana, Larissa Rocha, Lucas Bonillo, Rafaela Reis e João Vitor Barreto.

Em relação à parte musical, o Coletivo Novos Cachoeiranos, projeto de extensão do CECULT/UFRB, vem desenvolvendo cursos de extensão relacionados ao ensino de contraponto, harmonia, arranjo, composição e prática de conjunto. Neste concerto, foram apresentadas dez músicas, sendo oito composições autorais e dois arranjos autorais de músicas de candomblé (domínio público). Nesta primeira etapa, a maioria das composições e arranjos foram de autoria do professor Sólon Mendes, processo este previsto dentro do cronograma do projeto. A mostra posterior a esta, por exemplo, teve a maioria do repertório escrito pelos discentes, num estágio ainda mais avançado do processo.

Discentes do CECULT/UFRB trabalhando na ambientação cênica.
Foto: Sílvia Leme.

Palco e ambiente cênico prontos, instantes antes da apresentação.
Foto: Larissa Caroline.

Momento da apresentação, com público ocupando as varandas do Cine-Theatro.
Foto: Danillo Barata.

Os docentes do CECULT/UFRB Mariana Terra, Marcelo Girotti e Sólon Mendes (da direita para a esquerda) conversam sobre o processo durante montagem do espetáculo. Foto: Sílvia Leme.

Equipe e parceiros dos dois Coletivos. Foto: Sílvia Leme.

O repertório executado foi: 1 – Largo do Monte (Sólon Mendes) 2 – Milonga Nova (Sólon Mendes) 3 – Variações (Sólon Mendes) 4 – Saudação a Obaluaê (Domínio Público – arranjo: Sólon Mendes) 5 – Aguerê de Oxóssi (Domínio Público – arranjo: Sólon Mendes) 6 – Ação Modular (Sólon Mendes) 7 – Berin-Jazz (Jorge Queiroz – Sólon Mendes) 8 – O Espírito (Sólon Mendes) 9 – Candombe (Sólon Mendes) 10 – A Ponte de Cachoeira (Coletivo Novos Cachoeiranos – Trabalho de composição desenvolvido nas aulas de extensão).

MÚSICOS: Regentes: Sólon Mendes e Fabrício Dalla Vechia; Flautas: Felipe Passos, Hêggo Ian; Sax Alto: Jorjão da Lira, Victor Souza; Sax Tenor: Matheus Souza, Igor Fraga; Trompetes: Weslei Sena, Lucas Miranda, Júlia Gomes; Trombone: Aristides Neto, Bilau, Fabrício Dalla Vecchia; Percussão: Maine Jesus, Tarcísio Andrade; Bateria: Lúcio Agra; Teclado: Sólon Mendes; Baixo: Zivitim.

EQUIPE AUDIOVISUAL: Silvia Leme, Augusto Daltro, Rwolf Kindle, Erick Lawrence

PRODUÇÃO EXECUTIVA: Samanta Oliveira, Carmen Verusca Oliveira

DESIGN: Silvia Leme

MESTRE DE CERIMÔNIA: Paola Públio

Com esta parceria interdisciplinar, a qualidade cênica e espetacular deste trabalho investigativo e aprofundado da música alçou voos maiores. Sara Mariano, aluna do CECULT e moradora de Cachoeira, comenta: "o resultado foi o teatro lotado, pessoas elogiando o espa-

ço e a proposta, e os músicos se sentindo honrados com o trabalho"[3]. Espera-se que, a partir desta experiência, vínculos ainda mais potentes possam estabelecer-se entre as áreas artístico-culturais do CECULT, e que sejam frutíferas as vindouras criações destes jovens Coletivos que se estabelecem no efervescente Recôncavo da Bahia.

REFERÊNCIAS

ALMADA, C. Contraponto em Música Popular: Fundamentação Teórica e Aplicações Composicionais. Ed. Empório do Livro; 2013.

READ, H. A Educação pela Arte. Trad. Valter Lellis Siqueira. 2º ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2013.

CARVALHO, A. R. Contraponto Tonal e Fuga: Manual Prático. Porto Alegre: Editora Novak Multimedia, 2002.

KENNAN, K. Counterpoint Based on Eighteenth-Century Pratice. 4a. ed. Prentice-Hall, 1999.

McCANDLESS, S. A Method of Lighting the Stage. 4º ed. New York: Theatre Arts Books, 1958.

TRAGTENBERG, L. Contraponto, Uma Arte de Compor. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

3 Sara Mariano, em Diário de Classe do Componente Luz e Iluminação (CECULT 050) ministrado em 2016/01.

21

TATIANA LIMA

CLUBE DA RADIOLA: DISCOS DE VINIL COMO PONTO DE PARTIDA PARA PENSAR A CULTURA

A atenção para álbuns em vinil marcantes para a história da música pode ser utilizada para ampliar o repertório cultural de jovens da geração de nativos digitais, valorizar os conhecimentos e experiências das gerações que conviveram com o formato LP e com a radiola como principais artefatos de escuta musical e abordar contextos políticos, sociais, tecnológicos e econômicos, contribuindo para a formação cultural dos indivíduos em geral. Foi a partir deste pressuposto que se iniciou em 2015, em parceria com a professora Nadja Vladi, do CECULT, o projeto de extensão Clube da Radiola, uma atividade cultural continuada de apresentação e debate de álbuns musicais lançados no formato Long Play de vinil, que conta também com a participação do professor Jorge Vasconcelos e teve como bolsista PIBEX o estudante Rômulo Vieira.

Os apresentadores são conhecedores dos discos oriundos de diversas áreas: professores, pesquisadores, críticos, colecionadores, produtores musicais, DJs, compositores, intérpretes, entre outros envolvidos na cultura musical. Os encontros do clube ocorrem ao ar livre, a fim de atingir o público passante, além dos interessados, que obtêm informações sobre a programação através de cartazes afixados em pontos estratégicos de Santo Amaro, do grupo aberto Clube da Radiola na rede social Facebook e da divulgação em sites e perfis ligados ao CECULT e à UFRB.

No primeiro ano do projeto, em 2015, foram realizadas cinco edições do Clube da Radiola, no coreto da Praça da Purificação, em Santo Amaro, e apresentados nove álbuns: "Clara Crocodilo" de Arrigo Barnabé; "Geraldo Vandré"; "The Rise and Fall of Ziggy Stardust and the Spiders from Mars", "Low", "Heroes" e "Logdger" de David Bowie; "Gil e e Jorge – Ogum/

Xangô" de Gilberto Gil e Jorge Ben; "MM", disco de estreia de Marisa Monte; e "Feijão com Arroz", de Daniela Mercury.

Ocorreram outras cinco edições no segundo ano do projeto, entre novembro de 2015 e o ano de 2016, duas no coreto da Praça da Purificação e outras três no Bar Donna. Foram comentados respectivamente os álbuns "Realce", de Gilberto Gil; "Immaculate Collection" de Madonna; "Mudei de Ideia", de Antônio Carlos e Jocafi; "Reflexu's da Mãe África", da Banda Reflexu's; "Camafeu de Oxóssi".

Embora o projeto abarque LPs nacionais e internacionais, optamos por discutir a seguir as relações entre a estética musical, a vida cultural e o contexto brasileiro entre meados da década de 1950 e o início dos anos 1970, a fim de expor as razões do emprego dos álbuns em vinil na atividade de extensão, começando pela Bossa Nova.

No final dos anos 1950, o Brasil vivia um momento de implantação de indústrias, descoberta de petróleo e construção de uma nova capital, Brasília. No Sudeste, os arranha-céus invadiam a paisagem e todo o País era impulsionado pela recuperação da economia mundial pós-Segunda Guerra. Aumentava o consumo de automóveis, geladeiras, aparelhos de TV e também de novos aparelhos toca-discos, com tecnologia de alta fidelidade. Os estúdios de gravação dispunham de equipamentos com maior capacidade de captação de nuances sonoras e de manipulação do material registrado. Os microfones mais "modernos" e sensíveis propiciaram o surgimento de intérpretes que se contrapuseram a uma tradição anterior do canto dos sambas-canção e outros gêneros, que exigiam extensão vocal.

Em 1958, circulou nas emissoras de rádio de todo o País o LP em que João Gilberto interpreta o samba "Chega de Saudade", de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, composição gravada anteriormente por Elizeth Cardoso. O músico baiano explorou "um tipo de divisão harmônica em que a voz não coincide exatamente com o acompanhamento do violão, de modo que a linha melódica está ora ligeiramente adiantada, ora ligeiramente atrasada em relação ao ritmo marcado pelo instrumento" (NAVES, 2001, p.15). A nova versão tinha um arranjo econômico, envolvendo apenas o vocal de entoação suave, quase sussurrado, e o violão, "conseguindo no instrumento efeitos nunca antes ouvidos quer no jazz ou qualquer outra música regional, quer em nosso popular" (BRITO, 1993, p.34).

João Gilberto "fez escola" e desencadeou um conjunto de procedimentos criativos que serviram como estímulos a toda uma geração, para a qual o violão tornou-se instrumento-símbolo da cultura nacional. No Rio de Janeiro, jovens músicos como Tom Jobim, Newton Mendonça, Carlos Lyra, Roberto Menescal, Ronaldo Bôscoli, Nara Leão, entre outros, e o

Cartaz da edição do Clube da Radiola integrado ao "Novembro Negro" em 2015

Colecionador de Santo Amaro, que apresentou o LP "Geraldo Vandré", comentando o LP "Chega de Saudade". Foto: Nadja Vladi

poeta Vinicius de Moraes, se aglutinaram em reuniões informais e compuseram canções pautadas no novo jeito de tocar e cantar, migrando para os palcos de casas noturnas e teatros universitários no início dos anos 1960.

A Bossa Nova ganhou projeção para além das fronteiras brasileiras, a partir do interesse de jazzistas norte-americanos como Stan Getz, Charlie Bird e Frank Sinatra. Foi a trilha sonora para as imagens de um Brasil em que a riqueza natural e a beleza da paisagem coexistiam com as perspectivas de industrialização e o desenvolvimento urbano. Mas após o golpe militar de 1964, compositores ligados aos circuitos universitários e aos Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes, os CPCs da UNE, passaram a criticar a falta de letras que abordassem o atraso rural brasileiro, a pobreza nas favelas urbanas e outros temas. Surgia a corrente que ficou conhecida como "música de protesto" e que tinha o objetivo de conscientizar as massas para uma reação à ditadura recém instalada. Neste segmento da música se insere, por exemplo, o LP "Geraldo Vandré", comentado na primeira edição do clube.

Além da música de protesto, dois desdobramentos musicais significativos decorreram da Bossa Nova: a Jovem Guarda e o Tropicalismo. A Jovem Guarda surgiu em paralelo com a Bossa Nova e com a disseminação mundial do rock'n'roll, em meados dos anos 1950. Foi protagonizada por jovens que moravam em bairros de classe média baixa do Rio de Janei-

Equipe do "Musicalidade Baiana", uma das atividades do clube em 2016. Foto: Murillo Pereira

ro: Roberto Carlos; Erasmo Carlos; Tim Maia, Wanderléa, Ronnie Von, entre outros. Com canções tratando de carrões, calhambeques e garotas (os "brotos") e abordando o amor em baladas sem muitos arroubos dramáticos, os jovens da periferia carioca contribuíram para a conformação de uma cultura pop brasileira. O uso de guitarra e baixo elétricos, a forte presença da bateria na seção rítmica dos conjuntos, cuja produção era rotulada também de "iê-iê-iê", ampliaram o leque de timbres agenciados na configuração da música local. O discurso hedonista e juvenil das canções da Jovem Guarda igualmente não comportava alusões à nova situação política brasileira pós-1964. Não obstante a riqueza de sentidos das canções, as elites intelectuais locais consideravam a Jovem Guarda uma cópia nacional de um produto comercial estrangeiro.

Músicos da geração imediatamente posterior, a maioria baianos recém-chegados a São Paulo, fariam a releitura da Jovem Guarda, adotando a estética pop e a instrumentação do rock em fusões com timbres e temas do repertório brasileiro. Primeiro chegaram Gilberto Gil, que teve LPs comentados em duas edições do clube, Tom Zé, Caetano Veloso, a cantora Gal Costa, os poetas José Carlos Capinam e Torquato Neto (piauiense que residia na Bahia desde a adolescência); depois, o letrista e poeta Waly Salomão, baiano de Jequié. Encontraram na capital paulista a acolhida estimulante dos poetas concretos e do grupo de rock Os Mutantes. Os jovens compositores se juntaram aos maestros e arranjadores Rogério Duprat, Damiano Cozzella e Júlio Medaglia, oriundos de movimentos de vanguar-

da da música "erudita", responsáveis pela adoção de um novo leque de sons até então estranhos à música popular (ruídos de canhão, gritos, trechos de hinos, ruídos de talheres e pratos, entre outros), promovendo o diálogo entre a música dos vanguardistas europeus e a produção pop.

Enquanto chegavam notícias internacionais sobre movimentos contraculturais, com suas comunidades alternativas e grandes festivais de música, e das rebeliões de jovens europeus, como a de Maio de 1968, na França, no Brasil a ditadura recrudescia com o AI-5. Como o golpe militar teve franco apoio dos Estados Unidos, o discurso nacionalista de esquerda opunha-se a tudo o que representava a intromissão do "imperialismo" norte-americano, incluindo aí a cultura pop presente no tropicalismo. A Tropicália apresentava-se, então, como uma terceira via entre os discursos da esquerda e da direita. Propunha o diálogo com o mundo pop global e o reconhecimento da porção "cafona" e reacionária da sociedade, como se a superação do conservadorismo dependesse de um movimento inicial de reconhecimento de sua existência.

A efervescência da Jovem Guarda e da Tropicália e seu agenciamento de elementos da cultura pop romperam a redoma regional em torno da música brasileira, propiciando, direta ou indiretamente, o surgimento de cenas múltiplas, como as fusões de gêneros regionais com o rock promovidas pelos Novos Baianos e os mineiros do Clube da Esquina, o samba-rock carioca de Jorge Ben Jor, o samba soul de Tim Maia, Lady Zu, Totó, Cassiano, banda Black Rio, entre outros.

Ao mesmo tempo, músicos da mesma geração dos festivais da TV mantiveram os vínculos mais estreitos com os sambas tradicionais, o baião e outras variantes da música do nordeste e norte do país e dialogaram também com gêneros que foram sucesso antes da Bossa Nova, como o bolero, os sambas-canções etc., privilegiando as sonoridades acústicas da instrumentação regional, configurando a chamada MPB – música popular brasileira. Compositores como Chico Buarque, Paulinho da Viola, Milton Nascimento, a dupla Toquinho e Vinícius de Moraes, Edu Lobo, Gonzaguinha, além dos próprios Caetano e Gil, em fase pós-Tropicália, produziram uma vasta discografia de MPB. Eles foram gravados por intérpretes como Maria Bethânia, Gal Costa, Elis Regina, entre outras, que deram visibilidade também a compositores da velha guarda, como Dorival Caymmi, Cartola, Lupicínio Rodrigues, Adoniran Barbosa e Nelson Cavaquinho, e revelaram uma nova geração de compositores, nos anos 1970, como Luiz Melodia, Fagner, Belchior e outros.

Muitos músicos e movimentos poderiam ser citados aqui, abrindo leques para discussão de álbuns e seus contextos. Os discos lançados em formato de LP em vinil e que foram es-

cutados em radiolas no século XX suscitam, portanto, referências sobre o momento em que surgiram e servem como ponto de partida para abordar a estética, a cultura e a história de uma maneira acessível, propiciando a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de visão crítica sobre contextos nacionais e internacionais.

REFERÊNCIAS

BRITO, B. R. Bossa Nova. In: CAMPOS, Augusto de. "Balanço da Bossa e Outras Bossas". São Paulo: Perspectiva, 1993.

NAVES, S. C. "Da Bossa Nova à Tropicália". Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

22

THAÍS FERNANDA SALVES DE BRITO

BORDANDO A CIDADE

A cidade de Santo Amaro produziu bordados durante muito tempo (BRITO, 2016), seja nas casas mais abastadas ou nas menos privilegiadas. Apesar de não ter cunho comercial, como ocorreu com as rendas de Saubara, houve uma atividade representativa de bordados até os anos de 1970 – como sugerem conversas informais – porém, atualmente, o bordado tem sido pouquíssimo praticado.

Um exemplo interessante de inserção do bordado na cidade pode ser revelado no Mosteiro Recolhimento dos Humildes, atualmente espaço dedicado às artes sacras, infelizmente fechado para reforma e com acervo inacessível. Neste local, durante o século XIX e meados do século XX, funcionou um centro de educação feminina para abrigar órfãs, escravas, viúvas, ou até mesmo filhas de senhores de engenho para se dedicarem à oração, ao trabalho manual e à educação (LOSE; MAZOONI, 2016). Como um centro de educação para as mulheres, os trabalhos manuais eram uma prioridade e precisavam ser executados com precisão, formando, simultamente, boas donas de casa e/ou trabalhadoras. No imaginário da cidade, todavia, corre um lamento sobre o rigor a que eram submetidas as jovens, muitas vezes obrigadas a realizar as atividades de linhas e agulhas a contragosto. Por outro lado, inúmeros conjuntos de amostra com estes bordados revelam uma variedade enorme de técnicas e de motivos que, em primeiro lugar, testemunham uma prática disciplinada, depois, apuro estético e, não menos importante, um processo cuidadoso de transmissão de um saber. Hoje, ainda que estes registros estejam guardados em algumas gavetas e pouco se esteja praticando este saber, as memórias sobre o fazer e as suas técnicas permanecem.

O bairro "Ilha do Dendê", na cidade de Santo Amaro, é uma região estigmatizada pela violência e pela carência nos mais variados níveis. É uma região de mangue que, outrora, fornecia pescados, caranguejos e mariscos para a cidade. Era, também, uma área de cultivo de dendê e de muitas frutas. No entanto, esta área se empobreceu desde o final das atividades da Siderúrgica Trzan, a situação agravou-se com a poluição do rio Subaé, a ocupação desordenada do espaço e o sucessivo abandono de vários governos daquela região da cidade.

Para além destes estigmas, trata-se de um bairro com fortes laços de vizinhança, com moradias plurifamiliares e matrifocais, de estreitas relações de solidariedade, de parceria e de importantes contribuições para este projeto: memórias, disciplina e muita observação. A presença feminina é muito importante na organização da vida coletiva, das parcerias entre mães à presença nos núcleos religiosos com mulheres ativas nas pastorais, nas pequenas igrejas e nas religiões de matriz africana, nos movimentos culturais, desde o samba de roda e o maculelê, até o essencial trabalho educacional da capoeira, todos têm mulheres como protagonistas.

Mulheres como protagonistas em um bairro com múltiplas carências, uma cidade com uma história de experiência estética feminina por meio dos bordados, somados a uma pulsante vida cultural se revelaram como ingredientes perfeitos para um projeto de Educação Patrimonial – e também de intervenção social. Assim, propusemos unir oficinas de ensino de bordado e de educação patrimonial, tendo como projeto futuro uma associação em prol do bordado, que venha gerar trabalho e renda.

Deste modo, iniciamos uma equipe de investigação sobre técnicas do bordado artesanal que outrora eram ensinadas para as meninas santamarenses, com três alunas bolsistas do Programa de Permanência Qualificada – PPQ (Patrícia Lobo, Larissa Caroline e Bruna Vilas-Boas). Depois, em parceria com a equipe da Caritas da Igreja Nossa Senhora do Rosário, começamos a promover oficinas no Centro São Cristovão na Ilha do Dendê. Essas oficinas incluíram aulas de técnicas de bordado e aulas de educação patrimonial, intercalando-as periodicamente. A partir deste "jogo" de técnicas do fazer e de percepção de patrimônio material e imaterial, começamos a criar repertórios para desenvolvimento de produtos que tratem de aspectos patrimoniais e que revelem a cultura da região, pelo ponto de vista dos moradores do lugar.

Esta primeira fase do trabalho se iniciou em setembro de 2015, quando começamos a introduzir participantes da oficina na cultura do bordado a partir da Oficina Bola da Felicidade, ministrada pela professora Teresa Barreto, em parceria com Programa de Extensão Universitária da Universidade de Campinas. Usando meias e plumas, montamos uma bola

Grupo Bola da Felicidade (Foto: Thaís Brito, outubro de 2015)

Foto: Raissa Lima, maio 2016.

e com os primeiros pontos que as meninas lembravam, elas passaram a contar suas histórias de vida, a partir desta bola de meia que iam bordando. Como um amuleto, essa pequena bola tem nos servido para lembrar quem elas eram e quais eram as memórias que deveriam ser acionadas.

Foi interessante notar que muitas bolas contavam sobre histórias da infância e sobre aquele lugar, obviamente por uma perspectiva afetiva que sequer imaginávamos. Apesar das ocupações não regulamentadas que mudaram a configuração arquitetônica e a percepção da natureza, as bolas traziam árvores, flores e rios que estavam na lembrança e nas narrativas daquelas mulheres. Poderíamos considerar que interpretações da natureza formam um tema recorrente nos bordados em geral; no entanto, as narrativas que acompanhavam aquelas peças tratavam de uma experiência única com o lugar e com a natureza daquele espaço.

Em função dessa primeira experiência, houve um segundo momento que se seguiu à breve fase de oficinas sobre os pontos básicos de bordado, arremate, corte do tecido, combinação de cores e estilos de pontos sem ter nenhum produto específico ou motivo pré-determinado. nesta segunda fase, a intenção foi bordar um pano de prato com uma árvore que representasse a vida das mulheres. Mais do que uma aplicação das novas técnicas aprendidas e do treino para a combinação das cores, interessava-nos coletar novas histórias sobre o bairro e sobre as memórias e o ecossistema do lugar, já que a natureza

tinha sido uma referência constante. Durante duas semanas, dedicamo-nos a este pano de prato. Fazer a árvore serviu como um caminho para pensar nas histórias comuns e nas narrativas de afetividade com o lugar. Ao mesmo tempo, foi possível notar que o grupo já havia se formado e quais eram as contribuições originais de cada uma das participantes. Deste modo, no encontro subsequente decidimos que era chegado o tempo de termos um nome e uma logomarca. Foi, então, a partir destes exercícios e, principalmente, considerando a geografia e as características do lugar que as bordadeiras mais se lembravam, destacando a presença dos dendezeiros, que esboçamos a logomarca, posteriormente executada pelo prof. Walter Mariano.

Uma vez que tínhamos histórias compartilhadas, um nome e um desenho que nos representasse, entendemos que já era chegado o momento de contar sobre a cidade. Nesta ocasião, duas oficinas sobre patrimônio já haviam sido ministradas por Moari Castro, museólogo, e, coletivamente, também em resposta às reflexões sobre a oficina de educação patrimonial e à chegada da festa que as bordadeiras da Ilha mais gostam, resolvemos bordar uma cena dos festejos de São João. Era o nosso primeiro produto para venda. A cena era simples: uma noite singela, com fogueira e bandeirolas. O tecido era jeans e o produto foram jogos americanos. Cerca de 40 peças foram bordadas. Todas foram vendidas.

A partir de então, entramos em uma nova fase do grupo. Resolvemos começar a nos organizar para montar a Associação Bordadeiras da Ilha. Assim, era preciso reunir aquelas que já não se interessavam apenas nas oficinas oferecidas, mas estavam predispostas a um ofício. O número de participantes reduziu um pouco, mas o comprometimento tem aumentado. Já participaram de dois eventos, com coleções temáticas. Em janeiro, em virtude da Festa da Lavagem de Nossa Senhora da Purificação, muitos motivos religiosos católicos e referências às baianas foram bordadas e, pela primeira vez, as bordadeiras se apresentavam para o público da cidade como um grupo na feira de artesanato que aconteceu concomitante à festa. Em março, uma experiência diferente ocorreu, elas se apresentaram como um grupo parceiro da UFRB, produzindo produtos para a Universidade em função do ENICECULT[1] quando personalizaram as camisetas e outros produtos com a logomarca do evento, além de participarem da feira de artesanato ligada ao evento. Estas duas experiências tiveram uma perspectiva potencializadora e empoderadora, trouxeram à tona

1 O I Encontro Internacional de Cultura, Linguagens e Tecnologias ocorreu em março de 2018. Com uma perspectiva interdisciplinar, objetivou estimular o debate e a produção científica no que tange às questões relacionadas aos sistemas culturais, a diversidade de linguagens e de tecnologias. Além da visada acadêmica tradicional, contou com uma intensa programação cultural, incluindo uma feira de produtos artesanais, da qual as Bordadeiras da Ilha participaram em companhia com grupos tais como as Rendeiras de Saubara e o Kilombo Kaonge.

características importantes que elas não tinham total consciência que tinham em si: apuro estético, tino comercial, agilidade e disciplina, características essenciais para uma boa bordadeira.

Em princípio, este projeto tinha como meta atuar durante um ano; no entanto, o desenvolvimento e os elos criados entre os participantes nos levaram a estender este projeto por mais um ano. Para a próxima fase, novos desafios estão postos: consolidar e regulamentar a Associação Bordadeiras da Ilha, intensificar as oficinas de educação patrimonial e, a partir daí, ampliar a gama de produtos que reflitam a vida e as experiências da comunidade, participar de um circuito de comércio do artesanato amplo para fazer circular os produtos, tornando o negócio sustentável e autogestionável.

REFERÊNCIAS

BRITO, T. F. S. de. De artesã à empresária: uma reflexão sobre os discursos de formação empresarial das artesãs de linhas e agulhas. In: Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus; Claudio Costa Orlando (org.). Formação cultural: sentidos epistemológicos e políticos. 1a. Ed.: Rio de Janeiro: Fino Traço, 2016, pp. 215-231.

LOSE, A. D.; MAZZONI, V. S. S. "Últimos relatos" In. O Recolhimento dos Humildes. Disponível em http://www.recolhimentodoshumildes.com.br. Acesso em 26/05/2017.

23

WALESKA R. M. O. MARTINS
ADRIANO DANTAS DE OLIVEIRA
RUBENS DA CUNHA

PARA ALÉM DOS MUROS ACADÊMICOS: PROGRAMA DE LÍNGUA PORTUGUESA, LITERATURA E FORMAÇÃO CONTINUADA (PROLLI)

1. DOS PROBLEMAS E DAS JUSTIFICATIVAS: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROGRAMA

O Recôncavo da Bahia, região de intensa subjetividade religiosa, identitária, cultural e de capacidade de produção de conhecimentos singulares, é palco de tensionamentos e de fluxos que extrapolam o conhecimento acadêmico. Para Patrick Wotling, "o 'conhecimento' consiste em exprimir uma coisa nova com a ajuda dos signos das coisas já 'conhecidas' e 'experimentadas' [...]." Assim, podemos dizer que nada nos é completamente novo, mas há sempre um processo de ressignificação.

Convém destacar que a cidade de Santo Amaro, uma das principais cidades do Recôncavo, segundo dados do IBGE[1], possui um IDH em Educação de 0,559, muito abaixo da média do Brasil e muito inferior a municípios do sul e sudeste. Essa informação reforça a nítida desigualdade e a necessidade de intervenções políticas, sociais, culturais e educacionais propositivas na região. A Universidade tem um papel muito importante nesse âmbito e, ainda mais especificamente no Recôncavo, ao revelar-se como um novo espaço e ao propor, no meio em que está inserida, novas possibilidades de conhecimentos e novas formas de ser e de estar no mundo.

Dentro do cenário acadêmico da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), mais especificamente no Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CE-

1 Disponível em:<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/>. Acesso em 08 maio 2017.

CULT), lugar a partir do qual falamos, é nítida, em muitos casos, uma série de problemas, tais como: as dificuldades na escrita, na interpretação de texto, na comunicação oral (utilizando a variante da norma padrão); a ausência de práticas de leituras, a falta de planejamento textual, as marcas de oralidade no texto escrito, a falta de desenvolvimento argumentativo coerente, a pouca ou nenhuma "bagagem de leitura".

2. DA EXTENSÃO E DO DIÁLOGO: UMA PROPOSTA PARA FORMAÇÃO CONTÍNUA NA ACADEMIA

Ressaltemos o ideal de uma Universidade democrática, inclusiva, conforme postulava Anísio Teixeira, indutora de desenvolvimento humano, econômico e tecnológico. Esse ideal de Universidade possui diversos desafios no Brasil e ainda mais enfaticamente em contextos de interiorização, como no caso do Recôncavo. Entre os desafios, nesse contexto, podemos destacar o processo de afiliação à vida universitária, que, segundo Alain Coulon (2008), é mais longo, com mais percalços e obstáculos para as camadas antes excluídas.

Há ainda o agravante de muitos acadêmicos não saberem o papel que devem assumir. Admitem (quando admitem) que possuem dificuldades na escrita e na leitura, por exemplo, mas não assumem o papel de estudante, a identidade acadêmica. No entanto, a assunção desse papel facilita o trânsito entre os conhecimentos, abre caminhos possíveis para diminuir as lacunas de etapas educacionais anteriores. O domínio da língua na variante da norma padrão (em sua modalidade e registro oral e escrito), à guisa de ilustração, certamente é um desses percalços e obstáculos com os quais o Cecult-UFRB depara-se atualmente.

Vale ressaltar que o desenvolvimento da competência linguística em referência não é um fim em si mesmo. Na vida acadêmica, o estudante precisa de pontes para estabelecer um diálogo entre os seus conhecimentos prévios e os novos a serem assimilados. E não é fácil a construção. Adquirir novos conhecimentos, dialogar com o entorno e superar lacunas é trabalhoso. O aluno universitário precisa compreender e aceitar seu papel de estudante e, além disso, ter consciência das lacunas trazidas de anos anteriores ao Ensino Superior devido à negação ou supressão de diretos em outros níveis de ensino. Destaquemos que a proficiência na língua em sua diversidade de registros e modalidades, competências e habilidades previstas no Ensino Básico, é fundamental para o aluno tanto na trajetória universitária, quanto na sua vida pessoal, profissional e social.

Entendemos que um caminho possível de atuação nesse contexto é o da extensão, ampliando e potencializando o ensino e a pesquisa da Universidade junto à comunidade externa e interna.

3. DO PROGRAMA DE LÍNGUA PORTUGUESA, LITERATURA E FORMAÇÃO CONTINUADA (PROLLI)

Cabe, inicialmente, ao estudante assumir verdadeiramente o papel de acadêmico, consciente de seu percurso até o momento presente, cabe à Universidade possibilitar situações e oportunidades para que o acadêmico possa desenvolver suas potencialidades e corrigir problemas atuais, mas de origem anterior à entrada na vida universitária. A Extensão universitária é uma das possibilidades de fazê-lo. No seu sentido mais "estrito", ela é diálogo entre os conhecimentos e o fortalecimento do espaço de trocas de experiências. Busca, desse modo, promover um fluxo de diálogo entre o ensino formal e para além dele, para além dos muros da Instituição, abrindo-se também à comunidade externa, sempre no sentido de cooperação e proatividade.

Das dificuldades mencionadas, de variadas ordens e motivos, surge a mobilização dos professores responsáveis pelo componente "Laboratório de Leitura e Produção de Textos Acadêmicos" para iniciar uma ação pontual: a Oficina de Língua Portuguesa. Tal ação visava a diminuir a lacuna gramatical, de estratégias de leituras e a implementação de conhecimentos instrumentais sobre o uso da Língua Portuguesa, considerando suas modalidades, registros e contextos de adequação. A procura aumentou e as estratégias e ações também, a ação pontual desdobrou-se em um Programa de extensão.

Dessa forma, o Programa de Língua Portuguesa, Literatura e Formação Continuada (ProLLi) oferece cursos, oficinas, eventos e palestras que promovem uma aproximação entre o público-alvo (discentes regulares, servidores, alunos de Ensino Médio, abrindo-se inclusive para a comunidade em geral) e a Literatura, a Língua Portuguesa e a Formação contínua em outras frentes (letramento matemático e digital). Para tanto, o ProLLi estipulou os seguintes objetivos: a) Oferecer cursos regulares e atividades em Língua Portuguesa, Literatura e Formação Contínua no Cecult em outros Centros da UFRB e em Escolas Estaduais e/ou Municipais; b) Minimizar as dificuldades advindas da sala de aula e do ambiente universitário; c) Subsidiar conhecimentos instrumentais sobre o uso da Língua Portuguesa, considerando suas modalidades, registros e contextos de adequação; d) Proporcionar mecanismos de percepção e produção literária; e) Instrumentalizar o acadêmico na aplicabilidade da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) e edição de textos acadêmicos em programa específico (Word).

Em um ano de atuação colhemos pequenos, mas significantes, frutos. O caminho é longo e feito com pequenas mudanças. As lacunas educacionais foram calcadas por anos. Portanto, temos plena consciência de que é preciso continuidade e persistência para que se concretizem essas transformações.

Fotos da primeira turma da Oficina de Língua Portuguesa: Leitura e escrita - maio de 2016

É relevante dizer ainda que os alunos, ao final do curso, fizeram uma avaliação da atividade, sem que houvesse identificação do discente. 70% deles avaliaram o curso como excelente e 30% como bom. Na questão sobre a aplicabilidade do conteúdo ensinado ao cotidiano acadêmico e/ou profissional do aluno, 90% declararam que os assuntos discutidos foram úteis para sua produção textual. São apenas indícios de que estamos no caminho certo.

A nossa expectativa ainda é de que, ao final de cada atividade oferecida, além de construir novos conhecimentos, expandindo sua área de conhecimento prévio, os participantes adquiram, de maneira substancial, o ímpeto de atuação cidadã replicando nos seus espaços sociais os conhecimentos construídos e as competências desenvolvidas. Seguiremos, dessa forma transformando a realidade em que a Universidade está inserida.

Assim, com o intuito de enfrentar um problema que agora é nosso, o ProLLi está disposto a agir com ações que integralizam o ensino, a pesquisa e a extensão, e que dialogam com a pluralidade de vivências e com a interculturalidade em uma perspectiva interdisciplinar, atuando frente a demandas oriundas da comunidade acadêmica e externa à academia. Buscamos, desse modo, implementar a autonomia estudantil, contribuir, efetivamente, com a formação de um sujeito proativo, reflexivo e favorecer a construção de um cidadão consciente das suas potencialidades na Universidade e fora dela.

REFERÊNCIAS

COULON, Alain. A Condição de estudante: a entrada na vida universitária. Salvador: EDUFBA, 2008.

WOTLING, Patrick. Vocabulário de Friedrich Nietzsche. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 24

24

GUILHERME R. SOARES

LABORATÓRIO DE GAMBIARRAS APLICADAS (LAB0GAM)

O Laboratório de Gambiarras Aplicadas é uma metodologia poética e pedagógica para apropriação tecnológica na construção de novas interfaces para performances artísticas, jogos digitais e processos lúdicos de aprendizado. Tem foco em aspectos sonoros e de relações entre corpo, imagem, gestual musical e na soberania de compartilhamento de códigos e esquemas.

Durante o ano de 2016, o grupo organizou-se a partir de encontros presenciais semanais em busca de identificar estudantes com maior interesse em lidar com códigos de programação, construção e reciclagem de dispositivos eletrônicos. Estes encontros serviram para construir uma base de conhecimentos compartilhados sobre construção de sintetizadores musicais, projetos originais básicos de automação de iluminação e projeção, noções sobre sistemas operacionais livres e linguagens de programação usadas em contextos artísticos.

Enfrentamos ainda algumas dificuldades já esperadas: como a falta de um espaço de base (considerando também o trâmite de mudanças que ocorreram em nosso centro) e recursos para manutenção de um material de consumo e uso corrente no laboratório. No momento ainda contamos com recursos próprios e envolvimento voluntário dos estudantes. No entanto, na medida do possível este primeiro semestre de encontros mais constantes serviu para encontrarmos algumas pautas e dinâmicas que agora facilitam a adesão de novos estudantes e a definição de estratégias para oferecer percursos que possam dar conta dos projetos almejados pelos estudantes.

Os primeiros exercícios aconteceram também complementando referências e contextos teóricos no seminário "Plásticas Sonoras"[1]. Focamos em alguns procedimentos para construção de sintetizadores musicais e sequenciadores de amostras sonoras, fazendo

1 http://plasticassonoras.wordpress.com/

um percurso que iniciava com a identificação de componentes eletrônicos básicos e a construção de dispositivos simples em placas de protótipo, baseadas em experimentos clássicos descritos por Nicollas Collins em "Handmade Eletronic Music" e que serviram também de base para entendimento prático de como seria possível construir computadores básicos a partir de microchips de operações lógicas simples, disponíveis comercialmente há mais de 30 anos.

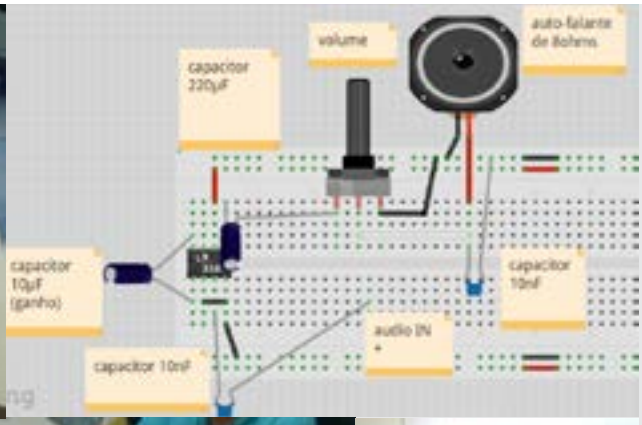
Entendido o procedimento básico para a construção dos sequenciadores, ficam mais nítidas as alternativas de percurso que incluem programação, já que os dispositivos que seguem um aperfeiçoamento pela extensão de módulos dos sequenciadores e sintetizadores dispensam programação, mas rapidamente tornam-se complexas costuras modulares. Estes podem se orientar pela didática ou mesmo despertar o interesse pela plástica do excesso de fios e conexões reveladas a olho nu ou em esquemáticos, assim como um convite a procedimentos de programação que resolvam estes problemas físicos com códigos computacionais.

Em seguida, trabalhamos com alternativas dos procedimentos utilizando microcontrolador (Arduino) e a possibilidade de controlar parâmetros programados com a linguagem Puredata. Os estudantes tiveram uma experiência prática básica usando as bibliotecas de programação do Arduino e utilizaram o protocolo Firmata para experimentos de controle de hardware customizado e softwares que construíram com essas linguagens.

No momento, passamos por adaptação do projeto às instalações da nova sede do Cecult - UFRB e estamos redimensionando atividades para algumas demandas específicas dos alunos que já compreenderam algumas possibilidades. Projeta-se um calendário de atividades pontuais para os próximos meses, tentando prever uma logística viável de materiais que dêem conta de tais demandas.

A primeira atividade iniciada na nova sala da sede Pedro Lago que já está sendo pautada como rotina a ser repetida sazonalmente é a Metareciclagem para Experimentos Computacionais: processo de triagem e reciclagem de computadores .

A medida iniciou-se com uma busca por computadores e periféricos que estão descartados ou subutilizados, dentro da própria estrutura da UFRB, a partir do setor de patrimônio. Buscamos lotes de equipamentos com problemas e a possibilidade de construir um processo de organização de peças sobressalentes retiradas dos equipamentos parcialmente danificados. Buscamos também dar novos usos, testar sistemas operacionais e softwares customizados para uso nas artes, música e design. O material também serve como base para


volume
auto-falante
de 8ohms
capacitor
220µF
capacitor
10µF
(ganho)
capacitor
10nF
audio IN
capacitor 10nF

L4bg4m
pd
Introdução à computação sonora!
Aprendendo a programar com PureData

ELEVE-SE#

estudo, pesquisa e ilustração de exposições teóricas sobre o funcionamento de hardware de diversas gerações, modelos e épocas disponíveis.

Com isso conseguimos envolver estudantes e docentes em um processo real de otimização de recursos computacionais, pesquisa sobre padrões industriais de hardware em uso, customização de hardware e software para projetos de artes, música e design, estabelecimento de uma rotina de triagem e manutenção de equipamentos de um laboratório de experimentos computacionais que leve em conta estes processos.

Nesta primeira fase selecionamos peças de um material de 8 laptops Core i5/i3 e destes já reciclamos 5 máquinas que estão em funcionamento e com dual boot Windows/Linux. Os computadores já estão sendo utilizados também nas aulas da matriz curricular do BICULT - Eletrônica e Interatividade, ministradas pelos profs. Guilherme Rafael Soares e prof. Alcindor Antônio Diniz de Oliveira, que exigem maior possibilidade dos estudantes configurarem e abrirem as máquinas. O equipamento também foi utilizado com ótimo desempenho em gravação de apresentação ao vivo do Mestre Sapopemba, atividade aderente a este projeto e coordenada pelo prof. Victor Hugo Soares Valentim.

No final de novembro de 2017 estamos dando suporte à "Oficina de Softwares Audiovisuais Livres" ministrada pelo desenvolvedor da plataforma ArrastVJ - para VideoMapping e manipulação interativa de video ao vivo Bruno Rohde.

Para os próximos meses, pretendemos oferecer alguns cursos básicos: Construção de Síntetizadores e Samples, Computação Musical Básica com PureData, Aplicativos Musicais com Mobmuplat, Introdução à Programação.

CECULT UFRB
Centro de Cultura, Linguagens
e Tecnologias Aplicadas

UFRB
Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia